

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**TESE DE DOUTORADO**

**Ciência, literatura e civilidade**

**Autor: Pedro da Cunha Pinto Neto**  
**Orientador: Prof. Dr. Mansur Lutfi**

**Campinas**  
**2001**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP  
Bibliotecária Rosemary Passos - CRB-8ª/5751**

P658c Pinto Neto, Pedro da Cunha.  
Ciência, literatura e civilidade / Pedro da Cunha Pinto  
Neto . -- Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Mansur Lufti.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ciência. 2. Literatura brasileira. 3. Imaginário.  
4. Representações. I. Lufti, Mansur. II. Universidade Estadual  
de. II. Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO na Área Temática: Educação, Ciência e Tecnologia à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Mansur Lutfi.



## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de começar agradecendo aos colegas do DEME, pelo carinho e afeto com que me receberam, pela solidariedade que demonstraram e pelo incentivo neste trabalho e, ao mesmo tempo, de deixar registrados os meus agradecimentos a algumas pessoas em especial: Angela, Antonio Carlos, Áurea, Carmem, Dirceu, Eliana, Eloísa, Joaquim, Jorge, Márcia, Norma, Roseli e Alexandria, nossa secretária.

Gostaria de agradecer, especialmente, à Maria José, colega de grupo de pesquisa, pelo incentivo e amizade, e pela leitura crítica do texto da qualificação; agradeço também aos companheiros do gepCE, com os quais pude compartilhar e discutir o meu trabalho. A todos, meu muito obrigado.

A Cristina Bruzzo e Lilian, amigas preciosas, sou grato pela leitura que fizeram do texto da qualificação, instigando a novas reflexões, permitindo, assim, alargar os horizontes deste trabalho.

Ao meu orientador, Mansur Lutfi, pela confiança que sempre depositou em mim, pelo incentivo, pelas contribuições que trouxe para este trabalho e pela amizade.

Ao CNPq, do qual recebi uma bolsa no primeiro ano de doutorado; à Faculdade de Educação, pelo apoio institucional, a todos aqueles que trabalham nesta instituição e, de alguma forma, contribuem para o sucesso deste e de muitos outros trabalhos.

A tese é também um momento de recolhimento, nela passamos um bom tempo de nossa vida, o que exige que fiquemos ausentes de muitas coisas que fazem parte da vida, ao mesmo tempo que deixamos de compartilhar de muitos momentos com as pessoas queridas. A todos que me permitiram este recolhimento e àqueles que viveram a minha ausência, gostaria de agradecer e dedicar este trabalho. Em especial, aos meus familiares: a minha mãe, Irene, minha irmã, Neli, aos sobrinhos, sobrinhas e seus pares: Adriana e Ralf, Alessandra e Osvaldo, Lívia, Rodrigo, Henrique, e aos sobrinhos-netos, Gustavo e Mateus.

Finalmente, a duas pessoas que viveram as alegrias e as agruras deste trabalho: a Heloísa, companheira de todos os momentos, que compartilha comigo esta aventura ao mesmo tempo que vive a sua, e a Laís, uma menina que não nos deixa esquecer as alegrias da vida.

Eis a tese! Poder dizer estas palavras me dá muita alegria. É bom também poder contemplá-la em sua materialidade. Agora pode ser carregada debaixo do braço, mostrada aos amigos, ocupará o lugar que lhe foi reservado na estante e, o que é mais importante, poderá ser lida, ganhando vida através de seus leitores.

Cheguei ao fim, um pouco cansado, é claro, mas feliz. Dei vazão às minhas inquietações e aos meus sonhos. E o que não é a vida, senão realizar sonhos?!

À memória de meu pai Dorival, e de minha irmã Brígida, pessoas amadas, personagens da minha história, os quais perdi no período em que realizava este trabalho.

A Heloísa e Laís, esposa e filha, pelo amor que compartilhamos.

## **Resumo**

O presente trabalho busca compreender a produção de representações sobre a ciência e o fazer científico, num momento em que as iniciativas de constituição de centros de formação e pesquisa científica, no Brasil, ainda eram incipientes. Para tanto, toma como fontes romances brasileiros produzidos no final do século XIX e início do século XX, que remetem a elementos da ciência do período. Este conjunto de representações, posto em circulação por meio da produção cultural, especialmente da literatura, configura-se em elemento fundamental para a compreensão do processo de inserção da ciência e das idéias científicas em nossa cultura.

## **Abstract**

This work seeks to understand the production of representations about science and the scientific makings at the moment which the initiative for forming educational centers and scientific research, in Brazil, were still just beginning. Therefore, fountains of Brazilian Romances produced at the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth remit scientific elements of the period. This collection of representations, put in circulation in the middle of the cultural production, especially of literature, shape the fundamental element for the comprehension of the process of the insertion of science and of scientific ideas in our culture.



# SUMÁRIO

**Apresentação 15**

**Introdução 19**

**1 Espíritos superiores 45**

O laboratório 47

Nos braços da ciência 51

A natureza 57

A técnica 60

A túnica de Dejanira 69

**2 Distintos cavalheiros 73**

O civilizado 75

O esquisitão e o travesso 79

O fidalgo 90

O doutor 94

Ilustrações da natureza 101

**3 Educação moderna 103**

Aula de astronomia 105

Lições de vida 112

Aula de geografia 113

Novos tempos 119

Duas escolas 126

**4 Perigos da leitura 129**

Alienação 131

Tibieza 140

Rudeza 147

Deslumbramento 151

**Cruzando histórias 163**

**Bibliografia 185**



## **Apresentação**

*Através da arte, distanciamo-nos e ao mesmo tempo aproximamo-nos da realidade.*

Goethe

## **Apresentação**

*Ao historiador das economias e das sociedades, que reconstitui o que existiu, opor-se-ia, efectivamente, o das mentalidades ou das idéias, cujo objecto não é o real mas as maneiras como os homens o pensam e o transpõem. (Chartier, 1990, p.62)*

Este trabalho é o resultado de uma incursão na produção literária brasileira do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, na qual se buscou as representações<sup>1</sup> sobre a ciência e o fazer científico que se fazem presentes em algumas obras.

Escolheu-se como objeto de estudo alguns romances do período, sendo que a maior parte dos títulos analisados possui edições recentes e compõe a nossa literatura de uso escolar. Deu-se destaque às “imagens literárias”<sup>2</sup> que expõem elementos da ciência daquele momento, o uso de explicações e teorias científicas na composição das obras e as múltiplas definições para o papel da ciência na sociedade.

Cabe destacar que nas “referências diretas” à ciência aparecem citações de textos científicos, referências a autores e obras, descrições de aparelhos e

---

<sup>1</sup> Sobre o conceito de representação e o seu significado para a abordagem que aqui está sendo feita nos reportamos a Chartier (1990): “Há aí uma boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem a nível da história cultural. Mas a razão é outra. Mais do que o conceito de mentalidade, ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; secundamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade”. (p.23)

práticas, assim como o uso de termos que são próprios do vocabulário de algumas áreas do conhecimento. Nas “referências indiretas” observa-se que determinadas teorias científicas, em destaque naquele momento, foram usadas como elemento que explica e define as ações dos personagens, definindo, assim, o desfecho da trama.

Procurou-se também analisar os textos no que diz respeito às suas estruturas narrativas, as quais permitiram incorporar ao texto literário o discurso científico e, por outro lado, dar um tom de cientificidade ao discurso literário.

Pode-se dizer que este trabalho é uma tentativa de avanço na compreensão do processo de formação de um imaginário sobre a ciência, o fazer científico e os seus significados sociais. Considerar-se-á o papel da produção cultural neste processo, especialmente da literatura, enquanto produto cultural em circulação através de diferentes impressos – livros e jornais –, que ocupam um lugar especial naquele momento.

O texto resultante deste trabalho foi composto de forma a privilegiar os romances analisados. Depois de um processo de seleção e escolha, optou-se por explorar algumas das histórias que compõem os romances, começando por uma particularidade – uma imagem – e expandindo de formar a se chegar aos elementos que são comuns ao romance e, em alguns casos, às características do autor.

Ao final faz-se o cruzamento de algumas histórias, buscando identificar as homologias e antíteses, procurando assim compor um quadro das diferentes formas pelas quais a ciência foi representada num determinado momento histórico.

---

<sup>2</sup> Estarei definindo como “imagem literária” aqueles momentos do texto que chamam o leitor para a construção de uma imagem mental, neste caso, especialmente, para aquelas que remetem a elementos relacionados à ciência.

## **Introdução**

*Ligações de tempestade, e às vezes perigosas, até ao divórcio, mas onde os parceiros não cessam de lançar-se olhares de desejo... As relações entre a ciência e a literatura nem sempre são simples.*  
(Vierne, 1994, p. 79)

## Ciência e literatura

*Os homens de 1960 já não se admiravam diante dessas maravilhas; serviam-se delas tranqüilamente, sem ficarem mais felizes por isso, pois, com seu ritmo acelerado, suas atividades apressadas, seu ardor americano, percebia-se que eram acossados sem interrupção pelo demônio da fortuna.*

Júlio Verne, *Paris no século XX*

No decorrer do século XIX o contato com os produtos da ciência e da técnica e as transformações que estas vinham operando<sup>3</sup> permitiram aos homens vislumbrar um futuro no qual a ciência com seus produtos passam a compor a vida na sua totalidade. É um momento de transformação das relações do homem com a natureza e da própria sociedade. Na produção cultural os ícones daqueles novos tempos e os conceitos a eles associados, tais como conforto, velocidade, racionalidade e

---

<sup>3</sup> Sevcenko analisa o desenvolvimento das ciências e as mudanças que se operam no final do século XIX: “Ficava desse modo por demais transparente a relação entre o desenvolvimento cultural e crescimento material, no transcurso das transformações operadas no cenário europeu em torno da década de 1870. O estabelecimento de uma vanguarda científica na área do conhecimento, centrada ao redor das Ciências Naturais, esteve por trás de toda uma série de fenômenos que revolucionaram a sociedade do Velho Mundo. Mais ainda, foi essa vanguarda que definiu os três saltos imensos que mudariam o destino de praticamente toda a humanidade nos anos que se seguiram.

Em primeiro lugar, ela proporcionou uma nova explicação de totalidade para o surgimento, a existência e a condição da espécie humana através da teoria darwinista. Não só essa interpretação alternativa dispensava a tutela tradicional do clero e dos filósofos, sendo facilmente haurida em opúsculo de ampla divulgação como logo; em virtude mesmo da sua acessibilidade elementar, foi vulgarizada como uma teoria geral do comportamento e da ação humana (darwinismo social, struggle for life) tornando-se o credo por excelência da Belle Époque. Em segundo lugar, os avanços na área da microbiologia permitiram a Revolução Sanitária, promovendo a explosão demográfica e a escalada maciça da urbanização. Em terceiro, suas pesquisas no campo da física e da química aplicadas forneceram as bases da II Revolução

produtividade, se instauram associados às representações dos novos modos de produzir, consumir e viver.

As obras maravilhosas criadas pela mão do homem, o vigor animal do triturante pilão a vapor, os diligentes espíritos servis das máquinas de costurar e de escrever, a transmissão instantânea em escala mundial de informações mediante a telegrafia elétrica, toda a avalanche de inovações, não só incitavam em seu caráter inédito a ser admiradas e exibidas em âmbito de culto pseudo-religioso; induziam à firme convicção de que a humanidade, graças ao sistema mecânico por ela inventado, logo estaria em condições de criar seus próprios paraísos terrestres. E se isso não fosse possível no sistema capitalista, sê-lo-ia com certeza sob uma forma comunista. (Plum, 1979, p.5)

Pautadas nas possibilidades criadas pela introdução das inovações, as construções sobre o futuro produzem imagens, que tornam possível aos homens daquele momento vislumbrar as possíveis transformações que estavam por vir. Embora se tratasse de especulações, inseridas em fabulações que fazem do futuro o seu tema, tais produções irão servir para elevar muitas daquelas inovações à condição de objetos do desejo.

A partir da segunda metade do século XIX tornam-se mais presentes, principalmente na Europa e na América, mecanismos específicos para a divulgação das conquistas da ciência e da técnica, como foram as Exposições Mundiais.

As exposições funcionaram como síntese e exteriorização da modernidade dos “novos tempos” e como vitrina de exibição dos inventos e mercadorias postos à disposição do mundo pelo sistema de fábrica. No papel de arautos da ordem burguesa, tiveram um caráter pedagógico de “efeito-demonstração” das crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica, etc. (Pesavento, 1997, p.14)

Concebidas enquanto grandes vitrines que expõem as últimas novidades da ciência e da técnica, criam a oportunidade para que o homem comum tenha contato direto com tais produções. Possuem um caráter educativo, pois, além de mostrar, também instruem quanto ao uso adequado que deveria ser feito de cada um dos objetos ali exposto.

---

Industrial, também chamada, por isso mesmo, de Revolução Tecnológica. É fácil verificar que o sucesso e as decorrências das duas últimas cadeias de fenômenos reforçaram a primeira”. (Sevcenko, 1995, p.81)

Ao mesmo tempo, a construção dos grandes monumentos que marcam as exposições testemunha os novos limites da capacidade humana, que se expande cada vez mais, impulsionada pelas conquistas da ciência e da técnica. Mas o caráter simbólico que adquirem tais monumentos vai muito além de uma apologia da capacidade de erigir grandes obras de engenharia.<sup>4</sup>

Este processo que insere no imaginário dos indivíduos a possibilidade de uma transformação no seu modo de viver, pela introdução das inovações geradas pela ciência e a técnica, vai se consolidando na segunda metade do século XIX, e se dinamiza no século XX. Esta dinamização do processo se dá também pelo surgimento, desenvolvimento e popularização de novos veículos de comunicação, que são, antes de tudo, frutos das conquistas da ciência e da técnica.

Primeiramente cabe às sociedades industriais a difícil tarefa de fazer com que cada um dos seus membros entenda o presente, compreenda as inter-relações e fazer com que as perspectivas para o futuro sejam explicitadas. Para isso é preciso criar e utilizar veículos de informação. Ainda que no século XIX tenham sido exposições, livros e jornais os que serviam a tal finalidade, dentro dos limites modestos, no século XX, entretanto, proliferaram ilimitadamente as possibilidades e a quantidade de veículos de informação de que dispõem as sociedades industriais, tais como telefone, rádio, gravadores, livros de bolso e a televisão. (Plum, 1979, p.35)

Se entre as formas de divulgação das conquistas da ciência e da técnica as Exposições Mundiais ocuparam um lugar privilegiado, já que permitiram a milhões de pessoas<sup>5</sup> contemplar as “maravilhas” que estavam sendo produzidas, os outros veículos de divulgação, e especialmente os impressos – livros e jornais – tiveram um papel singular<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Werner Plum (1979) faz referência a estes “símbolos babilônicos erigidos pela sociedade industrial”, tomando três casos como exemplares: “*O Palácio de Cristal*, projetado por Joseph Paxton (1801-1865), que abrigou a exposição mundial de 1851 em Londres, foi um fascinante monumento à capacidade técnica, com que a sociedade industrial burguesa manifestava seu orgulho. [...] Com essa construção arquitetônica anunciava-se uma nova forma de cooperação entre a ciência, a técnica e a indústria, que sobre a base da *planificação, standardização e produção em massa*, converteu-se num fator decisivo para a organização e forma de trabalho do sistema industrial moderno. *A Estátua da Liberdade*, que o escultor francês Frédéric Auguste Bartholdi (1834-1904) apresentou, ainda inacabada, na exposição mundial de Paris, de 1878. [...] O símbolo das liberdades democráticas ia mão a mão com o culto do monumento à técnica mecânica, a qual ia assumindo a forma humana. *A Torre Eiffel*, com seus 300 metros de altura, emblema da Exposição Mundial de Paris, de 1889, foi por algum tempo a obra arquitetônica mais elevada do mundo. [...] A torre encarnava uma nova concepção de mundo”. (Plum, 1979, p.30-2)

<sup>5</sup> As Exposições Mundiais foram amplamente visitadas, atingindo não só as elites, mas também parte da classe trabalhadora; a Exposição de Paris em 1900 recebeu um público de 50 milhões de visitantes.

<sup>6</sup> A questão da divulgação dos conhecimentos produzidos pela ciência, principalmente através das publicações, remete a um processo que se constrói por diferentes caminhos, como, por exemplo, pelo

Participando do processo de divulgação dos conhecimentos técnicos e científicos, assim como das representações sobre a ciência da técnica, a circulação dos impressos permitiu que, pelo menos as representações sobre as novas conquistas, chegassem a lugares nos quais os objetos e as práticas ainda não conseguiam chegar.

Surge então uma literatura que participa diretamente deste projeto de divulgação, como é o caso da obra de Júlio Verne<sup>7</sup> que, partindo das possibilidades criadas pelas inovações técnicas e descobertas científicas, muitas delas apresentadas nas Exposições Mundiais, faz projeções sobre seus usos, inserindo tais objetos nos contextos descritos em sua ficção. Werner Plum estabelece uma sintonia entre a literatura de Júlio Verne e o projeto das Exposições Mundiais:

*A ilusão* requeria uma *ilustração*, deveria ser interessante para não se converter num desencanto frente ao acúmulo de dificuldades econômicas e sociais que iam surgindo.

Um dos grandes mestres da ilustração de ilusões cosmo-estratégicas foi o escritor francês Júlio Verne (1828-1905). Seus romances sobre viagens extraordinárias bem podem ser lidos como catálogos e introduções para as exposições mundiais do século XIX. Neles se exalta o homem novo, o descobridor e inventor. Júlio Verne converteu de imediato em realidade as sugestões da técnica moderna que acabava de iniciar seu desenvolvimento. (Plum, 1979, p.50)

---

sonho dos enciclopedistas de que “todas as pessoas instruídas poderiam beneficiar-se de tratados que lhes davam acesso aos mistérios das ciências”. Este sonho levará os revolucionários franceses a fomentarem a publicação de obras científicas do final do século XVIII e início do XIX. Dhombres mostra que este movimento não obtém o sucesso esperado pelos revolucionários, pois a especialização das áreas do conhecimento faz com que o interesse pelas obras científicas fique restrita aos especialistas. “O livro científico era agora dirigido apenas a seus fiéis (cujo número, é certo, crescia impressionantemente); suas páginas não tinham interesse para o leigo”. Surgem dois tipos de obras para preencher essa lacuna. “O primeiro era a popularização científica, levada a grandes alturas no século XIX. [...] O segundo era a produção de manuais até o nível de admissão na universidade”. (Dhombres apud Darton, 1996, p.284-5)

<sup>7</sup> Como veremos, há diversas leituras da produção literária de Júlio Verne. Martin Lyons chama a atenção para a publicidade que Hetzel, o seu editor, fará de sua obra, atribuindo-lhe um caráter pedagógico: “O próprio Hetzel promovia as histórias de Júlio Verne como trabalhos com objetivos científicos sérios e argumentava que eles demonstravam a capacidade da ciência e da energia humana para superar toda a adversidade. Sua publicidade visava idealmente à família como um todo, imaginando *la lecture en commun faite au coin du feu* ( a leitura em conjunto feita perto da lareira). Mesmo assim, o discurso sobre Verne enfatizava o seu valor pedagógico e incentivava uma leitura científica e positivista dos *Voyages extraordinaires*.”

Nem o próprio Verne nem seus ilustradores corresponderam plenamente a tais sentimentos. O autor abordou temas científicos de maneira tópica em geologia, astronomia e exploração, mas, simultaneamente, ele inventou um novo tipo de romance de aventura para adolescentes. Nos romances de Verne existia potencialmente uma dicotomia de objetivos, na qual o espírito de fantasia e aventura lutava para transcender os fins científicos e pedagógicos. Segundo Isabelle Jan, tal fato “criou o profundo mal-entendido que estava no cerne do relacionamento entre Verne e seu editor Hetzel.” (Lyons apud Chartier & Cavallo, 1996, p.184)

Constitui-se assim uma literatura que será denominada de “literatura de antecipação”, pois, a partir dos novos produtos apresentados pela ciência, faz projeções sobre possíveis inovações tecnológicas que deles derivarão ou, simplesmente, trata do uso de algumas novidades, projetando a sua introdução na vida cotidiana.

Simone Vierne<sup>8</sup> (1994) nos chama a atenção para o que irá denominar de “efeito Júlio Verne”, mostrando que os recursos literários utilizados na “inclusão, nítida e confessa, da ciência no discurso literário”, atribuirá novos significados sociais à ciência e à própria literatura. Vierne concluirá dizendo que “o ‘efeito Júlio Verne’, consiste em fazer-nos mergulhar, por meio da referência à ciência, fora da ciência” (1994, p.91).

Mediante o recurso de uma forma romântica atraente, subscrevendo com entusiasmo e cumprindo o seu contrato com Hetzel nesse sentido, ele deverá incorporar tudo o que as ciências e as técnicas, cujo progresso explode nessa segunda metade do século XIX, trazem de novo e que o homem deve assimilar desde a adolescência, se quiser manter o contato com esse mundo moderno que está se estruturando com uma velocidade vertiginosa. Num grande impulso criativo, que tem algo a ver com a ideologia da “educação para todos, leiga e gratuita”, os romances de Júlio Verne (publicados primeiramente numa coletânea de que Jean Macé é um dos diretores) têm a missão de desempenhar o papel das enciclopédias e das obras de vulgarização, mas com os meios próprios da literatura. Em 1864, ano do primeiro Viagens extraordinárias, a ciência entra na literatura por meio de uma efração perfeitamente bem tolerada, por amparar-se no pretexto didático de instrução da juventude. Com efeito, Júlio Verne inclui nos seus romances extratos de textos científicos mal retocados, sejam francamente apostos em parataxe, por uma voz em off, sejam atribuídos a uma “voz autorizada”, a do cientista que acompanha as expedições de exploração, ou do médico, quando não do jornalista. O discurso então se apresenta de uma maneira viva – com a verossimilhança complementar oferecida pela própria realidade da viagem da época (notadamente por mar; passa-se o tempo instruindo-se), ou pelas situações imaginadas de permanências em ilhas, ou lugares fechados. (Vierne, 1994, p.87-8)

Identifica outros recursos que Júlio Verne utiliza para inserir e atribuir significado à ciência em seus romances, procurando compor uma certa sintonia entre o que é característico do gênero e a introdução dos temas concernentes à ciência.

---

<sup>8</sup> Em primeiro lugar Vierne chama a atenção para a importância desta obra, dado o sucesso que obtém a partir da segunda metade do século XIX até os dias de hoje. “Existe um autor, injustamente menosprezado, que tentou inaugurar uma nova relação entre a literatura e a ciência, e que merece mais do que curiosidade – mesmo que fosse apenas por causa da grande difusão da sua obra, inclusive no mundo

Existem, no mais, dois níveis: o próprio tema do romance que se baseia na ciência (descoberta geográfica e cósmica, exploração das conquistas técnicas da ciência), e ao longo do percurso, adquire-se o maior número de conhecimentos possíveis, numa relação mais ou menos próxima com aquilo que constitui o motor da ação romanesca. (Vierne, 1994, p.89)

O conjunto de todos os recursos com os quais Júlio Verne constrói sua literatura produz efeitos, alguns diretos, outros concernentes ao imaginário.

Um desses efeitos é de certa maneira direto, e corresponde ao objetivo manifestado pelo editor e pelo seu autor: muitos exploradores e cientistas confessam ter descoberto a sua vocação através da leitura adolescente dos romances de Júlio Verne. (Vierne, 1994, p.88)

Há outro efeito que me parece igualmente interessante, notadamente no que concerne ao imaginário. Os fragmentos de ciência inseridos no romance não são incrustações ornamentais, que poderiam ser alegremente suprimidos (como efetivamente ocorreu em certas edições...) e saltados na leitura. Evidentemente, eu não juraria que todos os leitores de *Vinte mil léguas submarinas* tenham lido por inteiro as listas de peixes e de conchas que permeiam a obra – ainda que elas encerrem em si mesmas uma estranha carga poética. O papel dessas “inserções” não é puramente didático. A presença maciça, deliberada, de um saber racional, devidamente autenticado como tal por suas referências, e exaltado enquanto explica o mundo e permite dominar as suas forças e os seus mistérios, desempenha uma função perversa, de que Júlio Verne não estava (plenamente?) consciente, e Hetzel menos ainda, porque isso o teria chocado profundamente nas suas convicções humanitárias e progressistas. Naquela época, e mais claramente ainda nos nossos dias, está fortemente radicada no inconsciente do leitor a convicção de que não existe outro conhecimento verdadeiro a não ser o conhecimento de ordem racional, segundo uma lógica do *tertium non datur*. Dessa lógica, porém, o gênio do autor sutilmente se afasta (muitas vezes contra as recomendações de Hetzel). A presença maciça e convincente dessa *referência verdadeira* provoca uma espécie de *descontração*, um afrouxamento das barreiras que a razão lógica opõe a toda incursão nos domínios do sonho, do fantástico, do imaginário. Com uma racionalidade sempre exigente e sobranceira, segura quanto à seriedade da informação e do informante, as forças do imaginário se introduzem tanto na criação como na leitura, permitindo interpretações poéticas e míticas (que de resto salvam os romances de Júlio Verne do inevitável envelhecimento desse gênero de obras, pois que a ciência progride, tornando rapidamente caducas as certezas ou as técnicas). (Vierne, 1994, p.89)

Haverá também, ao longo da segunda metade do século XIX, a tentativa de constituir uma literatura com base nos princípios que regem as ciências

---

de hoje, e por causa da diversidade dos seus leitores, em princípio adolescentes, mas também seus pais, como dão testemunho tanto o seu editor Hetzel como os críticos da época”. (Vierne, 1994, p.87)

experimentais. O projeto literário proposto por Emile Zola<sup>9</sup> buscará nas ciências naturais e, especialmente na fisiologia<sup>10</sup>, um modelo para o que irá denominar de “o romance experimental”.

Vou tentar provar por minha vez que, se o método experimental conduz ao conhecimento da vida física, ele deve conduzir também ao conhecimento da vida passional e intelectual. É apenas uma questão de graus no mesmo caminho, da Química à Fisiologia, e em seguida, da Fisiologia à Antropologia e à Sociologia. O romance experimental fica na extremidade. (Zola, 1982, p.26)

Zola parte de uma concepção de evolução das ciências – “o romance experimental é uma consequência da evolução científica do século” (Zola, 1982, p.46) –, tanto no sentido histórico, como na hierarquização dos conhecimentos, que, começando com as ciências naturais, chegariam às ciências do homem, atingindo a todas as formas de conhecimento, inclusive a literatura.

Vou limitar-me, para não complicar excessivamente o raciocínio. Eis, portanto, o progresso da ciência. No século passado, uma aplicação mais exata do método experimental cria a Química e a Física, que se desprendem do irracional e do sobrenatural. Graças à análise, descobre-se que há leis fixas: os fenômenos são dominados. Depois, um novo passo é dado. Os corpos vivos nos quais os vitalistas ainda admitiam uma influência misteriosa, são por sua vez reduzidos ao mecanismo geral da matéria. A ciência prova que as condições de existência de todo fenômeno são as mesmas nos corpos vivos e nos corpos brutos; e desta forma a Fisiologia adquire pouco a pouco as certezas da Química e da Física. Mas, devemos parar aí? Evidentemente não. Quando se tiver provado que o corpo do homem é uma máquina, cujos mecanismos o experimentador poderá desmontar e montar de novo à vontade, será necessário passar aos atos passionais e intelectuais do homem. Entraremos então no domínio que pertencia até agora à Filosofia e à Literatura: será a conquista definitiva, pela ciência, das hipóteses dos filósofos e dos escritores. Temos a Química e a Física experimentais; teremos a Fisiologia experimental; mais tarde ainda teremos o romance experimental. Esta é uma progressão que se impõe e seu termo final é fácil de se prever desde hoje. Tudo está interligado: foi preciso partir do determinismo dos corpos vivos; e, uma vez que cientistas como Claude Bernard demonstram agora que leis fixas regem o corpo humano,

---

<sup>9</sup> Sobre a obra de escritor francês Emile Zola (1840-192) no contexto da produção literária do final do século XIX, escreve Italo Caroni: “No desenrolar dos movimentos literários franceses, o *romance experimental* de Emile Zola aparece como a mais sistemática tentativa de aproximação entre literatura e ciência. Concebido na segunda metade do século passado [século XIX], ele reflete sem dúvida alguma o grande entusiasmo da era positivista pelo progresso das ciências e representa o resultado concreto de um antigo e constante interesse dos literatos pela investigação e metodologia dos cientistas”. (Caroni apud Zola, 1982, p.11)

<sup>10</sup> *O romance experimental* foi escrito tomando como fundamento a obra *Introduction à l'Étude de la Médecine Expérimentale*, publicada em 1865, pelo fisiólogo francês Claude Bernard (1823-1878).

pode-se anunciar, sem medo de errar, a hora em que as leis do pensamento e das paixões serão por sua vez formuladas. Um mesmo mecanismo deve reger a pedra dos caminhos e o cérebro do homem. (Zola, 1982, p.39)

*O Romance Experimental*<sup>11</sup> aparece como um guia para uma nova literatura, traçando o caminho para torná-la científica. Esta obra é marcada por uma apologia das ciências experimentais, fundamentalmente da Química e da Física que, segundo Zola, teriam chegado a um ponto no qual seriam o modelo ideal para todas as demais ciências. Partindo da análise das paixões humanas, a literatura científica buscará explicar os comportamentos através de suas determinantes. Segundo Sodré, “para Zola e os naturalistas, era ‘a pintura do ambiente que determina e completa o ser humano’. Quando os ambientes eram sujos e tristes, sujas e tristes deveriam ser as criaturas que nele viviam” (1965, p.22). Este modelo define um novo papel para o escritor, que deve apenas observar e descrever, sendo portador de um olhar neutro – o olhar das ciências.

O romance experimental nada mais é do que a forma ideal da literatura destes novos tempos científicos. Observador-experimentador, o romancista redige a ata, ou relatório (le procès-verbal), de uma experiência; ele concebe uma intriga na qual as personagens provam, pelo seu comportamento, que a sucessão dos fatos é conforme ao determinismo dos fatos estudados. (Zola, 1982, p.18)

No ideário traçado por Zola, a ciência aparece em todos os momentos da produção literária, define o método ao qual o romancista deve se sujeitar, assim como o papel social que este deve desempenhar:

Desde já a ciência entra, portanto, no domínio de romancistas, nós que somos agora analistas do homem, em sua ação individual e social. Continuamos, pelas nossas observações e experiências, o trabalho do filósofo que continuou o do físico e do químico. Praticamos, de certa forma, a Psicologia científica, para completar a Fisiologia científica; e, para acabar a evolução, temos tão-somente que trazer para nossos estudos sobre a natureza e o homem o instrumento decisivo do método experimental. Em uma palavra, devemos trabalhar com os caracteres, as paixões, os fatos humanos e sociais, como o químico e o físico trabalham com os corpos brutos, como o fisiólogo, trabalha com os corpos vivos. O determinismo domina tudo. É a investigação científica, é o raciocínio experimental que combate, uma por uma, as hipóteses dos idealistas, e substitui os romances de pura imaginação pelos romances de observação e de experimentação. (Zola, 1982, p.40)

---

<sup>11</sup> O livro *O romance experimental* foi publicado em 1880, reunindo trabalhos publicados anteriormente em periódicos franceses e russos. Cf. Zola, 1982.

Embora a produção literária que resultou do modelo definido por Zola nem sempre tenha se mantido fiel aos seus princípios, não se pode negar que a formulação de um conjunto de princípios, que procuram redefinir a forma e o papel da obra literária, se espelhando nas ciências naturais, se constituiu em um momento especial da relação entre estes dois campos do conhecimento, especialmente porque esta nova “fórmula”<sup>12</sup> para a produção literária pretende afastá-la justamente do que lhe é mais peculiar, a sua relação com o universo simbólico.

### **A ciência e a literatura brasileira**

Na literatura européia e, particularmente, na francesa, a relação estabelecida entre a ciência e a produção literária, seja por meio da literatura de antecipação, ou do naturalismo literário, se dá ao mesmo tempo em que se consolidam as conquistas científicas e a instituição de novos modos do fazer científico<sup>13</sup>. É o momento em que a literatura que faz da ciência o seu tema e aquela que deseja ser científica estão circulando, ao mesmo tempo em que os domínios da ciência estão em expansão. Neste processo, uma faz a propaganda da outra.

No Brasil<sup>14</sup> desta segunda metade do século XIX, observa-se a chegada e circulação de obras literárias que trazem em seu interior a divulgação e as discussões relacionadas com a ciência e as idéias científicas, a constituição de sociedades que visam

---

<sup>12</sup> Sobre esta “fórmula” nos reportamos a Fontes (1998): “... Zola está mesmo convencido de que o romance teria encontrado, finalmente, sua ‘fórmula definitiva’, isto é, científica.

É a fórmula de Claude Bernard na famosíssima *Introdução*. É uma fórmula idêntica à da ciência moderna. É a fórmula da ciência moderna ‘aplicada à literatura’. É a mesma ‘fórmula naturalista das ciências e particularmente da fisiologia’.” (p.13)

<sup>13</sup> Um bom exemplo é o desenvolvimento da microbiologia e o impacto que esta tem no final do século XIX.

<sup>14</sup> É importante assinalar que o Brasil ingressa na segunda metade do século XIX como um país eminentemente agrícola monárquico e que ainda faz uso da mão de obra escrava. Sodré (1965) aponta alguns acontecimentos que mostram as mudanças que se operam no país neste período. “A opinião generalizada dos historiadores assinala o ano de 1870 como fixando a passagem de uma fase a outra, no desenvolvimento brasileiro. Realmente, a partir daquele ano, ocorrem acontecimentos que assinalam mudanças significativas em nossa existência de povo. Começam com o encerramento da guerra do Paraguai, a fundação do clube Republicano e do jornal *A República*, e o lançamento do Manifesto Republicano, fatos do ano citado. Seguem, na seriação cronológica, com a Lei do Ventre Livre, de 1871; a Questão Religiosa, em 1874; a libertação dos sexagenários, em 1885; a Abolição e a Questão Militar, em 1888; a República, em 1889; a primeira constituição republicana, em 1891; o governo de Floriano e a rebelião federalista, em 1892; a campanha de Canudos, em 1897; o primeiro funding-loan, em 1898. São

promover o debate e a divulgação de doutrinas de caráter cientificista, as primeiras publicações ficcionais cujo tema é a ciência, assim como um crescimento das iniciativas de constituição de instituições de caráter científico, visando a produção e a divulgação de uma ciência nos moldes europeus. O tema “ciência” estará em pauta nos diversos fóruns em que se discutem as questões relativas ao desenvolvimento nacional. Começam a se fazer presentes no país algumas daquelas conquistas da técnica, que simbolizam a modernidade nutrida pela ciência e pela técnica. Embora considerando-os como acontecimentos de “menor repercussão”, Sodré aponta uma série de fatos deste final de século, que caracterizam as mudanças que estavam se operando:

... o início da crítica científica encabeçada por Sílvio Romero, em 1870; o sucesso da música de Carlos Gomes, em 1871, mas inaugurado ainda no ano anterior, com a representação de *O Guarani* no Teatro Lírico, no Rio; o estabelecimento dos censos decenais, em 1871, e a realização do primeiro recenseamento geral, no ano seguinte; a adição do sistema métrico decimal e o lançamento do cabo submarino ligando o Rio à Bahia, Pernambuco e Pará, em 1873; a fundação da Escola de Minas de Ouro Preto e a inauguração do cabo submarino entre o Brasil e a Europa, em 1874; o lançamento do positivismo, com os trabalhos de Miguel Lemos, e do evolucionismo, com os de Tobias Barreto, em 1875; a fundação da Sociedade Positivista, por Benjamim Constant, e o aparecimento dos trabalhos materialistas de Guedes Cabral e Vicente de Sousa, em 1876; a primeira concessão telefônica, em 1879; a primeira usina termo-elétrica, em 1883, como a primeira hidroelétrica; a instalação do serviço de fornecimento de gás no Rio, em 1886; a fundação do Instituto Pasteur e a inauguração da iluminação elétrica em Juiz de Fora, em 1888; a fundação do Instituto Nacional de Música, a promulgação do Código Penal, a criação do Banco da República, a realização do segundo recenseamento geral, fatos de 1890; o aparecimento do fonógrafo e o início do serviço de ônibus puxados a animais, no Rio, em 1891; a inauguração do serviço dos bondes elétricos, ainda no Rio, em 1892; a ocupação da ilha de Trindade pelos ingleses, em 1895; a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1896; a inauguração do Instituto Butantã, em 1899. São fatos que assinalam mudanças sensíveis no modo de viver e, portanto, no comportamento da população. Destacam, na sua maioria, a urbanização, o avanço, embora ainda lento, da burguesia brasileira, contrastando com o domínio absoluto até aí exercido pela classe territorial. Nesse período, amplia-se depressa a rede ferroviária, fundam-se numerosos jornais, os pontos mais afastados do país ficam ligados pelo telégrafo ou pelo cabo submarino: reduzem-se as distâncias e aproximam-se os núcleos de população, na medida em que também se estreitam os contatos com o exterior. É ponto pacífico que se trata de uma nova fase na vida brasileira – fase com episódios tormentosos por vezes. (Sodré, 1965, p.159)

---

acontecimentos marcantes, de grande repercussão, afetando a quase todos os brasileiros, alterando a vida nacional”. (Sodré 1965, p.158)

Vivenciando todo este processo, muitos intelectuais se engajaram nas lutas que se travam em torno da modernização do país. Engajamento que se refletirá direta e indiretamente em suas produções, sendo que muitos farão de suas obras um instrumento de combate.

Arrojados num processo de transformação social de grandes proporções, do qual eles próprios eram fruto na maior parte das vezes, os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo cultural europeu como a verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades, e de abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante e de perspectivas ilimitadas, como ele se prometia. A palavra de ordem da “geração modernista de 1870” era condenar a sociedade “fossilizada” do Império e pregar as grandes reformas redentoras: “a abolição”, “a república”, “a democracia”. O engajamento se torna a condição ética do homem de letras. Não por acaso, o principal núcleo de escritores cariocas se vangloriava fazendo-se conhecer por “mosqueteiros intelectuais”. (Sevcenko, 1995, p.78-9)

A análise da produção literária brasileira, principalmente das publicações posteriores a 1870, mostra uma aproximação da literatura brasileira dos modelos literários europeus e das temáticas presentes nesta literatura. Assim, já em 1875, encontramos uma obra de um escritor brasileiro que se aproxima do modelo literário concebido por Júlio Verne e com influências de outro autor francês do período, Camilo Flammarion<sup>15</sup>. Trata-se do livro *O Doutor Benignus*, de Augusto Emílio Zaluar, publicado inicialmente em 1875. Sobre a importância desta obra, escreve José Murilo de Carvalho, na introdução da edição publicada em 1994:

Ignorado pelos principais críticos literários do século XIX, como Silvio Romero e José Veríssimo, o romance apresenta uma originalidade incontestável: é o primeiro em nossa literatura a tomar a ciência como tema de fabulação. Em um país em que até hoje a ciência é relegada a segundo plano, o fato de que tenha sido matéria de criação literária em 1875 já é por si mesmo digno de nota. No esforço de divulgar o espírito científico, Zaluar

---

<sup>15</sup> Sobre as influências de Júlio Verne e Camilo Flammarion na obra de Zaluar, José Murilo de Carvalho comenta: “O modelo de Zaluar é sem dúvida Júlio Verne, especialmente o Júlio Verne de *Viagem ao redor da Lua* (1870), e de *Cinco semanas num balão* (1863). *Benignus* identifica-se em certo momento com Michel Ardant, personagem da *Viagem*. A cena final do romance, a espetacular descida de um balão, em meio a uma tempestade, sobre as cabeças dos caiapós na ilha do Bananal, é puro Júlio Verne de *Cinco semanas num balão*. Outra inspiração confessada é a do astrônomo francês Camilo Flammarion, com quem *Benignus* se corresponde e que fornece o tema central do romance: a habitabilidade do Sol. Dele o autor conhecia, sem dúvida, *A Pluralidade dos mundos*, publicado em 1862, e *Os Mundos imaginários e os mundos reais*, de 1865”. (Zaluar, 1994, p.8)

precedeu os próprios cientistas. Só em 1879 sairia na Revista Brasileira o primeiro trabalho de divulgação escrito por um cientista, Louis Coutry, professor de Biologia da Escola Politécnica. (Zaluar, 1994, p.7)

A partir de 1881<sup>16</sup> surge o nosso romance naturalista, e daí então, até as primeiras décadas do século XX, haverá uma produção literária muito mais significativa, quanto ao número de publicações, que traz elementos relacionados à ciência daquele momento.

Fruto do contato que os nossos escritores têm com as idéias e os modelos literários europeus, a produção do naturalismo brasileiro se constituiu pela adesão a uma “novidade”, muito embora em condições diversas daquela na qual a “novidade foi gerada”<sup>17</sup>. Mas ao mesmo tempo que nossos escritores se defrontam com a ausência de muitos daqueles elementos que colocavam as sociedades européias em transformação, reforçam o desejo de difusão das idéias e dos saberes que acreditavam levar a tal transformação.

Igualmente claro é o apelo constante ao padrão europeu, que sugeria situações inspiradas por um meio socialmente mais rico, e fórmulas amadurecidas por uma tradição literária mais refinada. Daí a dupla fidelidade dos nossos romancistas – atentos por um lado à realidade local, por outro à moda francesa e portuguesa. Fidelidade dilacerada, por isso mesmo difícil, que poderia ter prejudicado a constituição de uma verdadeira continuidade literária entre nós, já que cada escritor e cada geração tendiam a recomeçar a experiência por conta própria, sob o influxo da última novidade ultramarina, como se viu principalmente no caso do Naturalismo. (Candido, 1975, p.117)

Neste processo, no qual se buscou produzir uma literatura fundada em um modelo europeu – o Naturalismo de Emile Zola – que, embora possa ser criticada quanto ao seu valor literário, nos permite vislumbrar como, dentro de um contexto específico – o Brasil do final do século XIX –, se buscou através da literatura inserir novas formas de ler e pensar a sociedade.

---

<sup>16</sup> 1881 é o ano da primeira publicação de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, que é considerada a obra que inaugura o Naturalismo brasileiro. É também o ano da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, considerado como marco inicial do Realismo no Brasil.

<sup>17</sup> Aluísio Azevedo, tido como introdutor do Naturalismo no Brasil, faz a defesa de sua geração no que diz respeito à adesão às idéias vindas da França. “Porque dizes que nós desejávamos condenar o Brasil a uma eterna imitação jungindo-o ao carro triunfal da França, quando o que nós dissemos foi que éramos, à força das circunstâncias, arrebatados, malgrado nosso patriotismo e nossa dignidade nacional, pela corrente elétrica de idéias que jorra na França”. (Azevedo apud Sevcenko, 1995, p.79-80)

Segundo Lilia M. Schwarcz (1993), é por meio da literatura que os modismos científicos chegam ao Brasil no final do século XIX. Ao mesmo tempo, assiste-se a um movimento entre as elites ilustradas, que procuram representá-lo segundo padrões que lhe conferem um lugar entre as “nações civilizadas”.

Grandes leitoras da literatura produzida na Europa e nos Estados Unidos, as elites brasileiras não passariam incólumes aos ditames que vinham do estrangeiro. Por outro lado, recém-saída da desastrosa Guerra do Paraguai e vivendo, nos últimos anos do Império, um período de relativa estabilidade econômica motivada pela produção cafeeira, a monarquia brasileira tencionava diferenciar-se das demais repúblicas latino-americanas aproximando-se dos modelos europeus de conhecimento e civilidade. Nos institutos, nos jornais, nos romances, era como uma sociedade científica e moderna que o Brasil de finais de século pretendia se auto-representar.

O que se valorizava nesse momento, porém, não era tanto o avanço científico, entendido enquanto incentivo a pesquisas originais, e sim uma certa ética científica, uma “cientificidade difusa” e indiscriminada. Tanto que se consumiram mais manuais e livros de divulgação científica do que obras ou relatórios originais. A ciência penetra primeiro como “moda” e só muito tempo depois como prática e produção. (Schwarcz, 1993, p.30)

Elemento ativo neste processo, a literatura daquele momento vai assumindo um duplo papel, pois, ao mesmo tempo em que se faz veículo de idéias e saberes científicos, produz contextos nos quais estão representados uma sociedade e um modo de viver, em que a ciência, enquanto expressão da modernidade e do progresso, se faz presente. Ao incorporar ao texto literário elementos que são próprios da ciência, põe em circulação muitas daquelas discussões que estavam restritas a pequenos grupos, permitindo que idéias e saberes científicos passem a compor os debates que se travam fora das academias. “Por meio da literatura, [...] veiculavam-se medidas e interpretações que de outra maneira ficariam restritas a circuitos mais acadêmicos de debate” (Schwarcz, 1993, p.152). É assim que novas formas de interpretar o mundo e a realidade social vão se difundindo na sociedade.

Para tornar possível a introdução do que é próprio da ciência no texto literário, os autores lançam mão de um conjunto de estratégias, mesmo que tais introduções rompam com a coerência do texto<sup>18</sup>. Há romances em que “tudo era citação

---

<sup>18</sup> Entra a questão da verossimilhança. Segundo Antonio Candido, “a verossimilhança propriamente dita, - que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção *igual* a vida), - acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil”. (1987, p.75)

e, logo, prova de erudição. A ciência que informa e condiciona o enredo estava na boca dos personagens, na fala dos protagonistas”. Tais estratégias criam situações estranhas, sendo que, “muitas vezes, longe do enredo, heróis e heroínas abriam espaço para reflexões estranhas àquele local, dando lugar às conclusões dos cientistas da época” (Schwarcz, 1993, p.151-2). Neste processo o romance naturalista se fez exemplar.

Soma-se neste movimento a adesão de muitos dos literatos a doutrinas filosóficas de caráter cientificista, sob as quais se forjaram movimentos literários e artísticos. Por isso é comum que o cientificismo de determinados autores seja explicado pela sua participação ou adesão a algum grupo formado em torno de tais doutrinas, como foi a adesão ao positivismo que, no final do século XIX, teve grande penetração no Brasil.

### **O romance e o livro**

*...o romance não é significativo por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino. O que seduz o leitor no romance é a esperança de aquecer sua vida gelada com a morte descrita no livro. (Benjamin, 1994, p.214)*

Enquanto produto cultural, o romance ocupará um lugar de destaque no século XIX dada a popularidade que alcança entre os letrados. Mas o sucesso deste gênero não pode ser visto isolado dos suportes materiais por meio dos quais circula – os livros e os jornais –, isto é, do papel que os impressos assumem naquele momento. Segundo Martyn Lyons, a difusão e a popularização do consumo do livro na Europa do final do século XIX marcam um momento especial, gerado pela congruência de alguns fatores: “Foi a ‘era de ouro’ [do livro] no mundo ocidental: a primeira geração a alcançar alfabetização de massa foi também a última a ver o livro atuando sem a competição de outros meios de comunicação” (Lyons apud Chartier, 1999, p.165).

Chartier destaca o papel desempenhado pelo impresso e a difusão dos seus usos na cultura ocidental entre os séculos XV e XIX.

Por um lado, fixam ou são portadores da palavra, cimentam as sociabilidades e prescrevem os comportamentos, atravessam o foro do privado e a praça pública, levam a crer, a fazer ou a imaginar: revolvem a cultura na sua totalidade, compondo com as formas tradicionais de comunicação, instaurando novas distinções. Por outro lado, permitem uma circulação da escrita numa escala inédita, tanto porque a impressão baixa o custo de fabrico do livro, doravante repartido por todos os exemplares de uma mesma tiragem, e já não suportado por uma única cópia, como porque ela encurta os prazos de produção, muito longos nos tempos do livro manuscrito. (Chartier, 1990, p.138)

Embora no Brasil do final do século XIX o público leitor representasse apenas uma pequena parcela da população<sup>19</sup>, podemos atribuir aos impressos um papel de destaque naquele contexto cultural, constituindo-se uma das únicas formas de difusão cultural. Dadas a sua materialidade e a ausência de outros meios de comunicação mais versáteis, livros e jornais transpõem distâncias, aproximando autores e leitores que, em muitas casos, vivem em contextos culturais diversos.

Se livros e jornais se constituem em dispositivos privilegiados, o romance será o gênero que mais agradará ao público naquele momento. Veiculado por intermédio dos livros e folhetins e, em alguns casos, de adaptações para o teatro, tal gênero encontrará grande receptibilidade entre o público letrado, que, em sua maior parte, se concentra nas áreas urbanas.

Mas o que tem este gênero de tão especial? Ian Watt, que analisa a ascensão do romance na cultura ocidental nos séculos XVIII e XIX, tomando como objeto de estudo a difusão deste gênero na Inglaterra da primeira metade do século XVIII, aponta para algumas definições do gênero, que talvez nos ajudem a compreender melhor a sua aceitação:

Em nada o romance é tão característico de nossa cultura como na forma pela qual reflete essa orientação típica do pensamento moderno, E. M. Forster considera o retrato da “vida através do tempo” como a função distintiva que o romance acrescentou à preocupação mais antiga da literatura pelo retrato da “vida através dos valores”<sup>20</sup>; Spengler atribui o surgimento do romance à necessidade que o homem moderno “ultra-histórico” sente de uma forma literária capaz de abordar “a totalidade da vida”<sup>21</sup>; mais recentemente Northrop Frye vê a “aliança entre tempo e homem ocidental” como

---

<sup>19</sup> Os analfabetos eram no Brasil, em 1890, cerca de 84% da população. Cf. Candido, 2000, p.125.

<sup>20</sup> *Aspect of the novel* (Londres, 1949, p.29-31).

<sup>21</sup> *Decline of the west*, trad. Atkinson (Londres, 1928, I, p.130-1).

característica definidora do romance comparado com outros gêneros.<sup>22</sup> (Watt, 1996, p.22)

Parece ser esta possibilidade de “imitar a vida” que elevará o romance a um lugar especial na preferência do público leitor, e talvez explique o seu sucesso, mesmo quando se trata de públicos originários de contextos sociais e históricos distintos. Esta “imitação da vida”, que se procura produzir através do romance, requer uma narrativa que obedeça a alguns princípios na sua constituição, princípios estes que podem ser observados em outros contextos nos quais se quer objetivar e revelar uma determinada realidade. A narrativa da qual o romance se apropria e desenvolve é, antes de tudo, um método.

Tem se dito que este [estilo narrativo específico do romance] é a soma das técnicas literárias através das quais o romance imita a vida seguindo procedimentos adotados pelo realismo filosófico em sua tentativa de investigar e relatar a verdade. Tais procedimentos absolutamente não se restringem à filosofia; na verdade tendem a ser adotados sempre que se investiga a relação entre qualquer descrição de um fato e a realidade. Assim, pode-se dizer que o romance imita a realidade adotando procedimentos de outro grupo de especialistas em epistemologia, o júri de um tribunal. As expectativas deste, como as do leitor do romance, coincidem sob muitos aspectos: ambos querem conhecer “todos os particulares” de determinado caso – a época e o local da ocorrência; ambos exigem informações sobre a identidade das partes envolvidas e não aceitarão provas relativas a gente chamada sir Toby Belch ou mr. Badman – menos ainda referentes a uma Chloe sem sobrenome e “tão comum quanto ao ar”; e também esperam que as testemunhas contem a história “com suas próprias palavras”. Na verdade o júri adota a “visão circunstancial da vida”, que, segundo T. H. Green<sup>23</sup>, é a característica do romance.

O método narrativo pelo qual o romance incorpora essa visão circunstancial da vida pode ser chamado seu realismo formal; formal porque aqui o termo “realismo” não se refere a nenhuma doutrina ou propósito literário específico, mas apenas a um conjunto de procedimentos narrativos que se encontram tão comumente no romance e tão raramente em outros gêneros literários que podem ser considerados típicos dessa forma. Na verdade o realismo formal é a expressão de uma premissa que [...] está implícita no gênero romance de modo geral: a premissa, ou convenção básica, de que o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias. (Watt, 1996, p.31)

---

<sup>22</sup> “The four forms of fiction” *Hunson Review*, II (1950, p.596).

<sup>23</sup> “Estimate”, *Works*, III, p.37.

Para a produção de um “efeito de verdade” os romancistas se utilizam de uma série de recursos, entre os quais das formas narrativas que são próprias dos textos científicos. Segundo Olson,

A ficção é um novo tipo de escrito alegórico, em que os sentidos literais, isto é, os sentidos que normalmente denotam a verdade, são usados para significar o que se sabe ser falso. Os escritos alegóricos medievais, tal como *Pilgrim's progress*, deram ênfase ao fato de que a escrita era alegórica apresentando personagens com nomes tais como Peregrino e Inveja; a história nunca fingia ser factualmente verdadeira. A ficção, por outro lado, muitas vezes finge dizer a verdade, e não há nela nada que indique que seu relato não é factualmente correto. A ficção continua a ser alegórica no sentido de que o leitor termina a leitura pensando que aprendeu algo sobre a realidade, mas ele sabe que, ao contrário das aparências, não se trata de uma narrativa factual. Consequentemente, é preciso um certo requinte literário para enxergar a verdade na ficção: verdade alegórica, não factual, essa verdade parecerá agora mentirosa ao não iniciado. Defoe aumentou ainda mais esse efeito ao afirmar, no prefácio, que a história de Robinson Crusoe era “uma história exata de fatos; não há nela qualquer traço de ficção”.<sup>24</sup> (Olson, 1997, p.244)

A partir da comparação dos textos de Defoe e Robert Hooke, Olson mostrará a aproximação entre a estrutura narrativa dos romances e a dos textos científicos.

O que há de marcante nessas narrativas simples? São escritas na primeira pessoa, relatam observações factuais e o fazem de tal forma que qualquer outra pessoa em igual posição poderia ter visto o mesmo; e apelam quanto à credibilidade para o leitor que poderia ter visto por si mesmo essas mesmas coisas. O discurso científico se baseia nesse estilo factual de relatar, cujo sentido se abre para que todos o vejam, uma espécie de sentido literal dos signos escolhidos para representar o mundo com precisão. A ficção explora o

---

<sup>24</sup> Olson mostra similaridade de estilos entre narrativas presentes em *Robinson Crusoe* e os relatos de experiências de laboratório feitos por Boyle e Hooke. Ilustra esta sua proposição mostrando duas passagens; uma é aquela na qual Crusoe narra a captura de uma cabra, a outra, uma descrição feita na *Micrografia* de Robert Hooke. Em Defoe tem-se: “Observei que se me viam nos vales, embora estivessem sobre os rochedos, fugiam terrivelmente espantadas; mas quando estavam pastando nos vales, e eu me encontrava em cima das rochas, não me percebiam, de onde concluí que, daquela perspectiva, sua visão se dirigia tão diretamente para baixo que não lhes era fácil enxergar objetos que estivessem acima delas [...]”. Já na *Micrografia* de Robert Hooke: “Iniciaremos assim estas nossas investigações em primeiro lugar com a observação dos corpos da natureza mais simples [...]. Considera-se habitualmente que a ponta de uma agulha é um deles, e é bem assim, pois em sua maioria são tão pequenas que o olho não consegue distinguir nenhuma parte nela [...]. vistas, porém, através de um microscópio de muito boa qualidade, poderemos descobrir que, embora pareça muito fina aos nossos sentidos, a extremidade da agulha se mostra muito mais larga, rombuda e muito irregular. Ora, embora essa ponta seja considerada normalmente como mais afiada [...] o microscópio nos mostra centenas de exemplos de pontas muito milhares de vezes mais agudas, com as dos cabelos, cerdas de numerosos insetos [...]”. (Olson, 1997, p.244-5)

mesmo tipo de discurso de representação literal, empregado porém em um contexto de não-representação. (Olson, 1997, p.244-5)

Watt (1996) estabelece uma relação entre o modelo adotado para a constituição do gênero literário – romance – e o seu sucesso com o público leitor, pois considera que, a “imitação da vida”, conseguida através do estilo narrativo do romance, facilita a inserção do leitor no contexto da obra, já que, pelo menos num plano imaginário, está ocorrendo uma aproximação entre o narrado e o vivido.

Por conseguinte as convenções do romance exigem do público menos que a maioria das convenções literárias; e isso com certeza explica por que a maioria dos leitores nos dois últimos séculos tem encontrado no romance a forma literária que melhor satisfaz seus anseios de uma estreita correspondência entre a vida e a arte. Tampouco as vantagens da correspondência estrita e detalhada com a vida real oferecidas pelo realismo formal se limitam a contribuir para a popularidade do romance; como veremos, elas também se relacionam com suas qualidades literárias mais características. (Watt, 1996, p.32)

Esta inserção do leitor na obra se dará, muitas vezes, através da vida dos personagens. O leitor insere-se na vida do personagem, e com ele vive aventuras que o seu mundo não lhe pode proporcionar. “... o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades” (Candido, 1987, p.46). Ao mesmo tempo, procura estabelecer nexos entre a sua experiência imediata e o mundo da ficção.

Na ficção em geral, também na de cunho trivial, o raio de intenção se dirige à camada imaginária, sem passar diretamente às realidades empíricas possivelmente representadas. Detém-se, por assim dizer, neste plano de personagens, situações ou estados (líricos), fazendo viver o leitor, imaginariamente, os destinos e aventuras dos heróis. Boa parte dos leitores, porém, põe o mundo imaginário quase imediatamente em referência com a realidade exterior à obra, já que as objectualidades puramente intencionais, embora tendam a prender a intenção, são tomadas na sua função mimética, como reflexo do empírico. (Candido, 1987, p.42)

Parece situar-se nas características do gênero romance, onde este se diferencia dos outros gêneros, o ponto em que reside a sua força. Para Watt (1996), a difusão do romance contribuirá para a produção de uma nova consciência: “o poder do romance sobre a experiência privada influenciou em muito as expectativas e aspirações da consciência moderna” (p.179).

Em um momento histórico em que novos elementos se fazem presentes, colocando aos homens outras possibilidades quanto ao seu modo de viver, no qual o futuro que se anunciava seria moldado pelo novo, conceitos como civilização, progresso e ciência passam a compor as elaborações que procuram retratar o presente e projetar o futuro. Essas fabulações põem em cena os exemplos, os modelos a imitar e, ao mesmo tempo, apontam os caminhos a seguir. Podemos perguntar até que ponto tais construções se constituíram em elementos mobilizadores, despertando os indivíduos para novos focos de luta?

### **As obras escolhidas e seus autores**

O inventário das publicações<sup>25</sup> e os primeiros contatos com as obras tornaram possível fazer um recorte e selecionar alguns títulos publicados no final do século XIX e início do XX. Dos títulos selecionados, a maior parte ainda é publicada<sup>26</sup> e encontrada em diferentes edições, sendo algumas destinadas ao uso escolar.<sup>27</sup>

Entre as muitas leituras feitas, escolheu-se como objeto de análise e para a composição da tese as seguintes obras: *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884), *O Coruja* (1889) e *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo; *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia; *A Normalista* (1893), de Adolfo Caminha; *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) e *Clara dos Anjos* (1922), de Lima Barreto.

Sobre os autores e suas vidas, alguns fatos podem ser destacados. Júlio Cesar Ribeiro Vaughan nasce em Sabará-MG no ano de 1845, em 1862 ingressa na Escola Militar do Rio de Janeiro, que abandonará em 1865. A partir daí, passará a maior

---

<sup>25</sup> O levantamento da produção literária brasileira entre 1855 e 1900 mostrou que, a partir de 1870, há uma concentração de publicações que estão enquadradas nas escolas naturalista e realista. Ao mesmo tempo, o cruzamento dos dados do levantamento com outros elementos fornecidos pelas histórias literárias foi mostrando que, independentemente das classificações em relação às escolas literárias, é possível encontrarmos textos que fazem da ciência sua temática. Constatou-se, também, que a presença dos elementos da ciência na produção literária não se restringe a um único gênero, pois aparecem no romance, na poesia, no conto e nos textos produzidos para o teatro. O levantamento foi feito a partir da obra: Martins, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix:Edusp, 1977 Volumes III, IV e V

<sup>26</sup> Apenas para *O coruja* não foi localizada uma edição mais recente, sendo a edição usada, de 1973.

<sup>27</sup> Quanto ao público a que se destinam, alguns dispositivos presentes em certas edições, como o “Suplemento de Trabalho”, que acompanha as edições da editora Ática, os comentários sobre a obra e dados biográficos do autor, ou mesmo as séries nas quais estão inseridas, apontam para o possível uso escolar das publicações.

parte da vida trabalhando como professor em cidades do interior paulista e na capital. Polemista, abolicionista e anticlerical, Júlio Ribeiro atuará na imprensa fundando e dirigindo vários jornais; publicará também diversas obras dedicadas à Filologia e à Lingüística<sup>28</sup>. Morre tuberculoso, em Santos, aos 45 anos.

Raul d'Ávila Pompéia (1863) é natural de Angra dos Reis-RJ; em 1873 muda-se com a família para o Rio de Janeiro, quando ingressa como interno no Colégio Abílio. Em 1879 ingressa no Imperial Colégio Pedro II, onde concluirá os estudos secundários; no ano seguinte, aos dezessete anos, publica o romance *Uma tragédia no Amazonas*. Em 1881 muda-se para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Como estudante, participa intensamente da campanha abolicionista, escrevendo e desenhando em jornais; escreve poesias e publica um romance<sup>29</sup>. O curso será concluído na Faculdade de Direito do Recife em 1886. Em 1887 volta ao Rio, atua como jornalista e desenhista e participa ativamente das lutas pela República e Abolição; nesse tempo escreve *O Atheneu*. Em 1891 é nomeado professor de Mitologia da Escola de Belas Artes, e em 1894 diretor da Biblioteca Nacional, cargo do qual será demitido um ano depois, acusado de desacatar Prudente de Moraes. Suicida-se em 25 de dezembro de 1895.

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão em 1857. Em 1876 deixa São Luís e vai para o Rio de Janeiro estudar pintura. Com a morte do pai, regressa a São Luís em 1879, ficando lá até 1881. Nesse período se inicia na carreira de ficcionista, publica seu primeiro romance em 1880 e, um ano depois, é a vez d'*O Mulato*. Neste ano, de 1881, retorna ao Rio de Janeiro, onde fará da pena seu instrumento de trabalho durante quatorze anos, período em que produzirá a maior parte de sua obra<sup>30</sup>. Em 1895 ingressa na carreira diplomática e se afasta da carreira literária. Morre em Buenos Aires no ano de 1913.

---

<sup>28</sup> Júlio Ribeiro publicou apenas dois romances: *O Padre Belchior de Pontes* (1876-77) e *A Carne* (1888). No entanto publicou obras sobre gramática portuguesa e latina, traduziu textos de gramática e literatura inglesa e participou ativamente na imprensa como jornalista e polemista.

<sup>29</sup> No período em que vive como estudante na capital paulista (1881-1884), Raul Pompéia publica o romance *As Jóias da Coroa*, em folhetim, no jornal *A Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, e inicia *Canções sem Metro*, poesias, publicando-as no *Jornal do Comércio*, de São Paulo.

<sup>30</sup> Sobre a produção de Aluísio Azevedo, consta que, ao longo da sua carreira, publicou romances, crônicas, contos e roteiros para o teatro em colaboração com Artur Azevedo e Emílio Rouede. Romances publicados: *Uma Lágrima de Mulher* (1880); *O Mulato* (1881); *Memórias de um Condenado* (1882) – reeditado com o título *A Condessa Vésper*; *Mistério da Tijuca* (1882) – reeditado com o título de

Adolfo Ferreira Caminha, nasceu em Aracati-CE, em 1867. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1877, ingressando na Escola Naval em 1880. Em 1888 serve no Ceará na Escola de Aprendizes Marinheiros, e participa da fundação do Centro Republicano Cearense. Neste período, une-se à esposa de um oficial do exército, o que gera um grande escândalo, que acaba resultando em sua expulsão da Armada, em 1889. Em 1890, ainda em Fortaleza, é nomeado amanuense do Tesouro. Ainda que distante da vida social, participa da vida literária cearense. Em 1892 transfere-se para o Rio de Janeiro, onde se dedicará ao jornalismo, à literatura e à crítica literária<sup>31</sup>. Morre tuberculoso em 1897.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1881. Mulato, de família humilde, terá uma educação acima da que era reservada aos seus iguais. Frequentou a Escola Pública, foi interno do Liceu Popular Niteroiense, depois do Colégio Paula Freitas até que, em 1897, matriculou-se na Escola Politécnica. Aí enfrentará problemas em algumas cadeiras, tendo reprovações sucessivas mas, ao mesmo tempo, participa ativamente da vida intelectual dos estudantes, atuando no jornalismo universitário. Em 1902, seu pai enlouquece; as dificuldades pelas quais passam sua família levam-no a abandonar a Politécnica. Em 1903, presta concurso para amanuense do Ministério da Guerra, cargo que ocupará até 1918, quando se aposenta por ser considerado inválido para o serviço público. Enquanto sobrevive como amanuense, desenvolve intensa produção jornalística e literária. Em 1907, começa a publicar em folhetim o seu primeiro romance, as *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, que sairá em livro no ano de 1909; depois muitos outros virão<sup>32</sup>. Lima Barreto

---

*Girândola de Amores*; *Casa de Pensão* (1884); *Filomena Borges* (1884); *O Homem* (1887); *O Coruja* (1889); *O Cortiço* (1890); *O Esqueleto* (1890); *A Mortalha de Alzira* (1893); *Livro de uma Sogra* (1895). Sobre suas obras publicadas podemos citar ainda o livro de contos *Demônios* (1893) e o livro de crônicas *O Touro Negro*, publicado postumamente em 1938. No conjunto das obras consultadas, há controvérsias quanto à data das primeiras edições, e a relação de obras atribuídas ao autor nem sempre é a mesma. De toda a sua obra, apenas uma parte ainda é publicada, fundamentalmente aquelas consideradas como clássicos do Naturalismo. Outro fato que gera uma certa confusão em relação às suas publicações é a mudança de título que ocorreu em algumas reedições.

<sup>31</sup> Adolfo Caminha publicou as seguintes obras: os romances *A Normalista* (1893), *Bom-Crioulo* (1895) e *Tentação* (1896); o livro de viagem *No País dos Ianques* (1894) e um livro de crítica literária, *Cartas Literárias* (1895).

<sup>32</sup> Os romances de Lima Barreto são: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909)\*; *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915)\*\*; *Numa e a ninfa* (1915); *Vida e Morte de Gonzaga de Sá* (1919); *Clara dos Anjos* (1948)\*\*.

escreverá romances, crônicas, artigos, contos, crítica e memórias; algumas obras só serão publicadas postumamente. Discriminação racial, loucura, alcoolismo e as privações da pobreza fizeram parte da vida de Lima Barreto, que fez da pena um instrumento de luta e de expressão de sua angústia. Morreu em 1º de novembro de 1922.

Se nos ativermos às datas de publicação ou conclusão dos romances escolhidos<sup>33</sup>, observaremos que estas abrangem o período de 1881 (*O Mulato*) a 1922 (*Clara dos Anjos*)<sup>34</sup>. Em relação aos autores, observa-se que Júlio Ribeiro, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia e Adolfo Caminha são contemporâneos, sendo que suas produções se concentram nas duas últimas décadas do século XIX. Destes, apenas Aluísio Azevedo adentrou ao século XX mas, como se viu anteriormente, se afasta da vida literária em 1895. Já Lima Barreto, nascido em 1881, se inicia na vida literária em seus anos de Politécnica (1897-1903), mas sua atuação como romancista, se considerarmos como início o ano em que começa a publicar o primeiro romance (1907), e sendo o final em 1922, ano de sua morte, pode-se dizer que Lima Barreto é um autor das duas primeiras décadas do século XX. Fazendo uma cronologia das obras analisadas, teremos um lapso de 14 anos entre a publicação de *A Normalista* (1893) e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1907), diferença que de certa forma estará refletida no conteúdo das obras.

Outra divisão que é feita destas obras, é aquela que as classifica a partir das escolas literárias nas quais se inserem. Nestas classificações encontramos os romances de Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Júlio Ribeiro<sup>35</sup> como representantes do nosso naturalismo literário. Já *O Ateneu*<sup>36</sup>, de Raul Pompéia, embora contemporâneo destes, não se enquadra na classificação de um texto naturalista, não obstante alguns

---

\*Esta obra começou a ser publicada em folhetim em 1907, e sua primeira edição em livro é de 1909, mas a edição que foi usada nas análises (Brasiliense, 1978) corresponde à 2ª edição, revista e aumentada, publicada em 1917.

\*\*Estas datas correspondem ao ano da publicação, iremos considerar o ano da conclusão dos romances, sendo 1911 para *Triste fim de Policarpo Quaresma* e 1922 para *Clara dos Anjos*.

<sup>33</sup> Pelos levantamentos realizados, a maior disparidade entre a conclusão e a publicação é observada nas obras de Lima Barreto. Optou-se, neste caso, por considerar a data da conclusão dos romances.

<sup>34</sup> Segundo Morais (1983), Lima Barreto começa a escrever *Clara dos Anjos* em 1904, que será retomado apenas em 1921, em 1922 publicará apenas o seu primeiro capítulo em *O Mundo Literário*. A publicação do romance completo só se dará em 1948.

<sup>35</sup> Júlio Ribeiro dedica *A Carne* ao “Príncipe do Naturalismo Emílio Zola”. Cf. Ribeiro, 1999.

<sup>36</sup> As particularidades d’*O Ateneu* tornam difícil enquadrá-lo nos tradicionais esquemas classificatórios, dos quais fazem uso muitos autores de manuais de literatura brasileira. Outra discussão que se faz em torno deste obra é sobre o seu possível caráter autobiográfico. Cf. Gondra, 1999.

elementos que caracterizam as obras naturalistas possam estar presentes em suas páginas. Quanto aos romances de Lima Barreto, aparecem como realistas ou pré-modernistas, mas, independentemente da classificação que recebam, é patente que representam uma superação do naturalismo. No contexto das obras analisadas, seus romances representam o que eu gostaria de denominar de efeito refluxo, pois enquanto os naturalistas vislumbram uma modernidade, Lima Barreto reflete justamente sobre os múltiplos significados da “modernidade” que se estabelece no país, principalmente na capital da República.

### **Novas edições, outros romances?**

Ao se tomar como objeto de análise as edições recentes de obras que tiveram a sua origem há mais de um século, se faz necessário registrar e assumir que, ao longo das muitas edições, ocorreram mudanças, que vão desde a passagem de um suporte para outro – como foi a passagem do folhetim para o livro, ocorrida em alguns casos –, até as atualizações ortográficas e intervenções do autor<sup>37</sup> e dos editores, materializadas na introdução de notas explicativas, apresentações da obra, ilustrações e demais dispositivos textuais que buscam definir novos parâmetros de leitura.

A opção pelas edições recentes levou em conta outros fatores, como a facilidade de acesso às mesmas, o que permitirá aos futuros leitores da tese o contato com o objeto analisado. Embora tal opção nos obrigue a assumir possíveis lacunas, e a impossibilidade de abarcar e responder a todas as questões que surgiram ao longo do trabalho, a necessidade de dar abertura a um campo de pesquisa, que até então se mostra pouco explorado, faz com que lancemos mão de recursos que permitam um alargamento das discussões.

A definição das obras que compõem o trabalho aqui apresentado levou em consideração outros fatores além da facilidade de acesso, como a forma como cada autor introduz a ciência em seus textos, as temáticas científicas abordadas, o enredo de

---

<sup>37</sup> Para exemplificar tais intervenções, podemos citar dois casos. Sobre a passagem de um suporte material a outro, temos o caso d’*O Ateneu*, que foi publicado inicialmente como folhetim, no jornal *A Gazeta de Notícias*, e depois em livro. Já *Recordações do escrivão Isaías Caminha* sofrerá acréscimos entre a primeira edição em livro, de 1909, e a segunda, de 1917.

cada obra e os significados atribuídos à ciência na sociedade brasileira do final do século XIX.

As análises empreendidas partiram de alguns pressupostos, sendo o primeiro as próprias características do romance enquanto gênero literário. Tomando-o enquanto forma de expressão que procura se constituir em uma “imitação da vida”, podemos abordá-lo não como reflexo da realidade, mas como uma construção que permitiu e permite aos leitores se reportarem ao universo construído em suas páginas e, ao mesmo tempo, tomá-lo como modelo para pensar o seu mundo.

Sendo assim, coloca-se em destaque o conjunto de imagens literárias que de alguma forma se reportam à ciência. Imagens estas, que podem ser lidas enquanto elementos que participam da produção de novas formas de ler e representar o mundo<sup>38</sup>. Mesmo onde não existe um paralelo entre a imagem e o real, há sempre a possibilidade de uma projeção da imagem sobre o real. Portanto, os romances não serão considerados como documentos que retratam a realidade, mas como construções que, ao tomarem a realidade social como tema de fabulação, introduzem novas formas de representá-la e interpretá-la.

---

<sup>38</sup> Novamente vale a pena nos reportarmos a Chartier (1990): “A problemática do ‘mundo como representação’, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real”. (p.23-4)

# **1 Espíritos Superiores**



## O laboratório

Na sala do coronel armaram um gabinete de física eletrológica.

A velha quadra de paredes corcovadas, carequentas, povoou-se estranhamente de instrumentos científicos moderníssimos, nos quais o brilho fulvo do latão envernizado se casava ao preto baço das partes enegrecidas, à transparência cristalina dos tubos de vidro multiformes, ao lustroso da madeira brumida dos suportes, à verdura fresca da seda das bobinas.

Botelhas de Leyde, jarras enormes, agrupadas em baterias formidáveis, maquinas de Ramsden e de Holtez, pilhas compartimentos de Kruikshank e de Wollanston, pilhas inérgicas de Grove, de Bunsen, de Daniell, de Leclanché; pilhas elegantíssimas de bico-cromato de potassa, acumuladores de Planté, bobinas de Ruhmkorf, tubos de Geissler, reguladores de Foucault e Duboscq, bugias de Jablochkff, lâmpadas de Edson, telefones, telégrafos, tudo isso por aí protraía as formas esquisitas, fosco, diáfano, reverberante a um tempo; absorvendo, refrangendo, refletindo a luz de mil modos diferentes.

A eletricidade sussurrava, multiplicavam-se por toda a parte faíscas azuladas, ouviam-se estalidos secos, tintinações sonoras de campainhas.

O ar estava picado de um cheiro acre, irritante, de ácido azótico e de ozônio. (Ribeiro, 1999, p.49-50)

Luz e sombra. A velha quadra de paredes corcovadas, carequentas, o preto baço das partes enegrecidas – a sombra. O brilho fulvo do latão envernizado, a transparência cristalina dos tubos de vidro, o lustroso da madeira brumida, a verdura fresca da seda das bobinas – a luz. No contraste entre luz e sombra, compõe-se a imagem do laboratório, instalado na velha sala da sede de uma fazenda de café, repleto de modernos instrumentos científicos. A negritude das velhas paredes servirá como pano de fundo e dará maior visibilidade à luz que emana daquelas maravilhas, nas quais a transparência, o lustro e a verdura fresca se manifestam.

Como símbolos de um mundo novo, surgem os diversos instrumentos: botelhas, jarras, baterias, máquinas, pilhas, acumuladores, bobinas, tubos, reguladores, bugias, lâmpadas, telefones e telégrafos. Encerrados naquela sala como exóticos brinquedos, não participam da vida da fazenda, mas se destacam, muito mais pela sua estranheza, do que pelas possibilidades de se incorporarem àquele universo - são ícones que alimentam a imaginação.

Quando acionados, tais instrumentos produzem um espetáculo: absorvem, refrangem e refletem a luz, fazem a eletricidade sussurrar, multiplicar-se por toda a parte em faíscas azuladas, produzem estalidos, tintinações sonoras e emanam

cheiros acres e irritantes, criando uma estranha forma de vida naquele lugar. Todas as emanações tocam os sentidos – sensibilizam, produzem uma experiência. Apresentado desta forma, o laboratório é uma grande “máquina”, na qual o conjunto dos aparelhos funcionando, ao mesmo tempo e em sincronia, produz um grande espetáculo de luzes, sons e odores. Aparelhos de uso escolar<sup>39</sup>, servem muito mais às demonstrações do que, propriamente, ao trabalho de investigação científica.

Neste ambiente que gera múltiplas sensações, vamos encontrar Lenita e Barbosa que, além de se mostrarem capazes de manipular tais aparelhos, tão preciosos e sofisticados, se deliciam com as sensações que estes podem proporcionar. Ali seus espíritos estão em sintonia com aqueles que foram capazes de gerar tais maravilhas. Protagonistas de um romance, Lenita e Barbosa trilham um longo caminho que os qualifica e habilita a adentrarem no laboratório. São iniciados, pois passaram por um longo processo de formação que os preparou para compreender e se deleitar com tudo o que acontece naquele lugar.

É justamente do processo de formação, ao qual foram submetidos, que nos fala o romance *A Carne*, em suas páginas iniciais. Começa com a apresentação de Lenita, por meio de um pequeno relato de sua história de vida, dando destaque à sua formação intelectual e a alguns momentos, considerados marcantes: a morte de sua mãe logo após o parto, os cuidados e a dedicação do pai com a sua educação e, finalmente, a morte do pai. No relato de sua educação e formação intelectual, é apresentada uma relação dos conhecimentos e das atividades que compuseram este processo, em suas sucessivas etapas. Ficamos sabendo que, com a morte da mãe, o pai assume integralmente a sua educação; para tanto, mudam-se para uma chácara nos arredores da cidade, onde ele se encarregará de todas as atividades voltadas para a educação da menina. Vencida esta etapa, voltam para a cidade, onde Lenita passa a fazer seus estudos acompanhada por renomados professores:

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos

---

<sup>39</sup> Muitos destes aparelhos estão citados no “Programa das Diversas Disciplinas que Constituem o Ensino no Gymnasio da Capital do Estado de São Paulo”, principalmente no “Programa da cadeira de Physica e Chimica”, e especialmente no tópico de “Electrologia”. Cf. São Paulo, 1913.

portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleta na literatura do tempo.

Aos quatorze anos Helena ou Lenita, como a chamavam, era uma rapariga desenvolvida, forte, de caráter formado e instrução acima do vulgar.

Lopes Matoso entendeu que era chegado o tempo de tornar a mudar de vida, e voltou para a cidade.

Lenita teve então ótimos professores de línguas e de ciências; estudou o italiano, o alemão, o inglês, o latim, o grego; fez cursos muito completos de matemáticas, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. (Ribeiro, 1999, p.13-4)

Além das lições recebidas do pai e dos professores, que recobriam uma ampla gama de conhecimentos, Lenita complementa sua formação através das leituras, principalmente em questões que dizem respeito a sua intimidade; será através dos livros de fisiologia que na adolescência aprenderá um pouco mais sobre as transformações ocorridas no seu corpo:

Com o tempo, os livros de fisiologia acabaram de a edificar; em Püss aprendera que a menstruação é uma muda epitelial do útero, conjunta por simpatia com a ovulação, e que o terrível e caluniado corrimento é apenas uma conseqüência natural dessa muda. (Ribeiro, 1999, p.22)

A formação intelectual aparece como definidora das atitudes de Lenita diante da vida. Ao chegar à mocidade com todo aquele conhecimento, resultado de sua “educação acima do vulgar”, ela se afasta do convívio e das preocupações das moças de sua idade. É dessa forma que seu pai procurará explicar sua resistência aos pedidos de casamento, acabando por admitir que errou nesse processo:

- Sabes que mais? estou quase convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimentos acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O homem fez-se para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica. Não achas, de certo, homem algum digno de ti?

- Não é por isso, é porque ainda não sinto a tal necessidade do casamento. Se eu a sentisse, casar-me-ia.

- Mesmo com um homem medíocre?

- De preferência com um homem medíocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais, se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre abaixo de si, por que eu, que, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que fosse inferior? (Ribeiro, 1999, p.14-5)

Assim vão sendo apresentados os elementos que gerarão a contradição entre a formação de Lenita e seus “instintos naturais”, estabelecendo uma luta entre a

racionalidade adquirida por uma educação que gerou a “mulher superior” e as necessidades “fisiológicas” da fêmea. Se, ao falar do seu direito de escolha e da possibilidade de se casar com um homem medíocre, Lenita procura demonstrar racionalização e frieza diante das questões que envolvem a sua vida afetiva, este comportamento será quebrado na relação que estabelecerá com Barbosa.

Antes mesmo de ter o primeiro contato com Barbosa, Lenita conhecerá algumas de suas particularidades e um pouco da sua história, nas conversas com o velho coronel Barbosa que, embora não falasse com tanto entusiasmo, faz referências ao filho ausente.

... filho único, homem já maduro, casado, mas desde muito separado da mulher, caçador, esquisitão, metido consigo e com os seus livros [...]. (Ribeiro, 1999, p.15-6)

Aquilo é um esquisitão, sempre foi. Mete-se com os livros e fica meses sem sair do quarto. De repente vira-lhe a maretá, e lá se vai ele para o sertão, põe-se a caçar e adeus! não se lembra mais de nada. (Ribeiro, 1999, p.30)

Em outro diálogo o coronel fala sobre o tempo em que Barbosa viveu na Europa e de suas experiências no mundo da ciência, o que desperta um certo interesse em Lenita:

- Não sabia que seu filho tinha estado na Europa.
- Esteve, esteve lá dez anos; quando voltou até já falava mal o português.
- Em que países esteve?
- Um pouco em toda a parte: esteve na Itália, na Áustria, na Alemanha, em França. Na Inglaterra foi que parou mais tempo: demorou-se lá, aprendendo com um tipão que afirma que nós somos macacos.
- Darwin?
- Exatamente.
- Então seu filho é homem muito instruído?
- É, fala umas poucas línguas, e conhece bastantes ciências. Sabe até medicina.
- Deve ser muito agradável a sua companhia.
- Há ocasiões em que é de fato, há outras em que nem o diabo o pode aturar. Está então com uma coisa que ele chama em inglês... um nome arrevesado.
- *Blue devils*?
- Há de ser isso. (Ribeiro, 1999, p.30-1)

A partir dos breves comentários que o coronel faz a respeito do filho, Lenita constrói uma imagem de Barbosa:

E Lenita daí em diante pensou sempre, mesmo a seu pesar, nesse homem excêntrico que, tendo vivido por largo espaço entre os esplendores do mundo antigo, a ouvir os corifeus da ciência, a estudar de perto as mais subidas manifestações do espírito humano; que, tendo desposado por amor, de certo, uma das primeiras mulheres do mundo, uma parisiense, se deixara vencer de tédio a ponto de se vir encafiar em uma fazenda remota do oeste da província de São Paulo, e que, como isso lhe não bastasse, lá ia para o sertão desconhecido a caçar animais ferozes, a conviver com bugres bravos. (Ribeiro, 1999, p.31)

É este o Barbosa construído por Lenita, aquele que traz do “velho mundo” os novos saberes, um homem afinado com as novas idéias, que podem parecer tão estranhas quanto os seus hábitos e o seu isolamento.

Isolados do mundo, ela isolada nas alturas, fruto de uma educação que a afastou das preocupações e das ocupações das moças de sua idade; ele, um misantropo, que acredita em estranhas teorias de parentesco entre homens e macacos, e vive metido consigo e com seus livros. Entre os dois, algo em comum que os aproximará – a ciência.

### **Nos braços da ciência**

Passearam, conversaram muito. Falaram principalmente de botânica. Barbosa estabeleceu um confronto detalhado entre a flora do velho mundo e a do novo; entrou em apreciações técnicas; desceu a minudências de sua própria observação pessoal. À alternativa matemática das estações do ano na Europa contrapôs a magnificência monótona da primavera eterna brasileira. Fez notar que lá domina nas matas o exclusivismo de uma espécie, que há bosques só de carvalhos, só de castanhos, só de álamos, ao passo que cá acotovelam-se, emaranham-se em pequeno espaço cem famílias, diversíssimas a ponto de não se encontrarem, muitas vezes, dois indivíduos da mesma variedade em um raio de mil metros. Abriu uma exceção em Minas e no Paraná para a *araucaria brasiliensis*, abriu exceções para as palmeiras intertropicais, a que chamou legião. Lenita acompanhou-o com interesse sumo, revelando conhecimento aprofundado da matéria, fazendo-lhe perguntas de entendedora. Citou Garcia d’Orta, Brótero e Martius, criticou Correia de Melo e Caminhoá, confessou-se, em relação a espécies, sectária, ardente de Darwin, cujas opiniões radicou a estima entre ambos; quando entraram para almoçar estavam amigos velhos. (Ribeiro, 1999, p.48-9)

Este encontro acontece na manhã seguinte à chegada de Barbosa à fazenda quando, refeito dos efeitos da viagem e da enxaqueca que o atacara na noite anterior, Barbosa encontra Lenita passeando pelos pomares. Após os seus pedidos de desculpas pelo ocorrido na noite anterior, travam um diálogo como se fossem velhos

conhecidos, o que permite a Lenita se desfazer da imagem que tivera de Barbosa no momento de sua chegada.

Lenita veio da sala, adiantou-se para o recém-chegado, cumprimentou-o com uma inclinação da cabeça.

Ele tirou o chapéu alagado, retribuiu o cumprimento.

- Um seu criado, minha distinta senhora. Desculpar-me-á não apertar-lhe a mão: estou imundo, estou que é só barro da cabeça aos pés.

Manuel Barbosa era homem de boa altura, um tanto magro. A roupa molhada colava-se-lhe ao corpo, acentuando-se as formas angulosas. Cabelos desmesuradamente grandes, empastados, escorrendo água, cobriam-lhe a testa, escondiam-lhe as orelhas. As barbas grisalhas, crescidas, davam-lhe um aspecto inculto, quase feroz. Com a enxaqueca estava pálido, muito pálido, baço, terroso. Piscava muito os olhos para furtar-se à ação da luz. Tinha as pálpebras batidas, trêmulas, e muitos pés de galinha encarquilhavam-lhe os cantos externos dos olhos.

Lenita, desapontadíssima, mirava-o com uma curiosidade dolorosa. (Ribeiro, 1999, p.42)

A preleção de ciência natural, que acontece nos primeiros momentos de convivência comum, criará entre eles uma certa cumplicidade, pois, se até então, os seus hábitos e idéias eram estranhos aos comuns, será justamente esta estranheza que os aproximará. Lenita, que já tinha uma imagem constituída de Barbosa, enquanto homem de saber, vê esta confirmada, e apaga definitivamente a imagem com a qual se defrontou no momento em que ele chegou na fazenda. Por outro lado, os seus dotes intelectuais causarão em Barbosa uma agradável surpresa:

- Sim, senhor, meu pai, a Exma. senhora dona Helena é para mim uma surpresa, uma revelação. Sabia-a muito bem educada, mas supunha-a bem educada, como o são em geral as moças, com especialidade as brasileiras – piano, canto, quatro dedos de francês, dois de inglês, dois de geografia e... pronto! Pois enganei-me: a Exma. senhora dona Helena dispõe de erudição assombrosa, mais ainda, tem ciência verdadeira, é um espírito superior, admiravelmente cultivado. (Ribeiro, 1999, p.49)

Voltando ao diálogo que ocorre entre Lenita e Barbosa nos pomares da fazenda, este adquire um caráter revelador, pois o conjunto de temas que são discutidos e as citações que são feitas podem ser vistos como códigos que tornam visível a identidade entre Lenita e Barbosa, enquanto conhecedores e portadores de um certo conhecimento.

Estabelecida a afinidade, Lenita e Barbosa passarão quase todo o tempo juntos e sempre envolvidos em alguma atividade: “liam juntos, estudavam juntos, passeavam juntos, tocavam piano a quatro mãos” (Ribeiro, 1999, p.49). Na seqüência dos fatos virá a montagem do laboratório de física eletrológica.

Embora este sirva muito mais para satisfazer suas curiosidades, a manipulação dos modernos aparelhos exigirá atitudes e comportamentos compatíveis com as atividades que ali são desenvolvidas:

Barbosa e Lenita, ocupados, embebidos em experiências, trocavam palavras rápidas, quase ásperas, como dois velhos colegas. Davam-se um ao outro ordens breves, imperiosas. De repente um deles batia o pé, contraía o rosto, piscava duro, sacudia o braço: era que tinha havido um descuido, punido logo por um choque. (Ribeiro, 1999, p.50)

Se os dois transitam muito bem neste ambiente, mesmo com as suas punições, do lado de fora da sala, o velho coronel Barbosa vê tudo com muito espanto. Para ele a sua sala fora “convertida em senzala de feitiçarias”, e dizia que “lá não entraria nem por decreto”. Enquanto o coronel se espanta, Barbosa e Lenita fazem suas experiências, percorrendo diferentes áreas do conhecimento: eletrologia, química, fisiologia, assim como testam os instrumentos presentes no laboratório. Toda esta atividade serve, antes de tudo, e principalmente para Lenita, para “experimentar o que ela dantes só aprendera teoricamente” (Ribeiro, 1999, p.50). Quando acaba o interesse pelas “experiências científicas”, passam para o estudo de línguas mortas e dos textos clássicos:

Satisfeita a curiosidade científica de Lenita quanto ao estudo experimental da eletrologia, que ela dantes só aprendera teoricamente, passaram à química e à fisiologia. Depois foram à glótica, estudaram línguas, grego e latim com especialidade: traduziram os fragmentos de Epicuro, o *De Natura Rerum* de Lucrecio. (Ribeiro, 1999, p.50)

Assim, Barbosa e Lenita vão passando de uma atividade a outra: “Em estudos, em conversações que eram prolongamentos dos estudos, em passeios e excursões campestres, voava o tempo” (Ribeiro, 1999, p.50). Na relação que estabelecem, mediada pelo interesse na ciência, os livros ocupam um lugar especial. A chegada de um novo livro irá mobilizá-los de tal forma, que rompem com a rotina para se dedicarem à leitura.

Uma vez o moleque, que fora buscar o correio, trouxe para Barbosa um volume lacrado. Era a exposição das teorias transformistas de Darwin e Haeckel por Viana de Lima. Lenita ficou doida de contente com a novidade escrita em francês por um brasileiro. Começaram a leitura depois da ceia, prolongaram-na pela noite adiante, embeveceram-se a tal ponto que o dia os surpreendeu. (Ribeiro, 1999, p.50)

Se o interesse pela ciência aproxima-os, criando uma recíproca admiração e permitindo uma convivência rica de momentos dedicados aos estudos e experimentos, aos poucos algo mais vai se estabelecendo nesta relação. De forma diferenciada, Barbosa e Lenita vêm aflorar outros sentimentos:

À noite, quando depois de despedir-se de Barbosa, entrava para o quarto, Lenita despi-se, concentrando o pensamento, refletindo sobre o seu estado de espírito, achava-se feliz, notava que tinha afetos brandos por tudo que a rodeava, que via a natureza por um prisma novo. Sentia, com uma ponta de remorso, que lhe ia esquecendo o pai. E parecia-lhe interminável o que restava da noite, o que ainda faltava para tornar a ver Barbosa. (Ribeiro, 1999, p.51)

Barbosa vê com certa estranheza os sentimentos que aquela relação começa a lhe despertar:

- Que não sabia o que aquilo era, pensava. Admiração por talento real em uma moça, por faculdades inegavelmente superiores em uma mulher? Possível. Mas em Paris trabalhara ele muito tempo com madame Brunet, a tradutora sapientíssima de Huxley; com ela fizera centenas de dissecações anatômicas, com ela aprofundara estudos de embriogenia; respeitava-a, admirava-a; e nunca sentia junto dela o que sentia junto de Lenita. E todavia madame Brunet não era feia, bem ao contrário. Não, aquilo não era simples admiração. Mas que diabo era então? Amor verdadeiro, com objetivo definido, carnal, também não era: ao pé de Lenita ainda não tivera desejo algum lascivo, ainda não sofrera o pungir do espinho da carne. [...] Casto, era-o até certo ponto: só procurava relações genésicas, quando as exigências fisiológicas do seu organismo de macho se faziam sentir, imperiosas, ameaçando-lhe a saúde. E não ligava a isso mais importância do que o exercício de uma outra função qualquer, do que satisfação de uma simples necessidade orgânica. Mas que era então o que sentia por Lenita? Amizade no rigor do termo, como de homem para homem, e até de mulher para mulher, não era: a amizade é impossível entre pessoas de sexo diferente, a não ser que tenham perdido todo o caráter de sexualidade. Amor ideal, romântico, platônico? Era de certo isso. Mas que ridículo, santo Deus? que oceano de ridículo! Quebradeiras sentimentais na casa dos quarenta, quando a endureção do cérebro já não permite fantasias, quando a luta pela vida já tem morto as ilusões?

O caso era que não podia estar longe da moça, que só junto dela vivia, pensava, estudava, era homem. Estava preso, estava aniquilado. (Ribeiro, 1999, p.51-2)

A partir do reconhecimento de que existia algo além do interesse pela ciência naquela relação, começam o conflito e a luta entre a razão e os apelos da carne. Até aquele momento, Lenita procurara robustecer o intelecto, de tal forma a se sobrepor às manifestações dos seus mais íntimos desejos, pois acreditava que tais sentimentos eram incompatíveis com a sua condição de “mulher superior”.

Em um momento, por uma como intussuscepção súbita, aprendera mais sobre si própria do que em todos os seus longos estudos de fisiologia. Conheceu que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho.

Invadiu-a um desalento imenso, um nojo invencível de si própria.

Robustecer o intelecto desde o desabrochar da razão, perscrutar com paciência, aturadamente, de dia, de noite, a todas as horas, quase todos departamentos do saber humano, habituar o cérebro a demorar-se sem fadiga na análise sutil dos mais abstrusos problemas da matemática transcendental, e cair de repente, com os arcanjos de Milton, do alto do céu no lodo da terra, sentir-se ferida pelo agulhão da carne, espolinhar-se nas concupiscências do cio, como uma negra boçal, como uma cabra, como um animal qualquer... era a suprema humilhação. (Ribeiro, 1999, p.21)

A susceptibilidade feminina, que Lenita julgava incompatível com os desígnios da razão, já se manifestara em outros momentos de sua vida. Quando se viu abalada pela súbita morte do pai, foi tomada por um estado de espírito que a afastou dos seus interesses pela ciência, e suas preferências literárias passaram a ser outras.

Podia-se dizer que entrara em convalescença do cataclismo orgânico produzido pela morte do pai.

E Lenita sentia-se outra, feminizava-se. Não tinha mais gostos viris de outros tempos, perdera a sede de ciência: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais. Releu Paulo e Virgínia, o livro quarto da Eneida, o sétimo do Telêmaco. A fome picaresca de Lazarillo de Tormes fê-la chorar. (Ribeiro, 1999, p.20)

No momento em que se manifestam os desejos em relação a Barbosa, outros elementos se fazem presentes, pois além da atração física, que poderia ser consequência das manifestações orgânicas, havia as qualidades intelectuais de Barbosa; neste momento, Lenita via-se diante de alguém capaz de prendê-la pelo intelecto.

A seus olhos avultara ele, tomara proporções novas, realizara-lhe o ideal. Deixara-se subjugar, dominar pelo físico robusto e nervoso, pela pujante e culta mentalidade de Barbosa.

A fêmea altiva, orgulhosa, mas cônica da sua superioridade, encontrava o macho digno de si: a senhora se fizera escrava. (Ribeiro, 1999, p.57)

Lenita e Barbosa tornam-se amantes, e esta relação gera uma gravidez indesejada. Lenita se sentirá traída pelo destino, ou, como supõe, pelas forças da natureza. Nesta condição, é tomada por sentimentos que a fazem sentir repugnância por tudo que a atraía em Barbosa:

Com pasmo grande, sem poder dar a razão por que, via que Barbosa já lhe não inspirava admiração. As tiradas, as dissertações científicas, aliás corretas, que lhe fazia enfastiavam-na: ela achava-o desajeitado, vulgar, pretensioso; ganhava-lhe aversão; cria até perceber-lhe no corpo e na roupa um cheiro esquisito, enjoativo, o que quer que era como catinga de rato. Repugnavam-lhe as carícias dele, e, para chegar bem à verdade, elas incomodavam-na, de fato, topicamente. (Ribeiro, 1999, p.128)

Consumado o romance, e percebidas suas conseqüências, os amantes passam a ver aquele fato como um momento de queda. Para Lenita, da sua condição de “mulher superior”: “Tinha ido pedir à ciência superioridade sobre as outras mulheres; e na árvore da ciência encontrara um verme que a poluíra” (Ribeiro, 1999, p.127). Já Barbosa, se via traído pelos caprichos femininos.

Descrente de mulheres, divorciado da sua, gasto, misantropo, ele abandonara o mundo, retirara-se com seus livros, com seus instrumentos científicos, para um recanto selvagem, para uma fazenda do sertão. Abandonara a sociedade, mudara de hábitos, só conservara, como relíquias do passado, o asseio, o culto do corpo, o apuro despretensioso do vestir. Levava a vida a estudar, a meditar; ia chegando ao quietismo, à paz de espírito de que fala Plauto, e que só se encontra no convívio sincero, sempre o mesmo, dos livros, no convívio dos ausentes e dos mortos. E eis que a fatalidade das coisas lhe atira no meio do caminho uma mulher virgem, moça, bela, inteligente, ilustrada, nobre, rica. E essa mulher apaixonou-se por ele, força-o também a amá-la, cativa-o, aniquila-o. (Ribeiro, 1999, p.112-3)

Enquanto homem de ciência, Barbosa procura uma explicação para os comportamentos de Lenita. Nos seus últimos momentos de vida, encontra na histeria feminina uma explicação que satisfaz os seus anseios.

Entregara-o de mãos atadas aos caprichos de uma mulher histérica que se lhe oferecera, que se lhe dera, como se teria oferecido, como se teria dado a

qualquer outro, a um negro, a um escravo de roça, não por amor psíquico, mas para satisfazer a carne faminta....

Repleta, farta, essa mulher o abandonara. (Ribeiro, 1999, p.142)

Tanto na reflexão de Lenita, quanto na de Barbosa, a paixão aparece como incompatível aos espíritos forjados pela ciência, uma ciência que requer o isolamento e até mesmo a castidade. Na luta entre a razão e os desejos da carne, as ciências e os estudos científicos ocupam um lugar que não é o do desejo, dos instintos e das paixões. Portanto, vivem um conflito que é moral, de uma moral que dita os imperativos aos quais os homens de ciência devem se submeter.

### **A natureza**

Parou assombrada ante o cenário majestoso que a pouca distância se lhe adregou.

No fundo de uma barroca muito vasta erguia-se um paredão de pedra negra, musgoso, talhado a pique: por sobre ele atirava-se um jorro de água que ia formar no talvegue da barroca um lagozinho manso, profundo, cristalino.

Escadeando por sobre o açude natural que fechava a barroca pelo lado de baixo, derivava-se a água, sonora, fugitiva.

No espelho calmo do lago refletia-se a vegetação luxuriante que o emoldurava.

Perobas gigantescas de fronte escura e casca rugosa; jequitibás seculares, esparramando no azul do céu a expansão verde de suas copadas alegres; figueiras brancas de raízes chatas, protraídas a estender ao longe, horizontalmente, os galhos desconformes como grandes membros humanos aleijados; canchins de folhas espinhentas, a destilar pelas fibras do córtex vermelho-escuro um leite cáustico, venenoso; guaratãs esbeltos, lisos no tronco, muito elevados; taiúvas claras; paus-d'algo verdenegrosos, viçosíssimos, fétidos; guaiapás perigosos abrolhados em acúleos lancinantes e peçonhentos; mil lianas, mil trepadeiras, mil orquídeas diversas, de flores roxas, amarelas, azuis, escarlates, brancas -, tudo isso se confundia em uma massa matizada, em uma orgia de verdura, em um deboche de cores que excedia, que fatigava a imaginação. O sol, dardejando feixes luminosos por entre a folhagem, mosqueava o solo pardo de reflexos verdejantes.

Insetos multicolores esvoaçavam zumbindo, sussurando. Um sorocoá bronzeado soltava de uma caneleira seu sibilo intercadente.

Uma exalação capitosa subia da terra, casava-se estranhamente à essência sutil que se desprendia das orquídeas fragrantas: era um misto de perfume suavíssimo e de cheiro áspero de raízes de seiva, que relaxava os nervos, que adormecia o cérebro.

Lenita hauriu a sorvos largos esse ambiente embriagador, deixou-se vencer dos amavios da floresta.

Apoderou-se dela um desejo ardente, irresistível, de banhar-se nessa água fresca, de perturbar esse lago calmo. (Ribeiro, 1999, p.24-5)

Neste cenário, no qual a natureza é descrita como o lugar onde se afloram os desejos, encontramos similaridades e dissonâncias em relação a descrição do laboratório. Assim como no laboratório, luz, sombra, exalações, zumbidos e sibilos compõem a cena, mas não provocam excitação, nem exigem atenção e rapidez, levam ao entorpecimento, pois ali se “relaxava os nervos” e “adormecia o cérebro”. Se há similaridades quanto aos elementos que compõem a construção das duas imagens, isto é, são elementos que tocam os sentidos, os efeitos sobre os que ali penetram, são contrários: se um excita, o outro relaxa e embriaga, um desperta a mente, o outro, o desejo.

Naquele recanto, numa barroca cercada por paredão de pedra negra, há um movimento, manso e calmo; a luz, absorvida pela vegetação, cria uma exuberância de matizes e cores, que “fatigava a imaginação”; as exalações da terra se misturam com as essências das flores, numa combinação relaxante e entorpecedora.

Se nesta representação a natureza aparece como lugar exótico, no qual é destacado o seu aspecto sedutor, pois, como se viu, Lenita acaba sucumbindo aos encantos daquele lugar - “deixou-se vencer dos amavios da floresta” -, outra relação se estabelecerá com a chegada de Barbosa. A partir daí, a natureza passa a ser objeto para as preleções, que versarão, na maioria das vezes, sobre as classificações da botânica e da zoologia. Quando Lenita se recorda dos passeios com Barbosa pelos pomares da fazenda, temos uma expressão desta nova relação:

Tudo lhe falava de Barbosa, tudo lhe recordava.

Aqui era a laranjeira-cravo junto da qual o vira, como em um avatar, como em uma transfiguração, risonho, franco, comunicativo, sob o aspecto que em um momento a cativara.

Ali era um grupo de ameixeiras, que servira de assunto a uma preleção de botânica industrial. Lembrava-lhe muito bem – ameixeira da Índia, ameixeira do Canadá, nomes impróprios, origens falsas. A árvore é autóctone da China e do Japão, onde vive em estado selvagem, é a eriobotria, *mespilus japonica*. Está destinada a um grande papel no futuro, quando este país se tornar industrial. A geléia que produz não tem competidora, e a sua aguardente, coobada, levará de vencida a famosa kirchwasser.

Além era um renque de ananazeiros, a cujo respeito a exposição luminosa e fácil de Barbosa lhe tirara muitas dúvidas. Como lhe vivia na memória a descrição que fizera – bromelia ananas, família das bromeliáceas; folhas em corimbos, duras, quebradiças, alfanjadas, de perto de metro, às vezes, guarnecidas de açúleos; flor vermelha ou roxa, a emergir de um cálice duro, cor de sangue, em pecíolos longos de vinte a trinta centímetros; fruto lindo,

pinhiforme, verde, branquicento, dourado, vermelho, constituído por uma série de bagas em hélice, soldadas, unificadas umas com as outras, em escamas orladas de pequenas folhas escarlates, coroado tudo por um penacho espinhento. Abacaxi, nanã, macambira, onore, uaca, achupala, naná-iacua, chamava-se no continente sul-americano essa fruta adorável que, em 1514, Fernando, o Católico, declarou, na Espanha, a primeira fruta do mundo. Gonzalo Hernandez, Lery, Benzoni descreveram-na em suas obras; Cristóvão Acosta deu-lhe o nome que tem hoje. Conta nada menos de oito variedades; penetrou na África até às margens do Congo, na Ásia até o coração da China; é soberbo em Pernambuco, mas onde atinge a perfeição em forma, em aroma, em gosto, onde chega a ser divino é no Pará. Ainda além um mamoeiro... (Ribeiro, 1999, p.57-8)

Como se vê, a relação com a natureza é outra. Barbosa, ao se referir às espécies vegetais, irá dissecá-las, descrevê-las e classificá-las; faz também uma etiologia dos usos de determinadas espécies e ressalta o valor comercial dos derivados de outras tantas. Do mesmo modo, em outros momentos seu olhar e sua ciência recairão sobre espécies de aves e mamíferos:

- Diga-me, perguntou-lhe a moça, como se chamam estes pássaros verdes, de bico redondo?
- Chamam-se sabiacis.
- No Brasil os psitacídeos serão representados somente por arás e papagaios?
- Em São Paulo, pelo menos, são.
- Quantas espécies temos de papagaios?
- Ao certo, que eu saiba, seis: tuins, periquitos, cuiús, sabiacis, que são estes, baitacas e papagaios propriamente ditos.
- E de arás?
- Quatro: tirivas, araguaris, maracanãs e araras.
- Ao todo, dez?
- Que eu conheço; no sertão pode haver mais.
- Lá ia eu com a minha marotte científica! Basta, basta de ornitologia. (Ribeiro, 1999. p.86)

Quando saem para caçar, Barbosa esclarece as dúvidas de Lenita quanto à espécie abatida:

- Mas são mesmo queixadas?
- E dos maiores.
- Boa carne?
- Excelente, melhor ainda que a do tateto.
- Em que se diferencia o queixada do tateto?
- O queixada, *dycotylus torquatus*, vive só na mata virgem, é maior e muito mais feroz do que o tateto, *dycotylus labiatus*, que é pequeno, medroso e que vive às vezes na capoeira. A nota, porém, característica que os distingue é ter o queixada o queixo branco, como está vendo.

- E é daí que lhe vem o nome?
- Exatamente. Então, vamos? (Ribeiro, 1999, p.99)

Entre as preleções de Barbosa sobre as espécies animais e vegetais, e a descrição da natureza exótica, encontramos muito mais do que diferenças. Na “imagem da natureza exótica”, a composição do ambiente, feita a partir do exotismo e do sensualismo, torna possível expressões do tipo: “à lascívia da flora se vinha juntar o furor erótico da fauna” (Ribeiro, 1999, p.33). Já nas preleções de Barbosa, encontramos o discurso frio da ciência, o qual se fixa no detalhe, na minúcia, o que permite definir, classificar e nomear.

Embora sejam situações distintas, é interessante ver como a composição da obra permitiu a introdução de duas formas discursivas aparentemente antagônicas. Assim, se na composição de algumas cenas exalta-se o sensualismo, em outras, a inserção dos termos e da linguagem própria da ciência aproxima alguns trechos de passagens de um manual de botânica ou zoologia, tal é a presença de suas classificações e nomenclaturas.

Esta dicotomia nos permite questionar sobre a composição de uma terceira imagem, que não se pode extrair enquanto fragmento do romance, mas que se compõe pelo romance no seu todo, muito embora este todo seja composto por pequenas partes que, a princípio, se situam em lugares muito distintos.

### **A técnica**

A estrada de ferro inglesa de Santos a Jundiaí é um monumento grandioso da indústria moderna.

De Santos a São Paulo percorre ela uma distância de 76 quilômetros.

Todas as obras de arte dos terrenos planos são admiravelmente acabadas, são perfeitas.

Até a raiz da serra a distância é de 21 quilômetros: há três pontes, uma das quais notabilíssima, sobre um braço de mar chamado Casqueiro. Mede ela 152 metros, tem dez vãos iguais, assenta sobre pegões robustíssimos.

Da raiz da serra até o rechano do alto, contam-se oito quilômetros. A altura é de 793 metros, o que dá um declive quase exato de dez por cento.

Como se calcam esses desfiladeiros, essas agruras vertiginosas?

De modo simples.

Divide-se a subida da serra em quatro planos uniformes de dois quilômetros cada um. Para a tração, empregou-se um sistema adotado em algumas minas de carvão da Inglaterra. Máquinas fixas de grande força recolhem e soltam

um cabo fortíssimo, feito de fios de aço retorcidos. Presos às duas pontas desse cabo giram dois trens: um sobe, outro desce. A agulha de um odômetro indica com exatidão matemática o lugar do plano em que se acha o trem, indica o momento de encontro de ambos eles. Um brake de força extraordinária permite suspender-se a marcha quase instantaneamente, e um aparelho elétrico põe os trens em comunicação imediata com as respectivas máquinas fixas. O cabo, resfriado ao sair por um filete de água, corre sobre roldanas que se revolvem vertiginosas, com um ruído monótono, metálico, por vezes forte, por vezes muito suave.

O serviço é regular e tão bem feito, que em grandes extensões há um único jogo de trilhos a servir tanto para a subida como para a descida. Funciona a linha há mais de vinte e um anos e ainda não se deu um só desastre. Pasmoso, não?

Em cada uma das quatro estações de máquinas fixas há cinco geradores de vapor, três dos quais sempre em atividade. As grandes rodas estriadas que engolem e soltam o cabo, as bielas de ferro polido que as movem, os mancais de bronze, os excêntricos em que o ferro rola sobre bronze com atrito doce, tudo está limpo, luzente, azeitado, funcionando como um organismo são. Chaminés enormes, que se enxergam de longe, feitas de cantaria lavrada em rústico, atiram aos ares balcões de fumo, enovelados, densos.

Os desbarrancamentos são remendados a alvenaria; todas as águas perenes, todas as torrentes pluviais estão dirigidas, encanadas, por calhas de pedra, de tijolos, de juntas tomadas, por bicames de madeira. Há encanamentos subterrâneos feitos em granitos, gradeados de ferro, que fazem lembrar os calabouços dos solares feudais.

Na serra de Santos a obra do homem está de harmonia com a terra em que assenta; a pujança previdente da arte mostra-se digna da magnitude ameaçadora da natureza.

O viaduto da Grota Funda é simplesmente uma maravilha. Mede em todo o comprimento 715 pés ingleses, mais ou menos 215 metros. Tem 10 vãos de 66 pés e um de 45 entre duas cabeceiras de cantaria; assenta sobre colunatas de ferro engradadas (treillages) e sobre um pegão do lado de cima. A mais elevada colunata, contando a base, tem 185 pés, 56 a 57 metros. A inclinação é a inclinação geral, dez por cento ou pouquíssimo menos. Começou-se esta obra assombrosa em 2 de julho de 1863; em março de 1865 assentaram-se-lhe as primeiras peças de ferro; em 2 de novembro do mesmo ano atravessou-a o primeiro trem, 2 de novembro, dia de defuntos, os ingleses não são supersticiosos.

Uma empresa hors ligne, esta companhia de estrada de ferro. O resultado foi além da mais exagerada expectativa otimista. O governo geral garantiu cinco por cento sobre o capital empregado na construção, e o provincial dois. De há muito, porém, que a companhia prescindiu de garantia, e que distribuiu dividendos fabulosos.

Ganham, ganham muito dinheiro, ganham riquezas de Cresos os ingleses, e merecem-nas. O progresso assombroso de São Paulo, a iniciativa industrial do paulista moderno; a rede de vias férreas que leva a vida, o comércio, a civilização a Botucatu, a São Manuel, ao Jaú, ao Jaguera, tudo se deve à Saint Paul Rail Road, à Estrada de ferro de Santos a Jundiá.

Rule, Britannia! Hurrah for the English! já que o nosso governo não presta para nada. (Ribeiro, 1999, p.78-80)

O trecho acima foi extraído da carta<sup>40</sup> que Barbosa escreve para Lenita, quando de sua viagem até Santos, passando pela capital paulista. A carta é um extenso relatório no qual narra suas impressões de viagem, com comentários e citações sobre todos os aspectos observados. Flora e fauna, aspectos geológicos, geográficos, históricos e humanos de Santos e dos lugares por onde passou compõem a narrativa de Barbosa. Ao tratar das obras de engenharia, principalmente da ferrovia Santos-Jundiaí, a carta ganha ares de um relatório técnico.

A “imagem da técnica” é um tributo ao grandioso, à capacidade dos homens de seu tempo de vencerem os obstáculos colocados pela natureza, ou, como prefere Barbosa: “da magnitude ameaçadora da natureza”. Mas não são apenas as construções que impressionam Barbosa, há também o espetáculo oferecido pelas máquinas, com suas imensas engrenagens, cabos e bielas, que movimentam grandes massas, emanando múltiplos sons. Há também o brilho do aço polido, os gases emitidos pelas chaminés, todos conjugados como em uma gigantesca orquestra. É o espetáculo das máquinas - do progresso.

O grandioso extasia, mas não entorpece. Antes de tudo é necessário que os homens estejam alertas ao funcionamento correto dos mecanismos; a sincronia dos movimentos deve ser mantida, tudo cronometrado e controlado com exatidão matemática, em ordem, pois é do perfeito funcionamento dos mecanismos e do seu exato controle que depende o sucesso de todo o processo. Para Barbosa aquilo é o futuro, pelos trilhos da estrada de ferro correm a riqueza, o progresso e a civilização.

Na carta de Santos se manifestam diferentes concepções de ciência; primeiro é a ciência que descreve e ordena, que busca, por meio da descrição, definir os lugares de tudo que se torna seu objeto de análise. Depois, vem a ciência que produz, que permite ao homem superar os obstáculos colocados pelo meio, e desta forma

---

<sup>40</sup> A “carta de Santos” chama a atenção dentro da obra. Nesta edição (Ribeiro, 1999), o romance ocupa um total de 143 páginas, sendo que a carta de Santos ocupa aproximadamente 13 páginas (68 a 81), que representam dez por cento da obra. Embora haja um preâmbulo, que antecede a leitura da carta, no qual é mostrada a ansiedade de Lenita pela correspondência, onde poderia haver uma declaração de amor por parte de Barbosa, a carta, é muito mais um relatório das observações que Barbosa faz ao longo da viagem, essencialmente descritiva, traz inúmeras citações e referências a autores que tratam dos temas que estão sendo abordados. Barbosa fala da cidade de Santos, do seu clima, das suas obras, do serviço de abastecimento de água; depois passa para os arrecifes da costa brasileira, com toda uma descrição desta costa, o movimento das marés; volta a falar do clima de Santos e dos fatores biológicos a ele associados,

construir um novo mundo, criado segundo seus interesses e sua vontade – “a pujança previdente da arte mostra-se digna da magnitude ameaçadora da natureza”.

É com os olhos de homem de ciência que Barbosa faz suas observações e seus relatos. Mas, ao acompanharmos a sua descrição, vemos que o seu olhar vai se desviando das obras e das máquinas para repousar naqueles que para ele são os responsáveis por tais realizações - os empreendedores ingleses. Tomados como verdadeiros heróis, homens que vencem as adversidades colocadas pelo meio, os ingleses aparecem como capazes de superar inclusive a indolência dos governantes e, aliados aos modernos industriais paulistas, gerar riquezas e progresso. Este desvio no olhar de Barbosa revela, até certo ponto, os sonhos de progresso daquele homem de ciência.

A expressão da admiração pela ciência e pela técnica não se manifesta ao longo do romance apenas nas descrições de obras de engenharia e equipamentos científicos. O conhecimento de técnicas, assim como determinados comportamentos que são próprios dos homens de ciência, será retratado através de situações nas quais os personagens, principalmente Barbosa, fazem uso dos seus conhecimentos colocando a sua ciência em ação. Nada melhor para demonstrar a presença deste espírito científico do que algumas situações dramáticas, nas quais a vida de um dos personagens está em risco. Como quando Lenita é vítima de uma picada de cascavel.

Ao perceber o que tinha ocorrido, Barbosa “empalideceu; por um momento ficou atordoado. Dominou-se, porém, logo ajoelhou-se, tomou o pé de Lenita entre as mãos, examinou detidamente” (Ribeiro, 1999, p.102). Superado o impacto emocional, Barbosa iniciou os procedimentos médicos, sendo o primeiro o exame clínico. Depois vêm a intervenção, no qual é feito o estancamento da circulação, a retirada do veneno e posterior tratamento medicamentoso. Após o sucesso de sua intervenção, há um momento em que Barbosa, dirigindo-se ao seu pai, faz uma preleção de fisiologia, na qual explica e fundamenta toda os procedimentos adotados neste caso:

- O meu tratamento foi todo racional: pus em prática o que aprendi de Paul Bert, que aprendeu de Claude Bernard. Vossa mercê conhece bem o jogo da circulação. O sangue hematoso nos pulmões vai, pela via pulmonar,

---

faz uma descrição dos habitantes da cidade e da estrada de ferro que liga São Paulo a Santos, com comentários sobre as observações que são feitas ao longo da estrada.

armazenar-se nos compartimentos esquerdos do coração: daí sai pela aorta, corre pelo sistema arterial, vivifica todo o organismo, chega aos capilares, transfunde-se, torna carregado de resíduos pelas veias, entra na aurícula direita do coração, recolhe os elementos reparadores trazidos pelas veias subclávias, passa para o ventrículo respectivo, volta a depurar-se, a reoxigenar-se nos pulmões, e assim por diante, sempre. Ora muito bem. No caso de uma infecção qualquer de veneno, de uma mordedura de cobra por exemplo, há três fases, três *etapas* indefectíveis: primeira, dissolve-se o veneno nos humores animais que se encontram na ferida; segunda, penetra o veneno nas veias e é levado ao coração; terceira, põe-se o veneno em contato com os elementos orgânicos do corpo por meio da torrente arterial. Meu pai sabe que o que constitui *venenosa* uma substância qualquer não é a sua qualidade, mas sim a sua quantidade: um miligrama de estricnina não é venenoso para o homem porque, tomado de uma vez, não o mata: um litro de conhaque é venenoso para ele porque, tomado de uma vez, fulmina-o. Um veneno que se elimina antes de exercer ação tóxica deixa de ser veneno. No caso da mordedura de cobra, para que o veneno produza efeito mortífero, é preciso que a sua eliminação seja desproporcional, é preciso que seja menor que a absorção: é indispensável que haja acumulação no sangue. Pois bem: o veneno está na ferida, mas não pode subir, que lho impede uma ligadura. Impossível prolongar tal estado, traria a gangrena. Força é desfazer o atilho, deixar subir o sangue e com ele o veneno. Desfaz-se, deixa-se aos poucos, porém, de modo que o veneno que entra com o sangue não seja suficiente para produzir ação letal, de modo que seja eliminado antes que venha outra quantidade que, somada com ele, possa produzir essa ação. Assim, pois, solta-se a ligadura, aperta-se de novo, torna-se a soltar, torna-se a apertar, até que todo o veneno tenha percorrido o corpo e tenha sido eliminado sem efeito mortífero. O álcool excita os nervos, aviva a torrente circulatória; ajuda portanto, facilita a eliminação. (Ribeiro, 1999, p.104-5)

Nestas descrições, que chegam às minúcias, aparecem as explicações que justificam todos os procedimentos adotados, vê-se como o conhecimento científico orienta as ações de Barbosa. Em outras passagens, o que fica evidente é a forma de abordar o problema, ou, como é que, por meio da indução e da dedução, Barbosa - um homem da ciência - elabora suas hipóteses e obtém conclusões.

A situação mais exemplar de tais procedimentos é aquela que mostra como Barbosa desmascara Joaquim Cambinda, um velho escravo que se faz passar por feiticeiro. Ao longo do romance vai aparecendo uma história paralela, na qual são relatadas as atividades de Joaquim Cambinda, apresentado como feiticeiro e líder de uma agremiação secreta, a irmandade de São Miguel. Na descrição da sua figura, é retratado como um monstro:

Era horroroso esse preto: calvo, beijudo, maxilares enormes, com as escleróticas amarelas, raiadas de laivos sangüíneos, a destacarem-se na pele

muito preta. Curvado pela idade, tardo, trôpego, quando se erguia e, envolto na sua coberta de lã parda, dava alguns passos, semelhava uma hiena fusca, vagarosa, covarde, feroz, repelente. Tinha as mãos secas, aduncas; os dedos dos pés reviravam-se-lhe para dentro, desenhados, medonhos. (Ribeiro, 1999, p.63)

Joaquim Cambinda usa dos seus conhecimentos sobre as plantas, principalmente daquelas que produzem substâncias nocivas, para o exercício da sua feitiçaria e, através do medo, subjuga os escravos da fazenda. Mas será desmascarado por Barbosa e a sua ciência. Isto ocorre quando uma escrava que está agonizando é levada até a sede da fazenda. Atendendo ao chamado do pai, Barbosa examina a convalescente e chega à seguinte conclusão:

- Meu pai, a Maria Bugra morre, e sabe vossa mercê de que morre ela?
- Tenho medo de o saber.
- Vejo que me compreendeu. Morre do que têm morrido vários escravos aqui na fazenda, morre envenenada.
- É bem possível.
- Não é possível, é certo. Lembra-se da morte do Carlos, da do Chico Carreiro, da do Antônio Mulato, da Maria Baiana?
- Perfeitamente!
- Não apresentaram eles os mesmos sintomas que apresentou e está apresentando agora a Maria Bugra?
- Homem, com efeito! Apresentaram.
- Excitação violenta mas passageira, delírio, depois paralisia quase completa, face túmida, conjuntivas injetadas, olhos saltados, dilatação de pupilas, deglutição impossível, queda de pulso, esfriamento geral, incontinência de urina e de fezes?
- Exato.
- Pois tudo isso, estou convencido, é consequência da ingestão de um veneno terrível, e infelizmente muito comum entre nós, a antropina. (Ribeiro, 1999, p.89)

Após chegar a esta conclusão, partindo da observação dos sintomas apresentados pela escrava, Barbosa aponta o autor do envenenamento:

- E a sua convicção é...
- Que Maria Bugra morre envenenada por uma decoção fortíssima de sementes de datura<sup>41</sup>, e, conseqüentemente, por antropina.
- E tem suspeita de quem tenha sido o propinador do veneno?
- Não tenho suspeita, tenho certeza.
- Quem pensa que foi?

---

<sup>41</sup> Barbosa faz uma pequena preleção sobre os estudos de algumas plantas e a extração da antropina, Nesta explica que a antropina pode ser obtida de uma planta conhecida por figueira do inferno, chamada cientificamente de dotura stramonium. Cf. Ribeiro, 1999, p.89.

- Joaquim Cambinda.

A esta acusação precisa, formal, convicta, o coronel baixou a cabeça. Pensava Barbosa tinha razão. Perdera a fazenda vários escravos mortos todos de uma moléstia esquisita, que apresentava invariavelmente o mesmo cortejo de sintomas. E isso começara depois de que viera Joaquim Cambinda. Esse preto, tinha-o ele recebido com outros em herança de uma tia, já velho, incapaz de trabalhar. Nunca exigira dele serviço; dera-lhe até para morar, a pedido seu, um paiol largado, independente, no fundo do terreiro. Tempos havia, morrera na fazenda um feitor branco: a viúva, lembrava-lhe bem, tinha feito um berreiro enorme, infernal, dissera que o marido sucumbira a coisa feita, acusara terminantemente a Joaquim Cambinda. Não dera ele, coronel, importância à acusação, e essa acusação ressurgia, feita agora por seu filho, homem inteligente, ilustrado, muito sisudo.

- Em que se estriba você para inculpar o negro velho? perguntou após minutos de meditação.

- Em muita coisa. Primeiro, os fatos, os envenenamentos indiscutíveis, e que só começaram de dez anos a esta parte, depois que Joaquim Cambinda veio para a fazenda: eu cá não estava, mas por informações acho-me ao corrente de tudo. Em segundo lugar, a fama de mestre feiticeiro, que tem ele em todo o município: várias pessoas de critério têm-se interrogado a esse respeito. Depois, surpreendi-o eu mesmo, outro dia, a secar cabeças de cobra, raízes de cicuta e de guiné, sementes de datura. E mais... ele tinha seus agravos de Maria Bugra [...]

- É verdade, sei, até já tive de tomar providências por causa disso. Mas são presunções apenas...

- Que, reunidas, fazem convicção. (Ribeiro, 1999, p 89-90)

Após as conclusões de Barbosa, algumas providências serão tomadas e Joaquim Cambinda desmascarado; acuado, confessará ser o responsável por muitas outras mortes ocorridas na fazenda. Os escravos, revoltados com tão cruel assassino, atiram-no em uma fogueira. É o triunfo da ciência sobre a feitiçaria, que afinal não tinha nada de sobrenatural, era apenas o uso do conhecimento sobre determinadas propriedades das plantas por Joaquim Cambinda, um velho e rancoroso escravo, que, para se vingar do seu senhor, envenena os escravos da fazenda. Portanto, não há nenhuma magia nas suas atividades, são práticas homicidas que não resistem à arguta observação e ao raciocínio lógico de Barbosa.

Nos dois episódios, da picada de cascavel e o caso Joaquim Cambinda, vemos como o saber de Barbosa interfere no desfecho das situações definindo a sua ação. Fica evidente que além da ilustração, manifestada nas preleções, ele faz uso dos métodos da ciência, procura raciocinar a partir de uma certa lógica na resolução dos enigmas que lhe são apresentados, e possui habilidades para executar procedimentos, que são próprios da prática científica.

Tanto a habilidade técnica como determinado modo de raciocinar, que permitem a superação das adversidades que surgem em diferentes momentos do romance, se fazem presentes no desfecho da trama.

Após constatar que está grávida, Lenita aproveita-se da ausência de Barbosa e deixa a fazenda partindo para São Paulo. Algum tempo depois chega à fazenda uma carta endereçada a Barbosa, na qual expõe os motivos de sua partida e as decisões tomadas a partir de então.

Esta carta não se diferencia muito daquela enviada por Barbosa quando de sua viagem a Santos, pois há nela um longo trecho no qual Lenita relata tudo o que observou e fala dos seus encantos com a cidade de São Paulo, como as “habitações higiênicas, confortáveis e modernas”, o comércio, os novos bairros, as compras que fez e o encontro com alguns ilustres escritores em uma das livrarias da cidade. Mas, há um trecho da carta que merece a nossa atenção:

Qual tem sido a minha vida desde que vim da fazenda? Nem eu mesma sei. Estudar, não tenho estudado; fui sábia, fui preciosa tanto tempo, que achei de justiça dar-me o luxo de ser ignorante, de ser mulher um pouquinho. Mas, qual! ninguém é sábio impunemente. A ciência é uma túnica de Dejanira: uma vez vestida, gruda-se à pele, não sai mais. Quando se tenta arrancar, deixa pedaços de forro, que é o pedantismo. E a prova é estar-lhe eu escrevendo, por não poder resistir ao prurido de comunicar as minhas impressões, de conversar um bocadinho com quem me entenda. Que saudades não tenho eu às vezes das nossas palestras, das nossas lições, nas quais tanto se dissipava a treva da minha ignorância à luz do seu profundo saber. O passado, passado: fomos como dois astros vagabundos que se encontraram em um recanto do espaço, que caminharam juntos, enquanto foram paralelas as suas órbitas, e que ora estão separados, seguindo cada qual o seu destino. Vamos ao que serve. (Ribeiro, 1999, p.134)

Após este preâmbulo, Lenita passa para o relato das suas observações sobre a cidade de São Paulo. No final da carta, em algumas linhas criptográficas, expõe os motivos de sua partida e as decisões que tomou:

Estou grávida de três meses mais ou menos.  
Preciso de um pai oficial para nosso filho: ora pater est is quem instae nuptiae demonstrant.  
Se tu fosses livre, fazíamos iustias na igreja as nossas nuptias naturais, e tudo estava pronto. Mas tu és casado, e a lei do divórcio, aqui no Brasil não permite novo enlace: tive de procurar outro.

“Tive de procurar” é um modo de dizer: o outro deparou-se-me, ofereceu-se-me; eu me limitei a aceitá-lo, e ainda impus-lhe condições.

É o Dr. Mendes Maia.

Ao chegar aqui, escrevi-lhe para a corte; ele veio imediatamente, tivemos uma conferência larga, eu fui franca, contei-lhe tudo e... e... e nós nos casamos amanhã, às 5 horas da madrugada... Pelo trem do Norte, que parte às 6, seguimos para a corte, e da corte para a Europa no primeiro vapor.

Sei que te hás de lembrar sempre de mim, como eu sempre me hei de lembrar de ti: calembour à parte, o que entre nós se passou não se olvida.

Não me guardes rancor. Fomos um para o outro o que podíamos ter sido; nada mais, nada menos. (Ribeiro, 1999, p.138)

Se, na carta, Lenita procura demonstrar uma certa frieza diante dos fatos, e justifica sua decisão como fruto da análise racional da situação, tal atitude causará consternação em Barbosa. Ao terminar a leitura da carta, “Barbosa, lívido, com as feições horrivelmente contraídas, rasgou-a em dois movimentos, atirou-a em um lamaçal, onde, com gáudio infinito, chafurdavam alguns porcos” (Ribeiro, 1999, p.138). Na manhã seguinte toma uma decisão: “Descrente de amigos, descrente de amantes, descrente da esposa, ateu, farto do mundo, enjoado de si, fora pedir aos gelos da ciência exclusivista a morte, a extinção dos últimos afetos” (Ribeiro, 1999, p.142).

Ao levar adiante tal decisão prevalecem o seu espírito e suas habilidades de homem de ciência, fazendo uso do instrumental que lhe permite dar cabo da vida com frieza e precisão. Como um cientista que manipula cobaias no laboratório, Barbosa:

Puxou uma gaveta, e dela tirou uma caixinha oblonga de charão: abriu-a. Havia dentro uma seringinha de vidro, uma cápsula de porcelana, um escarificador de dez lâminas e um pequeno pote, esquisito, bojudado, de barro preto, arrolhado cuidadosamente com um batoque de madeira. Uma etiqueta em letras vermelhas sobre fundo amarelo denunciava-lhe o conteúdo.

Barbosa dispôs tudo isso sobre o mármore do criado.

Tomou o escarificador, fê-lo funcionar. Nove das lâminas tinham sido quebradas de adrede: uma só estava intacta, e essa cortava como uma navalha.

Barbosa largou o escarificador, pegou no potinho, fez cair dele, na cápsula, uns grãos irregulares, escuros, com quebras lustrosas.

Era *curare*.

De sobre a mesa tirou um moringue, deitou na cápsula cerca de duas colheres de água, e, com o bico da seringa, foi agitando, fazendo com que se dissolvesse o terrível veneno.

Quando inspissou-se a solução, assumindo a cor carregada de café forte, Barbosa encheu com ela a seringa.

Tomou de novo o escarificador, engatilhando-o, aplicou-o sobre a face interna do antebraço esquerdo, premiu o botão.

Ouviu-se um estalo abafado.

Barbosa retirou o escarificador.

Um pequeno traço, fino como um cabelo, desenha-se-lhe negro na alvura da cútis.

Uma gotazinha de sangue ressumou, marejou, redonda, rubro, brilhante, como um rubim.

Barbosa largou o escarificador e, a sorrir, sem empalidecer pegou, segurou a seringa entre o índice e o médio da mão direita, introduziu-lhe o bico afilado na cesura, meteu o polegar no anel da haste, calcou firme, empurrou com força o pistão. O excesso do líquido injetado expandiu-se, desenhando-lhe na brancura da pele um como aracnide sinistro.

Barbosa lançou no urinol o resto do conteúdo da cápsula, meteu-a com o potinho, com o escarificador, com a seringa na caixa de charão, escreveu em um bilhete de visita – *Cuidado, que isso é veneno* – pôs também o bilhete dentro, fechou a caixa, guardou-a na gaveta, foi ao lavatório, molhou uma toalha, limpou o braço, voltou para a cama, deitou-se de costas, ao comprido. (Ribeiro, 1999, p.139-40)

O trágico fim de Barbosa, que é final do romance, mostra os últimos embates de uma luta; depois de inocular o veneno ele vai sentindo o seu corpo se paralisar. Mas mesmo com o corpo todo paralisado ele ainda está consciente, percebe os seus arredores, o desespero dos seus pais e quer voltar a viver – mas já é tarde demais – a sua ciência vencera.

Morto e vivo!

Tudo morrera: só vivia o cérebro, só vivia a consciência e vivia para a tortura...

Por que não ter despedaçado o crânio com uma bala?

A paralisia invadiu os últimos redutos do organismo, o coração, os pulmões, sístole e diástole cessaram, a hematose deixou de se fazer. Um como véu abafou, escureceu a inteligência de Barbosa, e ele caiu de vez no sono profundo de que ninguém acorda. (Ribeiro, 1999, p.143)

### **A túnica de Dejanira**

A leitura do romance *A Carne* nos remete a questões relativas à articulação entre os diferentes saberes que se fazem presentes em sua composição, como é a inserção de elementos que são próprios da ciência. Tal fato cria a necessidade de artifícios que buscam atribuir significados aos saberes científicos no contexto da obra.

O conjunto de citações e descrições, que até certo ponto atende aos preceitos da escola naturalista, promovendo uma aproximação com o discurso da

ciência, em *A Carne*, se interpõe no texto criando rupturas na narrativa da trama, esta inserção de descrições “frias e neutras”; rompe com as emoções que estão sendo suscitadas.

Além das estratégias na composição da narrativa, a composição dos personagens também parece ser um artifício produtor de sentidos à inserção da ciência na obra. Partindo da tese da influência da formação científica na constituição da personalidade e do caráter, e como fator determinante nas atitudes diante da vida, a ciência se internaliza nos personagens. Tal processo naturaliza a presença das referências à ciência em diferentes momentos, seja nos diálogos, nas cartas e nas leituras, já que compõe o universo daqueles personagens e não lhes causa estranheza.

Na carta que Lenita escreve para Barbosa, já no desfecho da trama, encontramos uma síntese das idéias presentes na construção do romance, e são retomadas algumas das teses assumidas ao longo da obra. Na primeira parte, quando Lenita fala da sua relação com a ciência, procura demonstrar que esta é inseparável da sua pessoa - “uma túnica de Dejanira: uma vez vestida, gruda-se à pele, não sai mais”. Ao mesmo tempo, ao se referir a si e a Barbosa, toma como imagem a figura dos “astros vagabundos que se encontraram em um recanto do espaço”, o que não difere muito da forma como são apresentados nas primeiras páginas do romance. O uso das imagens da “túnica de Dejanira” e dos “astros vagabundos em um recanto do espaço” traduz concepções sobre as relações dos homens com a ciência.

Já ao final da carta, quando Lenita comenta a gravidez e a decisão de se casar com outro, é retomado o conflito entre a razão e os apelos da carne e do coração, recuperando a tese de uma fragilidade feminina, como consequência das manifestações fisiológicas:

Tinha ido pedir à ciência superioridade sobre as outras mulheres; e na árvore da ciência encontrara um verme que a poluía.  
Quisera voar de surto, remontar-se às nuvens, mas a carne a prendera à terra, e ela tombara, submetera-se [...]. Não, ela não amara Barbosa, aquilo não tinha sido amor. Procurara-o, entregara-se a ele por um desarranjo orgânico, por um desequilíbrio de função, por uma nevrose. [...]  
Caíra, mas caíra vencida por si, só por si, por seu organismo, por seus nervos. O homem não entrava em linha de conta, não passava de mero instrumento: fora Barbosa [...]. (Ribeiro, 1999, p.127)

O uso da tese da fragilidade feminina, embora possa ser um argumento presente em muitas outras obras daquele momento, e possa ser lida enquanto uma idéia em circulação, é também um recurso que permite ao longo do romance outras incursões. A existência deste contraponto permitiu ao autor trafegar por duas vias, a da ciência e razão e a do coração e dos sentimentos, e, ao mesmo tempo, agradar e desagradar aos leitores com diferentes expectativas.

Lendo *A Carne*, com olhos de quem busca compreender as relações que se estabelecem entre a ciência e a literatura do final do século XIX, nos deparamos com uma obra exemplar, na qual é possível observar os diferentes recursos que são usados tanto na inserção das referências à ciência no romance, como das concepções sobre o papel da ciência, entendida tanto como uma prática, como componente da formação moral e intelectual dos sujeitos.

Texto emblemático, o romance *A Carne* é revelador em todos os aspectos, tanto pela sua construção, quanto pelo seu conteúdo e pelos seus argumentos narrativos. Independentemente da leitura que dele façamos, o texto nos remete a um processo de produção de múltiplas imagens, que se revelam enquanto representações, mediadoras de uma visão de mundo que se interpõe na relação estabelecida entre autor, obra e leitor.



## **2 Distintos Cavalheiros**



## **O civilizado**

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não fossem os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos, tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia eram os olhos – grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz.

Tinha os gestos bem-educados, sóbrios, despidos de pretensão, falava em voz baixa, distintamente sem armar ao efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, as ciências, a literatura e, um pouco menos, a política. (Azevedo, 1998a, p.53)

Olhos azuis, cabelos pretos, tez morena amulatada, dentes claros, bigodes negros, pestanas negras, pálpebras de um roxo vaporoso, com este jogo de cores é esboçada a figura de Raimundo, que se completa pelos contornos e outros tantos detalhes, como o lustro dos cabelos, a fineza da tez e o reluzir dos dentes. Mas há ainda outros elementos que compõem a sua imagem: a estatura alta e elegante, o pescoço largo, o nariz direito e a fronte espaçosa.

Se com tais elementos é possível criar uma imagem de Raimundo, há outros, expressos pelos modos como este se apresenta, que embora não possuam cores e formas definidas o caracterizam melhor, permitindo ir além de seus atributos físicos. São os gestos bem-educados, a voz baixa, o vestir sério e de bom gosto. Finalmente, aquilo que não é visível, mas que faz dele um homem distinto, e o diferencia dos demais: “o amor pelas artes, ciências, a literatura e, um pouco menos, a política”.

É assim que o protagonista de *O Mulato* é apresentado no momento de sua chegada a São Luís. Depois de muitos anos de estudo em Portugal, o refinado doutor Raimundo retorna a sua terra natal. Agora, com ares de europeu, quase nada de sua origem transparece, origem que o próprio Raimundo desconhece. “Em toda a sua vida, sempre longe da pátria, entre povos diversos, cheia de impressões diferentes, tomada de preocupações de estudos, jamais conseguira chegar a uma dedução lógica e satisfatória a respeito da sua procedência” (Azevedo, 1998a, p.53).

Aos poucos vão sendo revelados dados que remetem às origens de Raimundo. Ele é o filho do português José da Silva com a escrava Domingas, vivera na fazenda do pai ao lado da mãe até o momento em que a esposa branca de José da Silva, Dona Quitéria, começou a desconfiar do apego do marido para com aquele mulatinho. José da Silva percebendo os riscos de manter o menino próximo de Dona Quitéria resolve afastá-lo da fazenda, envia-o a São Luís aos cuidados do irmão Manuel Pescada.

A este fato - sair da fazenda - se associará outro, que definirá o destino do menino Raimundo. Antes de morrer, José da Silva pede ao irmão:

- Meu irmão - recomendou-lhe. – Se eu for desta... o que é possível, remeta-me logo o pequeno para a casa do Peixoto em Lisboa.  
Terminou dizendo “que o queria - com muito saber - que o metessem num colégio de primeira sorte. Ficava aí bastante dinheiro... não tivesse pena de gastar com seu filho; que lhe desse do melhor e do mais fino”. (Azevedo, 1998a, p.64)

Dessa forma o pequeno Raimundo, filho de escrava, vai fazer os seus estudos em Portugal a fim de se tornar um “homem com muito saber”. Lá o menino enfrenta algumas dificuldades, no colégio os colegas chamavam-no de “macaquinho” e ridicularizavam o seu nome, já que era único naquela escola. “Mas, com o tempo, apareceram-lhe amigos e a vida então se lhe afigurou melhor” (Aluísio Azevedo, 1998a, p.76). Raimundo adapta-se, aprende a conviver naquele ambiente e, ao concluir o preparatório, ingressa em Coimbra.

Na academia se formará o doutor Raimundo, não somente através das lições dos seus mestres, mas também nas atividades que fazem parte da vida social e acadêmica.

Matriculou-se em Coimbra. Desde então a sua vida mudou radicalmente; todo ele se transformou nos seus modos de ver e julgar. Principiou a ser alegre.

Mas um golpe terrível veio de novo entristecê-lo – a morte da sua mãe adotiva. Chorou-a longa e amargamente; não só por ela, mas também muito por si próprio: perdendo Mariana, perdia tudo que o ligava ao passado e à pátria. Nunca se considerou tão órfão. Todavia, com o correr dos tempos, dispersaram-se-lhe as mágoas, e a mocidade triunfou; a criança melancólica produziu um rapaz cheio de vida e bom humor; sentiu-se bem dentro da sua romântica batina de estudante; meteu-se em pândegas com os colegas; contraiu novos amigos, e afinal reparou que tinha talento e graça; escreveu sátiras ridicularizando os professores antipatizados; ganhou ódios e

admiradores; teve quem o temesse e teve quem o imitasse. No segundo ano deu para namorado: atirou-se aos versos líricos, cantou o amor em todos os metros; depois vieram-lhe idéias revolucionárias, meteu-se em clubes incendiários, falou muito, e foi aplaudido pelos seus companheiros. No terceiro ano tornou-se janota, gastou mais do que os outros, teve amantes, em compensação veio-lhe a febre dos jornais, escreveu com entusiasmo sobre todos os assuntos, desde o artigo de fundo até a crônica teatral. No quarto, porém, distinguiu-se na Academia, criou gosto pela ciência, e daí em diante fez-se homem, firmou a sua imputabilidade, tornou-se muito estudioso e sério. Seus discursos acadêmicos foram apreciados; elogiaram-lhe a tese. Formou-se. (Azevedo, 1998a, p.77-8)

A passagem de Raimundo por Coimbra opera uma transformação, que se dá em etapas muito bem definidas. Pândego, namorado, revolucionário, janota, crônico teatral, até que finalmente “criou gosto pela ciência, [...] fez-se homem, firmou a sua imputabilidade, tornou-se muito estudioso e sério”. Um conjunto de experiências que se hierarquizam, sendo que, somente ao abraçar a ciência, Raimundo irá tornar-se homem. É através deste longo e aprimorado processo de formação que o filho da escrava Domingas vai se fazendo um “homem de muito saber”.

Antes de retornar ao Maranhão, Raimundo empreenderá uma viagem pela Europa, pois desejava “instruir-se, instruir-se muito, abranger a maior quantidade de conhecimentos que pudesse” (Azevedo, 1998a, p.78). Resolvidas as questões financeiras, inicia a viagem que terminaria no Maranhão.

E, resolvido, foi ao escritório de Peixoto, Costa & Cia., sacou a quantia de que precisava, abraçou os amigos, e fez-se de vela para a França.

Passou pela Espanha, visitou a Itália, foi à Suíça, esteve na Alemanha, percorreu a Inglaterra, e no fim de três anos de viagem chegou ao Rio de Janeiro, onde encontrou os seus antigos correspondentes de Lisboa. Demorou-se um ano na Corte, gostou da cidade, relacionou-se, fez projetos de vida e resolveu estabelecer aí sua residência.

“E o Maranhão?... Oh, que maçada! Mas não podia deixar de lá ir. Não podia instalar-se na Corte sem ter ido primeiro à sua província! Era indispensável conhecer a família; liquidar os seus bens e...” (Azevedo, 1998a, p.81)

Esta viagem pela Europa será a última etapa da sua formação, e ajudará a configurar um Raimundo nos hábitos e costumes europeus.

O passeio à Europa não só lhe beneficiara o espírito, como o corpo. Estava muito mais forte, bem exercitado e com uma saúde invejável. Gabava-se de ter adquirido grande experiência do mundo; conversava à vontade sobre qualquer assunto; tão bem sabia entrar numa sala de primeira ordem, como dar uma palestra entre rapazes numa redação de jornal ou na caixa de um

teatro. E, em pontos de honra e lealdade, não admitia, com todo o direito, que houvesse alguém mais escrupuloso do que ele. (Azevedo, 1998a, p.81)

Em São Luís, Raimundo se destaca enquanto representante dos costumes e das idéias que chegam da Europa, sua civilidade européia está expressa nos trajés, comportamentos e idéias.

Por esse tempo aqueles três surgiam na rua, formando cada qual mais vivo contraste com os outros: Manuel no seu tipo pesado e chato de negociante, calças de brim e paletó de alpaca; o cônego imponente na sua batina lustrosa, aristocrata, mostrando as meias de seda escarlata e o pé mimoso, apertadinho no sapato de polimento; Raimundo, todo europeu, elegante, com uma roupa de casimira leve, adequada ao clima do Maranhão, escandalizando o bairro comercial com o seu chapéu-de-sol coberto de linho claro e forrado de verde pela parte de dentro. “Formavam, dizia este último, chasqueando, sem tirar o charuto da boca, uma respeitável trindade filosófica, na qual, ali o Sr. Cônego representava a teologia, o Sr. Manuel a metafísica, e ele, Raimundo, a filosofia positiva; o que, aplicado à política, traduzia-se na prodigiosa aliança dos três governos – o do papado, o monárquico e o republicano!” (Azevedo, 1998a, p.124-5)

Mesmo na intimidade do lar, nos momentos de convivência com a prima Maria do Carmo, Raimundo demonstra algumas habilidades que refletem sua educação. Este seu jeito de ser faz destes momentos:

... momentos agradáveis, cheios de doçura, em que o primo, ora contava com graça as peripécias de uma jornada; ora desenhava a lápis a caricatura dos conhecidos da casa; ora solfejava alguma melodia alemã ou algum romance italiano; ou, quando menos, lia versos e contos escolhidos. (Azevedo, 1998a, p.131)

Mas a expressão pública das suas idéias e do seu modo de ver os fatos e as pessoas do lugar entrará em choque com os costumes e os valores daquela província, e logo lhe criará problemas:

No entanto, Raimundo aborrecia-se; a província parecia-lhe cada vez mais feia, mais acanhada, mais tola, mais intrigante e menos sociável. Por desfastio, escreveu e publicou alguns folhetins; não agradaram – falavam muito a sério; passou então a dar contos, em prosa e verso; eram observações do real, trabalhadas com estilo, pintaram espiritualmente os costumes e os tipos ridículos do Maranhão; “de nossa Atenas”, como dizia o Freitas. Houve um alvoroço! Gritaram que Raimundo atacava a moralidade pública e satirizava as pessoas mais respeitáveis da província. E foi o bastante: os atenienses saltaram logo, espinoteando com a novidade. Meteram-lhe as botas; chamaram-lhe por toda a parte: “Besta! Cabra

atrevido!” Os lojistas, os amanuenses de secretaria, os caixeiros freqüentadores de clubes literários, em que se discutia, durante anos, a imortalidade da alma, e os inúmeros professores de gramática, incapazes de escrever um período original, declararam que era preciso meter-lhe o pau! (Azevedo, 1998a, p.151-2)

Mas será outro motivo, diante do qual nem o seu saber e sua fortuna serão suficientes para resguardá-lo, que o fará cair em desgraça – trata-se dos preconceitos que afloram quando sua origem é revelada – ser ele filho de uma escrava.

E Raimundo, ali, no desconforto do seu quarto, sentia-se mais só do que nunca; sentia-se estrangeiro na sua própria terra, desprezado e perseguido ao mesmo tempo. “E tudo, por quê?... pensava ele, porque sucedera sua mãe não ser branca!... Mas do que servira então ter-se instruído e educado com tanto esmero? Do que servira a sua conduta reta e a inteireza do seu caráter?... Para que se conservou imaculado?... Para que diabo tivera ele a pretensão de fazer de si um homem útil e sincero?...” E Raimundo revoltava-se. “Pois, melhores que fossem as suas intenções, todos ali o evitavam, porque a sua pobre mãe era preta e fora escrava? Mas que culpa tinha ele em não ser branco e não ter nascido livre?... Não lhe permitiam casar com uma branca? De acordo! Vá que tivessem razão! Mas por que insultá-lo e persegui-lo?” (Azevedo, 1998a, p.287-8)

Embora seja reservado para Raimundo um final trágico e o romance se constitua em sua maior parte da narrativa desta tragédia, a sua apresentação e os argumentos usados para defini-lo enquanto homem refinado, culto e cosmopolita, em contraste com os valores e princípios provincianos, se apresentam como elementos importantes nas análises que ora se está fazendo. Pois a configuração do personagem Raimundo se faz através de todos os adornos que estão associados a sua pessoa, dentre os quais, a ciência.

### **O esquisitão e o travesso**

O Coruja tivera sempre um pendor muito particular por tudo aquilo que lhe cheirava a alfarrábio e línguas mortas. Adorava os livros velhos, em cuja leitura encontrasse dificuldades a vencer; gostava de cansar a inteligência na procura de explicação de qualquer ponto duvidoso ou de qualquer frase sujeita a várias interpretações.

Já desde a casa do padre Estêvão que semelhante tendência se havia declarado nele. É que seu gênio retraído e seco dava-se maravilhosamente com esses amigos submissos e generosos - os livros; esses faladores discretos, que podemos interromper à vontade e com os quais nos é permitido conversar dias inteiros, sem termos aliás obrigação de dar uma palavra.

Ora, para o André, que morria de amores pelo silêncio, isto devia ser o ideal das palestras. Além do que, à sua morosa e arrastada compreensão só o livro podia convir. O professor sempre se impacienta, quando tem de explicar qualquer coisa mais de uma vez; o livro não, o livro exige apenas a boa vontade de quem estuda, e no Coruja a boa vontade era justamente a qualidade mais perfeita e mais forte. (Azevedo, 1973, p.24)

Para estas passageiras manifestações de habilidade, [Teobaldo] incontestavelmente era como ninguém. Entendia um pouco de tudo; sabia tirar retratos fotográficos, jogar todos os jogos de cartas e mais os de exercício, contando, a esgrima, o tiro ao alvo, a péla, a bengala, o bilboqué; e cada novidade que surgia, fazendo impressão no público, encontrava nele o maior e também o menos constante dos entusiastas.

Assim, durante algum tempo, só o ouviam falar em magnetismo, e parecia resolvido a não pensar em outra coisa, daí em diante; depois veio o espiritismo, e Teobaldo durante outro período foi o mais fervoroso discípulo de Allan Kardec; depois passou a dedicar-se à astronomia; depois à maçonaria e, entre os vinte e os trinta anos, pertenceu sucessivamente àquilo que mais estivesse em moda. Foi materialista com Buckner; foi ateu com Renan; socialista com Saint-Beuve; evolucionista com Spencer; psicólogo com Bain, positivista com Littré e Augusto Comte; mas nenhum deles conseguiu estudar a sério; entusiasmava-se momentaneamente e de cada filósofo conhecia apenas os livros mais espetaculosos, mais vulgares, sem nunca entrar pela obra profunda dos sábios. De Buckner, por exemplo, conhecia tão-somente Força e Matéria, de Renan a Vida de Jesus, de Jacoliot, a Bíblia da Índia, e assim por diante; notando-se que de muitas obras conseguia ler apenas uma pequena parte, ou alguma notícia crítica, ou qualquer citação, ou um simples propósito.

No entanto falava de todas elas, nomeando autores modernos e antigos, discutindo-os, atribuindo-lhes até pensamentos e frases que jamais lhes pertenceram, chegando a sua temeridade ao ponto de citar em falso ou de orelha as mais respeitáveis autoridades, para justificar o que ele na ocasião negava ou afirmava. (Azevedo, 1973, p.239-40)

Um gênio retraído e seco, com um gosto pelo velho, morto, difícil, cansativo. Alguém que ama o silêncio, os faladores discretos; uma inteligência marcada pela lentidão, mas cuja perseverança leva a superar todos os obstáculos e dificuldades. Entusiasmo pela novidade, pelo passageiro, por tudo que está na moda, futilidade, superficialidade, e uma capacidade extraordinária de falar sobre tudo, de se sobressair em todas as conversações. Dois personagens, duas formas de viver e de se relacionar com o saber, é assim que conhecemos André e Teobaldo.

Protagonistas do romance *O Coruja*, as suas histórias se cruzam e se definem, também, pela forma como se relacionam com o saber. André, retraído, avesso às conversações, viverá miseravelmente como professor; já Teobaldo, entusiasta de

todos os modismos científicos e filosóficos, “expert” na arte da conversação, será conhecido como homem de muito saber, estando sempre presente nas altas esferas da sociedade.

André é um órfão deixado aos cuidados de um padre, que cuida do menino por algum tempo, mas logo encontra uma forma de se ver livre do encargo - consegue interná-lo no colégio dirigido pelo doutor Mosquito. Aparentemente arrependido de ter cedido aos apelos e pressões do padre, doutor Mosquito passa a ver naquele menino apenas mais um gasto desnecessário: “É mais um aluno que mal dará para o que há de comer! Quero saber se isto aqui é asilo de meninos desvalidos!” (Azevedo, 1973, p.16).

Além de ser pobre, o jovem André possui uma aparência e uma personalidade que pouco agradam aos seus mestres e companheiros. No colégio vivia isolado, “raramente comparecia ao recreio”, e não tinha amigos. Mas apesar da insociabilidade, havia um fato que chamava a atenção dos seus mestres: “apresentava-se nas aulas sempre com a lição na ponta da língua”. Este comportamento, que demonstrava o seu esforço pessoal, vai aos poucos distinguindo-o e atraindo, pelo menos, uma atitude de complacência por parte dos professores:

No fim de pouco tempo, os próprios mestres participavam do vago respeito que ele impunha a todos; e, posto que estivessem bem longe de simpatizar com o desgracioso pequeno, apreciavam-lhe a precoce austeridade de costumes e o seu admirável esforço pelo trabalho. (Azevedo, 1973, p.20)

Além da perseverança uma outra qualidade de André será notada por todos – a resignação.

Uma das particularidades de sua conduta, que mais impressionava aos professores, era a de que, apesar do constante mal que lhe desejavam fazer os colegas, ele jamais se queixava de nenhum, e tratava-os a todos da mesma forma que tratava ao diretor e aos lentes, isto é, com a mesma sobriedade de palavras e a mesma frieza de gestos. (Azevedo, 1973, p.20)

Dessa forma, o jovem André foi criando através de sua conduta um certo reconhecimento, o que permitiu delimitar o seu território e sobreviver naquele espaço que, dada sua condição, lhe era hostil.

A vida no colégio permitiu a André fazer algumas descobertas. Foi lá que teve acesso aos livros, que passaram a fazer parte de sua formação e de sua vida. Esta incursão começou justamente nas suas primeiras férias escolares, quando todos deixaram o colégio, menos ele, que não tinha para onde ir. Sozinho naquele lugar, desperta-lhe uma grande curiosidade a biblioteca que, para o seu desgosto, estava sempre fechada.

As férias não lhe corriam por conseguinte tão contrárias, como era de supor, e só dois desgostos o atormentavam. Primeiro, não poder comprar uma flauta nova e boa; segundo, ver sempre fechada a biblioteca do colégio.

Que curiosidade lhe fazia aquela biblioteca!

Ele a rondava como um gato fareja o guarda-comida; parecia sentir de fora o cheiro do que havia de mais apetitoso naquelas estantes, e, por seu maior tormento, bastava trepar-se a uma cadeira e espiar por cima da porta, para devassar perfeitamente a biblioteca.

Um suplício! Vinham-lhe até ímpetos de arrombar a fechadura; e, como consolação, passava horas esquecidas sobre a cadeira, na pontinha dos pés, a olhar de longe para os livros, procurando distinguir e ler o que diziam eles nas letras de ouro que expunham nas lombadas. (Azevedo, 1973, p.23-4)

Depois de ser surpreendido pelo diretor espiando o interior da biblioteca, recebe a incumbência de cuidar dos livros, ficando encarregado de manter tudo limpo e arranjado. Com muito gosto André assume a tarefa, mas, após limpar tudo, acha-se confuso:

- Oh! Mas quão diferente foi do que esperava a impressão recebida, quando se dispôs a usufruir do tesouro que lhe estava franqueado.

Não sabia qual dos livros tomar de preferência; não conseguia ler de nenhum deles mais do que algumas frases soltas e apanhadas ao acaso.

E, toda aquela sabedoria encadernada e silenciosa, toda aquela ciência desconhecida que ali estava, por tal forma o confundiu e perturbou que, no fim de alguns segundos de dolorosa hesitação, o Coruja como que sentia libertar-se dos volumes a alma de cada página para se refugiarem todas dentro da cabeça dele.

Bem penosas foram as suas primeiras horas de biblioteca. O desgraçadinho quase que se arrependeu de havê-las conquistado com tanto empenho, e chegou a desejar que, em vez de tamanha fartura de livros, lhe tivessem franqueado apenas quatro ou cinco.

Mas veio-lhe em socorro uma idéia que, mal surgiu, começou logo por acentuar-se-lhe no espírito, como uma idéia de salvação.

Era fazer um catálogo da biblioteca. (Azevedo, 1973, p.25-6)

Aos poucos vai se familiarizando com os novos amigos, mas sem nunca abandonar o projeto de catalogação de todas as obras. Assim, durante as férias

que passou no Colégio, divide o seu tempo entre o trabalho na horta, o estudo nos compêndios, as lições de flauta dadas por Caixa d'Óculos e a organização do catálogo.

Este espírito empreendedor de André, no que se refere aos seus interesses enquanto aprendiz, se manifestará em outros momentos. Nas férias seguintes é convidado para acompanhar o amigo Teobaldo, que passará as férias na fazenda do pai. André passa a maior parte do tempo procurando compreender os mecanismos de funcionamento de todas as atividades desenvolvidas, assim como a conhecer e a reconhecer todas as espécies que ali habitam.

Enquanto Teobaldo fazia tanta questão das aparências e das exterioridades, André, enfronhado em um fato de ordinária ganga amarela, que nem era dele, com um grande chapéu de palha na cabeça e às vezes descalço, comprazia-se em percorrer a fazenda, não em busca de aventuras como o amigo, mas de alguém que lhe ensinasse o nome de cada árvore, a utilidade e a serventia de todas elas, assim como o processo empregado na cultura de tais e tais plantações, o modo de semear e colher estes ou aqueles cereais; qual a época para isto, qual a época para aquilo; queria que lhe explicassem tudo! Uma de suas mais arraigadas preocupações era a obscura existência dos insetos; interessava-se principalmente pelos alados, procurando acompanhar-lhes as metamorfoses, desde o estado de larva à mariposa. Se lhe despejassem as algibeiras, haviam de encontrar aí várias crisálidas, besouros e cigarras secas, como encontrariam igualmente vários caroços de frutas e pedrinhas de todos os feitios.

Algumas semanas depois de sua estada na fazenda era ele quem mais se desvelava pelos carneiros e pelos porcos e quem ia dar quase sempre a ração aos cavalos. E, quando havia uma ferradura a pregar ou qualquer tratamento a fazer nos animais, mostrava-se tão afoito que parecia o único responsável por isso.

No fim do primeiro mês das férias já o Coruja sabia nadar, correr a cavalo, atirar ao alvo e, por tal forma havia-se familiarizado com a vegetação, com a terra viva, com o sol e com a chuva, que parecia não ter tido nunca outro meio que não fosse aquele<sup>42</sup>. (Azevedo, 1973, p.55)

Embora a sua perseverança nos estudos, seu amor pelos livros e a vontade de aprender tenham permitido a conclusão dos estudos no Colégio, o seu acanhamento, a falta de desenvoltura e a aparência tacanha, aliados ao fato de ser pobre, tornaram-se obstáculos no momento de enfrentar as bancas nos exames que dariam direito ao curso superior.

---

<sup>42</sup> Nesta passagem vemos uma referência direta às famosas “Lições das Coisas”, que por aqui começavam a fazer sucesso.

Dentro de um ano grandes modificações se operaram na vida dos dois rapazes. Teobaldo concluíra os preparatórios e matriculara-se na Escola de Medicina, esperançoso de largá-la de mão logo que descobrisse melhor carreira; ao passo que o Coruja não conseguira passar em nenhum dos seus exames, se bem que estivesse deveras senhor nas matérias.

E, no entanto, fora ele, o Coruja, quem fornecera ao outro os elementos daquele sucesso; fora ele quem o preparara, que lhe metera alguma coisa na cabeça!

Teobaldo ficou furioso com as reprovações do amigo.

- Ora entendam lá esta gente! exclamou entre um grupo de colegas. A mim, que passei pelos livros, como gato por brasas – distinção! Ao Coruja, que estudou por vinte – tome bomba! Ora bolas! Pois então reprova-se um pobre rapaz, só porque ele é acanhado?...(Azevedo, 1973, p.84-5)

André desiste da idéia de ter um título de doutor e se torna professor.

No início dá aulas particulares e faz revisões, até que vê a possibilidade de trabalhar em um colégio.

André descobriu um colégio de certa importância, que lhe dava bom ordenado, casa, comida e roupa lavada, com a condição de que ele, além do serviço de professor, havia também de fiscalizar os rapazes à hora do recreio e fazer a escrituração da casa.

Consultou Teobaldo e, depois de ouvir a opinião deste, resolveu mudar-se para o colégio.

Agora podia abandonar o trabalho de revisão e tomar ainda alguns discípulos para as horas vagas, porque nele o gosto pelo professorado começava a assumir as proporções de uma verdadeira paixão.

Ensinava latim, francês, português, história e geografia do Brasil; tudo isso com muito método, muita paciência e sem nunca parecer fatigado.

- E a respeito de tua formatura? perguntou-lhe o amigo.

- Ora! respondeu ele. Formar-me! Acho desnecessário! Minha vocação toda é o professorado, e para isso não preciso ter carta, basta-me saber conscienciosamente as matérias que ensinar. (Azevedo, 1973, p.86-7)

Um tempo depois André já parece resignado com a sua condição e, ao falar da vocação para ensinar e das exigências da profissão, tece comentários sobre as necessidades de um título, fazendo comparações entre o seu caso e o do amigo Teobaldo:

- O meu caso é muito diverso; sou de poucas aspirações, não desejo ser mais nada do que um simples professor; tu, porém, tens direito a muito, e aqui em nossa terra a carta de doutor é a chave de todas as portas das boas posições sociais. (Azevedo, 1973, p.109)

Como professor André alimentará o sonho de ter o seu próprio colégio e realizar o projeto de uma escola na qual colocaria em prática as novas doutrinas pedagógicas.

Era a idéia de montar um colégio seu, perfeitamente seu, feito como ele entendia uma casa de educação; um colégio sem castigos corporais, sem terrores; um colégio enfim talhado por sua alma compassiva e casta; um colégio, onde as crianças bebessem instrução com a mesma voluptuosidade e com o mesmo gosto com que em pequeninas bebiam o leite materno.

Sem ser um espírito reformador, o Coruja sentiu, logo que tomou conta de seus discípulos, a necessidade urgente de substituir os velhos processos adotados no ensino primário do Brasil por um sistema todo baseado em observações psicológicas e que tratasse principalmente da educação moral das crianças; sistema como o entendeu Pestalozzi, a quem ele mal conhecia de nome.

Froebel foi que veio afinal acentuar no seu espírito essas vagas idéias, que até aí não passavam de meros pressentimentos. (Azevedo, 1973, p.115-6)

Além do sonho do colégio, o qual nunca se concretizará, André se debruçará sobre outro projeto ao longo de sua vida: “de fazer um epítome da história do Brasil, em que se expusessem os fatos pela ordem cronológica” (Azevedo, 1973, p.116).

Nesse trabalho de paciente investigação revelava-se aquele mesmo cabeçudo organizador do catálogo do colégio; continuava o Coruja a pertencer a essa ordem de espíritos, incapazes de qualquer produção original, mas poderosíssimos para desenvolver e aperfeiçoar o que os outros inventam; espíritos formados de perseverança, de dedicação e de modéstia, e para os quais uma só idéia chega às vezes a encher toda a existência. (Azevedo, 1973, p.116)

Este projeto leva André a dedicar-se a longas pesquisas, cujos resultados vai anotando e colecionando em seus caderninhos:

Contudo, se Branca insistia, ele acabava por ir buscar os seus caderninhos de apontamentos históricos e lia-lhe em voz alta aquilo que dentre eles se lhe afigurava menos insuportável.

Eram fatos colhidos por aqui e por ali, em serões da Biblioteca Nacional, escritos num estilo compacto, muito puro, mas sem belezas de colorido nem cintilações de talento.

O que lhe falecia em arte e gosto literário sobrava-lhe não obstante em fidelidade e exatidão; as suas crônicas eram de uma frieza de estatística, mas sumamente desapaixonadas, simples e conscienciosas. Entre aquela infinidade de páginas, abarrotadas de letrinha miúda e muito igual, não havia um só adjetivo de luxo ou uma frase que não fosse de primeira necessidade. (Azevedo, 1973, p.236)

Inteligência exótica, cabeçudo, perseverante, sem originalidade, resignado, é por meio destas características que André é apresentado. Avesso ao contato humano, se deleita com os livros e faz deles o seu mestre querido. Este é o ideal de homem de ciência representado por André, para o qual se fazem necessários tanto os seus defeitos, como as suas qualidades.

Enquanto imagens que representam “homens de ciência” presentes no romance, é necessário falar também de Teobaldo – o único amigo de André. Esta amizade, que começa logo no primeiro ano de André no colégio do doutor Mosquito, é sustentada por uma cumplicidade: André e Teobaldo são opostos que se completam.

Foi justamente a grande distância, o contraste, que os separava, que os uniu um ao outro.

As extremidades tocavam-se.

Teobaldo era destacado pelos colegas por ser muito desensofrido e petulante; o outro por ser muito casmurro e concentrado. O esquisitão e o travesso tinham, pois, esse ponto de contato – o isolamento. Achavam-se no mesmo ponto de abandono, viram-se companheiros de solidão, e é natural que se compreendessem e que se tornassem afinal amigos inseparáveis.

Uma vez reunidos, completavam-se perfeitamente. Cada um dispunha daquilo que faltava no outro; Teobaldo tinha a compreensão fácil, a inteligência pronta; Coruja o método, e a perseverança no estudo; um era rico; o outro econômico; um era bonito, débil e atrevido; o outro feio, prudente e forte. Ligados, possuiriam tudo. (Azevedo, 1973, p.34)

Ao se estabelecer a amizade, André assume o papel de defensor de Teobaldo, protegendo-o dos ataques dos outros meninos, socorrendo-o nas lições, na preparação para os exames e em todas as situações que exigem um pouco mais de dedicação. Teobaldo retribuirá a atenção de André elegendo-o como seu único e inseparável amigo, dividindo com ele os regalos que seus pais lhe enviam, dando-lhe presentes e chamando-o para acompanhá-lo durante as férias. Esta amizade os manterá ligados por toda a vida.

Bem nascido, Teobaldo foi o menino mimado que sempre teve ao seu alcance alguém para lhe satisfazer os desejos, e cresce cheio de mimos e vontades. Com a complacência dos pais volta-se muito mais para as aventuras e os jogos do que para as atividades que exigem dedicação e perseverança. Nos anos que passa no Colégio, embora fosse expansivo e alegre, sua petulância e altivez afastam-no do convívio com os outros meninos.

Não lhe perdoavam ser ao mesmo tempo tão rico, tão formoso, tão inteligente e tão gentilmente vadio. Além de tudo isso, como se tanto já não bastava, havia ainda para o fazer malquisto dos companheiros aquela escandalosa proteção que lhe votavam os professores, apesar da formidável impertinência do rapaz.

Em verdade a todos falava Teobaldo com uma sobrançeria ofensiva e provocadora. No seu modo de olhar, no tom de sua voz, no desdém de seus gestos, sentia-se a uma légua de distância o hábito de mandar e ser obedecido. (Azevedo, 1973, p.27-8)

Ao longo da vida, aquelas qualidades que já se manifestavam na infância, a eloqüência, a expansividade e a capacidade de cativar a todos, serão atributos marcantes em Teobaldo. É assim que se o vê um primo de Branca, muito embora não aprovasse sua conduta:

- Não há outro! exclamava o primo de Branca. Não há um segundo Teobaldo! O ladrão reúne em si todas as qualidades que se podem desejar em um homem! Maneiras, talento, caráter, figura, tudo o que há de bom, de belo e de grandioso! E demais um verdadeiro fidalgo: ninguém como ele para saber cativar a quem quer que seja, para cada pessoa tem sempre um assunto especial que a interessa particularmente, que a prende. Se está defronte de um ministro, só conversa em política e, ouvindo-o, ninguém acreditaria que ele, durante toda a sua vida, tivesse outra preocupação além da política; se fala a um homem de ciência, faz logo pasmar a todos com a sua despreziosa erudição; se a pessoa com quem ele conversa é um artista, um músico, um poeta, um pintor ou um ator, então a sua palavra privilegiada chega a causar delírios de entusiasmo; as idéias, as frases, as belas imagens literárias, saem-lhe da boca em borbotão. E note-se que tão facilmente discorre pela arte moderna, como remonta à de três séculos atrás; tão à vontade se acha falando sobre os pintores da renascença, como falando da escultura pagã, como do teatro grego ou da poesia hebraica. Seu milagroso talento, sem fazer especialidade de coisa alguma, abrangeu tudo e de tudo se apoderou. Nada do que existe na orbe intelectual escapou à sua grande faculdade de apanhar de um salto tudo aquilo que os outros levam muitos anos para conquistar. (Azevedo, 1973, p.238)

Mas a vida de Teobaldo não será um mar de rosas, suas qualidades permitem que se projete socialmente, mas seu espírito aventureiro, sua instabilidade e certa incapacidade para gerir com sensatez os negócios o colocam em muitas situações difíceis. Nestes momentos lhe valerão a dedicação de Branca, a esposa, que permite que Teobaldo lance mão de seu dote, e do bom amigo André, que, para socorrê-lo, entrega-lhe todas as suas economias, abrindo mão de seus sonhos e projetos de vida.

Avesso aos esforços intelectuais, Teobaldo conseguirá se projetar enquanto homem de saber, apoiando-se na gratidão de André. É desta forma que todo o conjunto de anotações que André colecionava para a sua “epítome da história do Brasil”, resultado de longas pesquisas, acaba sendo usado por Teobaldo, que escreverá os artigos que lhe darão a fama de homem sábio e erudito.

A história desses artigos é a seguinte: Coruja, havia muito, entregara-se por gosto e por necessidade de sua índole ao estudo sério e acurado de umas tantas matérias, a que em geral chamam áridas, e com as quais Teobaldo não seria capaz de entestar.

Sem imaginação, nem talento inventivo e nem arte, André só assim encontrou meio de usar da sua grande atividade intelectual e foi aos poucos se familiarizando com os estudos econômicos e sociológicos.

Pode ser que esse apetite fosse ainda uma conseqüência da sua idéia fixa e dominante – a história do Brasil, obra esta a que ele se escravizara desde os seus vinte anos e da qual nunca se distraíra investigando sempre, inalteravelmente, com a calma e a paciência de um sábio velho que se dedica ao trabalho só pelo prazer de trabalhar, sem a menor preocupação de elogio ou glória. Essa obra ainda estava longe de seu termo, mas representava já uma soma enorme de serviço: compilações de todo o gênero e apontamentos de toda a espécie.

- Se eu não conseguir levá-la a cabo, dizia ele, aí fica bom material para quem o souber aproveitar, dando-lhe a forma literária, que é só o que lhe falta. (Azevedo, 1973, p.278-9)

Teobaldo começou a manusear os maços.

Leu o primeiro: “Indústrias”, no segundo: “Manufaturas”, leu em outro: “Escravidão” e em outro: “Instrução pública”.

E continuando a percorrê-los, foi encontrando: “Pequena lavoura - Nacionalização do comércio a retalho – Nunes Machado e seu tempo - Economia rural, decadência do açúcar, nota sobre o inquérito do governo - Exploração do gado lanífero - Administração dos correios - Legislação territorial - Cultura do bicho-da-seda - Plantação da vinha - Colonização, reflexões sobre as cartas do Marquês de Abrantes - Discursos sobre o elemento servil por Bernardo de Vasconcelos, Euzébio de Queirós e João Maurício Vanderley - Guerra do Rosas”.

E assim por diante.

- Que diabo tencionas tu fazer disto? perguntou Teobaldo. Nada, respondeu André, são notas de considerações, que às vezes acodem e que a gente vai colecionando, para, se algum dia precisar...

- Mas é um tesouro isto que aqui tens!... Deves publicar estas notas!

- Qual! Não despertariam interesse em ninguém; falta-lhes forma literária, não passam de apontamentos; datas, nomes, citações, discursos políticos e nada mais.

- Ora! a forma literária é o menos. Isso arranja-se brincando.

- Pois se quiseres arranjá-la...

- Homem! Está dito! Publicam-se com um pseudônimo. Vais ver o barulhão que isto faz aí! (Azevedo, 1973, p.279-80)

Teobaldo foi capaz de dar ar literário aos textos, transformando os apontamentos de André em belos artigos que, embora escritos sob pseudônimo, criariam sobre ele a aura de um dos homens mais ilustrados do Brasil.

Daí a dias surgia em público o primeiro artigo dos de uma longa série que então se publicaram e que estavam destinados a dar ao marido de Branca uma nova reputação, uma reputação que ele ainda não tinha: - a de homem de bom senso prático e econômico.

As conscienciosas notas de André, floreadas pelas lentejoulas da retórica do outro, converteram-se no objeto da curiosidade pública.

Foi um verdadeiro sucesso; o jornal que as publicou viu a sua tiragem aumentada e os artigos, uma vez colecionados em volume, deram várias edições.

Daí nasceu o prestígio de Teobaldo entre os homens públicos do seu tempo, que desde então começaram a respeitá-lo, se bem que o habilidoso jamais declarasse positivamente ser o autor dos célebres artigos. (Azevedo, 1973, p.280)

O fato é que ele ficou sendo desde então considerado uma das primeiras ilustrações do Brasil, tendo ao seu dispor o jornalismo em peso e ao seu serviço a proteção dos homens mais influentes na política.

Podia enfim alargar os seus horizontes e desejar mais largos apesar do seu espírito ser tão inconstante e a sua ambição tão desnorteada. (Azevedo, 1973, p 280-1)

Nas figuras de André e Teobaldo, duas representações das formas pelas quais o saber se incorpora à vida, adquirindo significados diversos e definindo trajetórias. Há o resignado, avesso ao contato humano, que busca no conhecimento uma satisfação pessoal: “com a calma e a paciência de um sábio velho que se dedica ao trabalho só pelo prazer de trabalhar, sem a menor preocupação de elogio ou glória” (Azevedo, 1973, p.278). O outro, aquele que faz do conhecimento um verniz, um ornamento, que lhe permite se sobressair diante dos demais. Mas quando o verniz se quebra, não sobra nada, apenas um grande e triste vazio.

Aos quarenta e tantos anos [Teobaldo] havia já percorrido a enorme gama das classes sociais e experimentado, uma por uma, toda a impressão capaz de fazer vibrar o coração humano. Desde os seus primeiros tempos de colégio até aquela elevada posição a que chegara, sua vida fora uma série de conquistas fáceis, uma interminável cadeia de bons acasos.

Mas agora justamente que mais nada lhe faltava a conquistar; agora que ele, dispondo ainda de uns restos de mocidade para ser amado como homem, era já celebrizado como medalhão; agora que ele possuía tudo; agora que todas as classes do seu país haviam já lhe tributado a melhor parte do seu

entusiasmo; agora é que ele se sentia menos satisfeito, porque, à medida que se alargavam os horizontes da sua ambição, tanto mais a consciência da sua mediocridade o estreitava em um terrível círculo de inconsoláveis desgostos. (Azevedo, 1973, p.334-5)

André e Teobaldo, dois exemplos de como a questão do saber se fez presente na construção dos personagens e na definição dos seus destinos. Embora possam ser vistos como estereótipos, tais configurações nos remetem às formas pelas quais se produziram, no Brasil do final do século XIX, diferentes significados para o saber.

### **O fidalgo**

Não obstante, ao lado dele a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor com cebola crua e gordura podre.

Mas João Romão nem dava por ela; só o que ele via e sentia era todo aquele voluptuoso mundo inacessível vir descendo para a terra, chegando-se para o seu alcance, lentamente, acentuando-se. E as dúbias sombras tomavam forma, e as vozes duvidosas e confusas transformavam-se em falas distintas, e as linhas desenhavam-se nítidas, e tudo ia se esclarecendo e tudo se aclarava, num reviver de natureza ao raiar do sol. Os tênues murmúrios suspirosos desdobravam-se em orquestras de baile, onde se distinguiam instrumentos, e os surdos rumores indefinidos eram já animadas conversas, em que damas e cavalheiros discutiam política, artes, literatura e ciência. E uma vida inteira, completa, real, descortinou-se amplamente defronte dos seus olhos fascinados; uma vida fidalga, de muito luxo, de muito dinheiro; uma vida em palácio, entre mobílias preciosas e objetos esplêndidos, onde ele se via cercado de titulares milionários, e homens de farda bordada, a quem tratava por tu, de igual para igual, pondo-lhes a mão no ombro. E ali ele não era, nunca fora, o dono de um cortiço, de tamancos e em mangas de camisa; ali era o Sr. Barão! (Azevedo, 1998b, p.147-8)

É um mundo de damas e cavalheiros, da política, das artes, da literatura e da ciência que se revela ao vendeiro João Romão, o dono de um cortiço no Rio de Janeiro, cujos moradores são trabalhadores, lavadeiras, prostitutas, ambulantes, capoeiras, enfim, a gente do povo. Esta revelação é um momento de inflexão na vida de João Romão, que, vindo do mundo do trabalho, da luta incansável, da miséria, das pequenas trapaças e da exploração, começa a vislumbrar aquele outro mundo, no qual sua fortuna o faria adentrar.

João Romão é personagem de O Cortiço, e sua história de vida vai mostrando como, pela exploração do trabalho e da miséria alheia, pelo esforço pessoal e por uma série de outros expedientes, nem sempre considerados dignos de um homem respeitável, deixa a condição de imigrante miserável e se torna um rico e próspero comerciante. Até chegar a se considerar um homem de posses, João Romão faz os mais árduos sacrifícios e usa dos vários artifícios para acumular a sua fortuna - trabalha de sol a sol, vive miseravelmente para economizar em tudo que é possível, explora aqueles que estão a sua volta, trapaceia e rouba.

Há um momento em que, olhando para as suas posses, se vê como um homem rico mas, quando olha para a sua figura, vê apenas o miserável. Isto se torna ainda mais visível quando ele se defronta com Miranda, o vizinho que mora em um sobrado ao lado; homem de comércio, mas bem situado socialmente, Miranda almeja até possuir um título de barão. Em suas reflexões João sente que:

Fora uma besta!... pensou de si próprio, amargurado: Uma grande besta!... Pois não! Por que em tempo não tratara de habituar-se logo a certo modo de viver, como faziam tantos outros seus patrícios e colegas de profissão?... Por que, como eles, não aprendera a dançar? e não freqüentara sociedades carnavalescas? e não fora de vez em quando à Rua do Ouvidor e aos teatros, e a bailes, e a corridas e a passeios?... Por que se não habituara com as roupas finas, e com o calçado justo, e com a bengala, e com o lenço, e com o charuto, e com o chapéu, e com a cerveja, e com tudo que os outros usavam naturalmente, sem precisar de privilégio para isso?... Maldita economia!  
- Teria gasto mais, é verdade!... Não estaria tão bem!... mas, ora adeus! Estaria habilitado a fazer do meu dinheiro o que bem quisesse!... Seria um homem civilizado! (Azevedo, 1998b, p.151)

João se angustiava com esta condição, precisava aprender a usufruir de sua fortuna, mudar seus hábitos no comer, vestir e se divertir; teria que reformar a casa e estabelecer novas relações de amizade. Tudo precisava ser incorporado e ganhar visibilidade, todos deveriam ver nele o homem rico, de posses e, principalmente, um “homem civilizado”. Era necessário operar a transformação, então:

Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado defronte da venda, a ler jornais. Depois deu para sair a passeio, vestido de casimira, calçado e de gravata. Deixou de tosquiar o cabelo à escovinha; pôs a barba abaixo, conservando apenas o bigode, que ele agora tratava com brilhantina todas as vezes que ia ao barbeiro. Já não era o mesmo lambuzão! E não parou aí: fez-se sócio de um club de dança e, duas

noites por semana, ia aprender a dançar; começou a usar relógio e cadeia de ouro; correu uma limpeza no seu quarto de dormir, mandou soalhá-lo, forrou e pintou-o; comprou alguns móveis em segunda mão; arranjou um chuveiro ao lado da retrete; principiou a comer com guardanapo e a ter toalha e copos sobre a mesa; entrou a tomar vinho, não do ordinário que vendia aos trabalhadores, mas de um especial que guardava para o seu gasto. Nos dias de folga atirava-se para o Passeio Público depois do jantar ou ia ao Teatro São Pedro de Alcântara assistir aos espetáculos da tarde; do Jornal do Comércio, que era o único que ele assinava havia já três anos e tanto, passou a receber mais dois outros e a tomar fascículos de romances franceses traduzidos, que o ambicioso lia de cabo a rabo, com uma paciência de santo, na doce convicção de que se instruía. (Azevedo, 1998b, p.195)

Tais mudanças permitem que João Romão dê um passo mais ousado na vida, que irá definitivamente inseri-lo naquele outro mundo – pedir em casamento a filha do vizinho, o agora Barão Miranda. Neste momento, João se apresenta como um “homem civilizado” pois, as roupas finas, o cabelo bem cortado, os vinhos de boa safra, as toalhas de mesa, o quarto confortável e bem arrumado, o banheiro com chuveiro, o mobiliário adequado, até os romances franceses, compõem o seu cotidiano, qualificando-o a casar-se com aquela que, segundo diziam, é “excelente menina... tem um gênio de pomba... uma educação de princesa: até o francês sabe! Toca piano como você tem ouvido... canta o seu bocado... aprendeu desenho... muito boa mão de agulha!” (Azevedo, 1998b, p.197).

Quando chega o dia de adentrar na casa de Miranda, na condição de pretendente de sua filha, João está radiante:

... banhou-se em várias águas, areou os dentes até fazê-los bem limpos, perfumou-se todo dos pés à cabeça, escanhou-se com esmero, aparou e bruniu as unhas, vestiu-se de roupa nova em folha, e às quatro e meia da tarde apresentou-se, risonho e cheio de timidez, no espelhado e pretensioso salão de S. Ex<sup>a</sup>. (Azevedo, 1998b, p.200)

Embora a estada na casa do barão não lhe tenha sido tão confortável, ao ponto de se sentir aliviado no momento em que saiu à rua – “respirou com independência, remexendo o pescoço dentro do colarinho engomado e soprando de alívio”–, o fato de ter participado daquele jantar representou a concretização de um sonho. João Romão finalmente havia adentrado naquele mundo que, até então, só lhe fora permitido sonhar e espiar pelo lado de fora. Para chegar ali, João Romão precisou

vencer muitas barreiras, fazer-se outro, e superar aquele que considerava o pior de todos os seus defeitos - a ignorância:

E isso ainda não era tudo! o mais difícil seria o que tivesse de dizer aos seus convidados!... Como deveria tratar as damas e cavalheiros, em meio de um grande salão cheio de espelhos e cadeiras douradas?... Como se arranjaria para conversar, sem dizer barbaridades?... (Azevedo, 1998b, p.150)

Por isso, aquela noite no salão do Miranda, que lhe abriu as portas para o pedido de casamento e, ao mesmo tempo, para a sociedade, é o momento que marca a sua transformação. Finalmente João Romão se tornara um “homem civilizado”.

O relato da ascensão econômica e inserção na sociedade das damas e cavalheiros mostra que, além de fazer fortuna, se fez necessária também a aquisição dos códigos geradores de distinção. Para João Romão não bastou apenas acumular riquezas, coube a ele, enquanto homem rico, dominar todos os atributos e códigos dos seus iguais. O novo rico precisou educar-se, o que implicou disciplinar o corpo, adquirir novos hábitos de consumo, informar-se, ilustrar-se e refinar o senso estético. Para tanto foram necessários um processo de aprendizagem e, inevitavelmente, a aquisição de uma série de adornos e expedientes que dessem visibilidade à nova condição.

Neste processo o conhecimento é tomado como ilustração, e aparece colado ao conceito de civilidade. Constituindo-se a educação de João Romão em um guia para tornar-se civilizado. Em uma civilidade construída no contexto exposto pela obra.

Contrastando com a trajetória de João Romão aparecem as histórias dos outros personagens, que são, em sua maioria, relatos de tragédias, como é a história do português Jerônimo. Jerônimo chega ao Brasil com muitas esperanças de progredir; forte, trabalhador incansável, começa a fazer os seus progressos e vai se estabelecendo. Quando a vida lhe parece ir bem, é atraído pelos encantos de uma brasileira, não resiste e acaba se entregando aos caprichos da mulata e da terra – vai abasileirando-se.

O português abasileirou-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído só por ela, só ela, e mais ninguém. (Azevedo, 1998b, p.261)

O desfecho que é dado para a história de Jerônimo, assim como para a de outros tantos personagens de *O Cortiço*, vai de encontro aos preceitos da escola naturalista, sendo, neste caso, a ação do meio sobre o indivíduo o fator que define o seu destino.

Já no relato da ascensão de João Romão, mostrando a passagem da condição de migrante miserável para a de rico comerciante, observam-se dois movimentos, que distinguem sua história dos outros relatos. João Romão vence as armadilhas impostas pelo meio, isto é, não se deixa seduzir, não esmorece, e vai executando o projeto de riqueza até se ver em porto seguro, depois opera a transformação, que o qualificará a adentrar nos salões dourados da burguesia. Neste segundo momento, entra em cena todo um conjunto de aparatos e ornamentos, assim como de hábitos e comportamentos, que devem ser incorporados para que a nova condição venha a aflorar.

A leitura de *O Cortiço*, especialmente da trajetória de João Romão, nos fornece elementos que permitem uma reflexão sobre a constituição de sentidos para o saber, em particular, do estabelecimento de relações entre o conhecimento e civilidade. Ilustração, regras de civilidade, códigos de conduta e o uso de alguns bens culturais constituem-se em elementos de distinção social, em uma hierarquia, que não se desprende da condição econômica dos sujeitos.

### **O doutor**

O medo às matemáticas levava-o a desistir da Marinha e agarrar-se à Medicina, como quem se agarra a uma tábua de salvação; pois o Direito, se bem que, para ele, fosse de todas as formaturas a mais risonha, não lhe servia igualmente, visto que Amâncio não estava disposto a deixar a Corte e ir ser estudante na província.

A Medicina, contudo, longe de seduzi-lo, causava-lhe um tédio atroz. Seu temperamento aventureiro e frívolo não se conciliava com as frias verdades da cirurgia e com as pacientes investigações da terapêutica. Pressentia claramente que nunca daria um bom médico, que jamais teria amor à sua profissão.

Esteve a desistir logo nos primeiros dias de aula: o cheiro nauseabundo do anfiteatro da escola, o aspecto nojento dos cadáveres, as maçantes lições de Química, Física e Botânica, as troças dos veteranos, a descrição minuciosa e fatigante da osteologia, a cara insociável dos explicadores; tudo isso o fazia

vacilar; tudo isso lhe punha no coração um duro sentimento de má vontade, uma antipatia angustiosa, um não querer doloroso e taciturno.

Às vezes, no entanto, pretendia reagir: atirava-se ao Baunis Bouchard<sup>43</sup> e ao Vale<sup>44</sup>, disposto a ler durante horas consecutivas, disposto a prestar atenção, a compreender; mal, porém, ele se entregava aos compêndios, o pensamento, pé ante pé, ia-se escapando da leitura, fugia sorratamente pela janela, ganhava a rua, e prendia-se ao primeiro frufu de saia que encontrasse.

E Amâncio continuava a ler a estranha tecnologia da ciência, a repetir maquinalmente, de cor, os caracteres distintivos das vértebras, ou a cismar abstrato nas propriedades do cloro e do bromo, sem todavia conseguir que patavina daquilo lhe ficasse na cabeça.

- Não haver uma academia de Direito no Rio de Janeiro! lamentava ele, bocejando, a olhar vagamente a sua enfiada de vértebras, que havia comprado no dia anterior.

Porque, no fim de contas, tudo que cheirasse a ciência de observação o enfasiava: “Deixassem lá, que a tal osteologia e a tal Química nada ficavam a dever às matemáticas!...” (Azevedo, 1989, p.28-9)

Uma matemática que mete medo, uma medicina que causa um tédio atroz. Esta, com suas frias verdades da cirurgia e pacientes investigações da terapêutica, associada às maçantes investigações de Química, Física e Botânica. Tudo contrastava com um temperamento aventureiro e frívolo, de alguém que apenas conseguia ler e repetir maquinalmente aquela estranha tecnologia da ciência, que se enfasiava com tudo que cheirasse a ciência de observação.

O conflito vivido pelo jovem Amâncio, personagem de *Casa de Pensão*, em seus primeiros contatos com o curso de medicina, não diz respeito apenas a sua vocação, que, segundo acredita, estaria muito mais para o Direito do que para a Medicina, mas da incompatibilidade do seu espírito em atender às exigências desta área do conhecimento.

Este temperamento “aventureiro e frívolo”, segundo nos mostra o romance, é resultado do processo de educação e formação ao qual Amâncio esteve submetido, desde a mais tenra infância:

Seu todo acanhado, fraco e modesto, não deixava transparecer a brutalidade daquele temperamento cálido e desensofrido.

Amâncio fora muito mal-educado pelo pai, português antigo e austero, desses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoadá;

---

<sup>43</sup> Segundo nota do editor, *Baunis Bouchard* parece ser um compêndio de medicina de autoria do médico francês Bouchard, nascido em 1837 e morto em 1915, professor da faculdade de medicina de Lion. Cf. Azevedo, 1989, p.28

<sup>44</sup> Segundo nota do editor, *Vale* parece referir-se a um compêndio de medicina de autoria de Antônio Gomes do Vale, médico português nascido em 1819. Cf. Azevedo, 1989, p.28.

tinha um medo horroroso de Vasconcelos; fugia dele como de um inimigo, e ficava todo frio e a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos. Se acaso algumas vezes se mostrava dócil e amoroso, era sempre por conveniência: habituou-se a fingir desde esse tempo.

Sua mãe, D. Ângela, uma santa de cabelos brancos e rosto de moça, não raro se voltava contra o marido e apadrinhava o filho. Amâncio agarrava-se-lhe às saias, fora de si, sufocado de soluços. (Azevedo, 1989, p.19)

O medo e a subserviência vividos em casa, principalmente na relação com o pai, vão se repetir na escola, quando Amâncio fica aos cuidados do professor Antonio Pires.

Aos sete anos entrou para a escola. Que horror!

O mestre, um tal Antônio Pires, homem grosseiro, bruto, de cabelo duro e olhos de touro, batia nas crianças por gosto, por um hábito do ofício. Na aula só falava a berrar, como se dirigisse uma boiada. Tinha as mãos grossas, a voz áspera, a catadura selvagem; e quando metia para dentro um pouco mais de vinho, ficava pior. (Azevedo, 1989, p.19)

Tais atitudes do professor vão, aos poucos, delineando os comportamentos dos alunos:

Todos os pequenos da aula tinham birra ao Pires. Nele enxergavam o carrasco, o tirano, o inimigo e não o mestre; mas, visto que qualquer manifestação de antipatia redundava fatalmente em castigo, as pobres crianças fingiam-se satisfeitas; riam muito quando o beberão dizia alguma chalaça e afinal, coitadas! iam-se habituando ao servilismo e à mentira. (Azevedo, 1989, p.19)

A educação dada pelo Pires tinha a conivência dos pais. “Elogiavam-lhe a rispidez, recomendavam-lhe sempre que ‘não passasse a mão’ pela cabeça dos rapazes e que, quando fosse preciso, ‘dobrasse por conta dele a dose de bolos’”(Azevedo, 1989, p.19). Amâncio, fruto desta educação, pouco aprendeu sobre as letras, mas muito sobre as fraquezas do espírito humano. Em casa e na escola, logo aprendera os códigos que deveria usar nas relações com os adultos:

Todas as vezes que lhe aparecia um ímpeto de coragem, sempre que lhe assistia um assomo de dignidade, sempre que pretendia repelir uma afronta, castigar um insulto, o pai ou o professor caía-lhe em cima, abafando-lhe os impulsos pundonorosos.

Ficou medroso e descarado.

No fim de algum tempo já podiam na escola, insultar a mãe quantas vezes quisesse, que ele não se abalaria; podiam lançar-lhe em rosto as ofensas que entendessem porque ele se conservaria impassível. Temia as conseqüências

de qualquer desafronta. “Estava domesticado”, segundo a frase do Pires. (Azevedo, 1989, p.20-1)

Como nunca partia para o confronto direto, nem externava seus sentimentos, Amâncio desenvolverá estratégias que lhe permitam agir incógnito na relação com os adultos: “Principiou a aborrecê-los secretamente, por uma fatalidade do ressentimento; principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que ele fosse” (Azevedo, 1989, p.21).

Entre os elementos que aparecem como definidores na formação da personalidade de Amâncio, além do processo de educação, se faz referência também ao fato de ter sido amamentado por uma escrava: “Com semelhante esterco, não podia desabrochar melhor no seu temperamento o leite escravo, que lhe deu a mamar uma preta da casa” (Azevedo, 1989, p.21). Além do “temperamento”, o médico da família alertava para os perigos de se deixar o menino ser amamentado por alguém que teria o sangue contaminado: “– Esta mulher tem reuma no sangue... dizia ele – e o menino pode vir a sofrer para o futuro” (Azevedo, 1989, p.22).

Assim foi crescendo Amâncio. Quando chegou o momento de deixar as aulas do Pires, recebeu outra lição. Se nas aulas pouco aprendera das lições que lhe foram passadas, os exames finais lhe trarão uma grata surpresa e, de certa forma, servirão para afirmar determinados valores:

Só aos doze anos fez o seu exame de português na aula do Pires.

Houve muita formalidade. A congregação era presidida pelo Sotero dos Reis; havia vinte e tantos examinandos. Amâncio tremia naqueles apuros. Não tinha em si a menor confiança.

Foi, contudo, “aprovado plenamente”. Mas não sabia nada, quase que não sabia ler. Da gramática apenas lhe ficaram de cor algumas regras, sem que ele compreendesse patavina do que elas definiam. O Pires nunca explicava: - se o pequeno tinha a lição de memória, passava outra, e, se não tinha, dava-lhe algumas palmatoadas e dizia-lhe que trouxesse a mesma para o dia seguinte.

Mas, enfim, estava habilitado a entrar para o Liceu onde iria cursar as aulas de francês e geografia. (Azevedo, 1989, p.22)

Até chegar à Faculdade de Medicina, o processo de sua formação, principalmente a formação intelectual se dará dentro e fora da escola. Após deixar a escola de primeiras letras, Amâncio ingressa no Liceu, no qual cursa as cadeiras de francês e geografia e, posteriormente, gramática geral e inglês. A passagem pelo Liceu o

habilitará a prosseguir seus estudos na Corte. “Já eram válidos, felizmente, os exames do Liceu do Maranhão, e com as cartas que daí houvesse, podia entrar nas academias da corte” (Azevedo, 1989, p.24).

Mas a sua formação intelectual não se restringe somente aos estudos escolares. Amâncio é um leitor:

Às vezes entrava em casa ao amanhecer. Não podia dormir logo; vinha excitado, sacudido pelas impressões e pela bebedeira da noite. Atirava-se à rede, com uma vertigem impotente de conhecer poesias byronianas, escrever coisas no gênero de Álvares de Azevedo, cantar orgias, extravagâncias, delírios.

E afinal adormecia, lendo *Mademoiselle de Maupin*<sup>45</sup>, *Olympia de Clèves* ou *Confession d'un enfant du siècle*.<sup>46</sup> (Azevedo, 1989, p.25)

As imagens colhidas nos romances alimentam o seu imaginário, e será desta forma que, mesmo antes de sair de São Luís do Maranhão, idealiza a vida no Rio de Janeiro:

Nunca saíra do Maranhão; vira de longe a Corte através do prisma fantasmagórico de seus sonhos. O Rio de Janeiro afigurava-se-lhe um Paris de Alexandre Dumas<sup>47</sup> ou de Paulo de Kock<sup>48</sup>, um Paris cheio de canções de amor, um Paris de estudantes e costureiras, no qual podia ele à vontade correr as suas aventuras, sem fazer escândalo como no diabo da província.

Há muito tempo ardia de impaciência por tal viagem: pensara nisso todos os dias, fizera cálculos, imaginara futuras felicidades. Queria teatros Bufos, ceias ruidosas ao lado de francesas, passeios românticos, como o de todo maranhense nessas condições, pedia uma grande cidade, velha, cheia de ruas tenebrosas, cheia de mistérios, de hotéis, de casas de jogo, de lugares suspeitos e de mulheres caprichosas: fidalgas encantadoras e libertinas, capazes de tudo, por um momento de gozo. E Amâncio sentia necessidade de dar começo àquela existência que encontrara nas páginas de mil romances. Todo ele reclamava amores perigosos, segredos de alcova e loucuras de paixão. (Azevedo, 1989, p.18)

É esta atração pela vida na corte que leva Amâncio a escolher a medicina em detrimento do direito: “Ah! o Direito, o Direito é que, incontestavelmente,

---

<sup>45</sup> *Mademoiselle de Maupin*: obra que data de 1835 do autor francês Théophile Gautier (1811-1872). Cf. Azevedo, 1989, p.25 - Nota do Editor.

<sup>46</sup> *Confession d'un enfant du siècle*: obra autobiográfica do autor francês Alfred de Musset que data de 1836. Musset foi poeta, dramaturgo e romancista francês nascido em 1810 e morto em 1857. Foi um dos primeiros entre os escritores chamados “do período de 1830”. Cf. Azevedo, 1989, p.25 - Nota do Editor.

<sup>47</sup> Alexandre Dumas: filho do também escritor Alexandre Dumas, nasceu em Paris em 1824 e ali morreu em 1895. Cf. Azevedo, 1989, p.18 - Nota do Editor.

devia ser a sua carreira” (Azevedo, 1989, p.29). Mas, infelizmente, não havia curso de direito na Corte, então, apesar de todos os inconvenientes, optou pela medicina. De qualquer modo, o que lhe interessava era o título de doutor, e era esta ambição que o mantinha naquele curso:

Sim! porque, afinal, com dinheiro também obtemos os médicos de que precisamos, e não vale a pena, por conseguinte, gastar seis anos de academia e curtir as maçadas que estou aqui suportando, sabe Deus como!

- Mas, neste caso, a questão muda muito de figura!... dizia-lhe em resposta uma voz que vinha de dentro do seu próprio raciocínio. Não se trata aqui de fazer um “médico”, trata-se de fazer um “doutor”, seja ele do que bem quiser! Não se trata de ganhar uma “profissão”, trata-se de obter um “título”. Tu não precisas de meios de vida, precisas é de uma posição na sociedade.

- Visto isso, porém, objetava Amâncio, - quero crer que o mais acertado seria comprar uma carta na Bélgica ou na Alemanha, e mandar ao diabo, uma vez por todas, aquela peste de Medicina!

Ora, Medicina! Medicina servia para algum moço pobre que precisasse viver da clínica; ele não estava nessas circunstâncias. Era rico! só com o que lhe tocava por parte materna, podia passar o resto da vida sem se fatigar!... Por que, pois, sofrer aquelas apoquentações do estudo? Por que razão havia de ficar preso aos livros, entre quatro paredes, quando dispunha de todos os elementos para estar lá fora, em liberdade, a se divertir e a gozar?!...

Mais uma idéia sustinha-lhe o vôo do pensamento; o vulto angélico de sua mãe vinha colocar-se defronte dele, abrindo os braços, como se o quisesse proteger de um abismo.

Ah! quanto empenho não fazia a pobre velha em vê-lo formado às direitas, numa faculdade do Brasil!... Vê-lo doutor!...

- Doutor, hein?! repetia Amâncio, meio animado com o prestígio que ao nome lhe daria o título.

E ligava-os mentalmente, para ver o efeito que juntos produziam:

- Doutor Amâncio! Doutor Amâncio de Vasconcelos! Não fica mal! não fica!  
A mãe tinha razão: - Era preciso ser doutor! (Azevedo, 1989, p.29-30)

Para se manter e obter sucesso no curso, Amâncio lançará mão de uma série de expedientes, como os diversos contatos que vai estabelecendo, que, em alguns momentos, lhe parecem definidores do seu sucesso:

Ultimamente viera-lhe uma febre de formatura, queria a todo o custo “passar” no primeiro ano. - Também era só do que fazia questão, “passar no primeiro”, porque, quanto aos outros, tinha certeza de se preparar melhor e com mais antecedência. Agora, lamentava o tempo perdido na preguiça e na moléstia; dava aos diabos os seus amores, e vivia numa dobadura a arranjar empenhos e cartas de proteção. Agarrou-se ao Campos, agarrou-se àquele Dr. Freitinhas (do baile do Melo) que era unha com carne de um dos

---

<sup>48</sup> Paulo de Kock: romancista francês nascido em 1819 e morto em 1892 que pintou os costumes burgueses de seu tempo. Cf. Azevedo, 1989, p.18 - Nota do Editor.

examinadores. E furou, e virou, e percorreu amigos e desconhecidos, até se julgar “garantido”. (Azevedo, 1989, p.144)

Nos temíveis exames do final do primeiro ano, Amâncio logrou sucesso – “Soubera do resultado no mesmo dia da prova oral, por intermédio de um dos professores. – Saíra aprovado plenamente. Vencera!” (Azevedo, 1989, p.148). Embora tivesse clareza de que o sucesso não era fruto da dedicação e do empenho nos estudos, no momento das comemorações, Amâncio se gaba de suas qualidades, deixando transparecer que a obtenção do sucesso naquela instituição – a Faculdade de Medicina<sup>49</sup> – vai muito além do debruçar-se sobre os livros.

Foi muito elogiado o exame de Amâncio, tocaram-se os copos, entre fervorosas palavras de animação; falou-se em “filhos diletos da ciência”, em “liberdade”, em “geração nova”, em “mineiros do progresso”.

Todavia, Amâncio, em ar feliz e pretensioso, confessava o pouco que estudara e gabava-se de sua fortuna. – Podia dar a palavra de honra em como mal havia tocado nos livros durante o ano. – O Coqueiro e a família estavam ali, que dissessem!...

E bazofiava a respeito de sua presença de espírito, particularizando circunstâncias comprobativas de uma sagacidade a toda a prova.

- Cá o menino não se aperta! dizia ele, muito satisfeito consigo. (Azevedo, 1989, p.148)

O romance *Casa de Pensão* trata, em sua maior parte, das aventuras e desventuras amorosas do estudante Amâncio em seu primeiro ano na corte, tratando principalmente de sua vida boêmia e amorosa. Conseqüência da rede de ligações pessoais e amorosas que este estabelece, Amâncio terá um fim trágico.

Embora sobre a sua vida acadêmica sejam relatados apenas alguns momentos, como o ingresso e os exames finais, vê-se ao longo do romance estabelecida uma relação entre o temperamento de Amâncio, que não se adapta as exigências dos estudos científicos, e as práticas correntes no âmbito da Faculdade de Medicina; o que lhe proporciona os meios para o sucesso.

---

<sup>49</sup> Apesar de ser a Faculdade de Medicina a instituição referenciada no romance, há um momento em que a Escola Politécnica é o tema de uma discussão: “... Simões discutia com Paiva a incompetência dos

## Ilustrações da natureza

Ao adentrarmos na produção de Aluísio Azevedo, especialmente nas obras aqui analisadas (*O Mulato*; *Casa de Pensão*; *O Cortiço* e *O Coruja*), observa-se que a maioria das suas personagens se constitui de homens livres, letrados e moradores da cidade. Esta cidade, seu principal cenário, está em transformação, cresce e se moderniza, e nela vivem-se os conflitos da vida urbana do final do século XIX. Das quatro obras apresentadas neste capítulo, três delas têm como cenário o Rio de Janeiro, isto é, a Corte – paradigma da vida urbana naquele momento. Embora em *O Mulato* o enredo esteja situado em São Luís do Maranhão, a ênfase dada ao provincianismo da capital maranhense – colocado em contraste com os refinados hábitos de Raimundo, representante do urbano e do cosmopolita –, traz para a obra a crítica ao provincianismo.

A trajetória das personagens mostra que a vida na cidade e, principalmente, a inserção entre aqueles que se julgam os seus legítimos representantes, prescinde de uma aprendizagem, da aquisição de códigos e da sujeição às regras estabelecidas. A cidade é um palco onde todos desfilam e onde cada um deve mostrar seus atributos. Quando se trata de bens materiais, estes não podem ser apenas adquiridos, é preciso saber usufruí-los. Já os saberes e as qualidades precisam ter visibilidade, para que o indivíduo possuidor seja reconhecido publicamente enquanto tal. Surgem, então, os dispositivos que se associam a determinadas condições: são as roupas, os hábitos de consumo, os títulos, a vida social e a capacidade de se expressar e mostrar ilustração.

O contraste entre aqueles que conhecem e os que desconhecem determinados códigos é explorado em diversas situações: na figura do provinciano que vem para a Corte, daquele que depois de muitos anos vivendo na Europa retorna a sua terra natal, e do rude que sai da miséria e se torna um homem rico. Nestes casos duas situações se colocam: a adaptação ao novo, que requer, antes de tudo, a aquisição de saberes, através de um processo de aprendizagem, ou o estabelecimento de um conflito entre duas formas distintas de ver e pensar o mundo.

---

professores da Politécnica. – Uma súcia! Uma cambada! Sintetizava ele. – Se fosse preciso despedir dali os que não prestam, não ficaria nenhum!” (Azevedo, 1989, p.36)

Outro elemento que nos chama a atenção é a relação que se estabelece entre a constituição do caráter, que se dá por meio das experiências pelas quais o indivíduo é submetido, e o seu modo de agir diante das questões que a vida lhe coloca. Nas trajetórias dos personagens há histórias de conquistas e derrotas, de ascensão e decadência. Nestas, dois tipos se destacam: aquele que procura enfrentar as adversidades da vida, e busca superar a sua condição, geralmente definida pelo lugar onde nasceu, e o bem nascido que, ao não enfrentar as adversidades da vida, está fadado a ser covarde e hipócrita. Neste determinismo, os grandes feitos e as ações engrandecedoras nunca serão obra daqueles que nascem em berço de ouro. Desta forma fica estabelecido que a entrada no mundo da ciência, que ultrapassa o verniz da ilustração, só será possível a indivíduos portadores de determinadas qualidades e que sejam capazes de se sujeitar a certos sacrifícios.

No universo social que Aluísio Azevedo constrói e expressa através de sua obra, as relações com o conhecimento e a inserção dos indivíduos no mundo do saber se fazem em função dos interesses e de determinadas peculiaridades do caráter e personalidade de cada um. Estabelece-se que o sentido para a ciência e o conhecimento na vida dos sujeitos se manifestarão de formas distintas, em função das características individuais que possuem.

Independentemente do fato de parte da obra de Aluísio Azevedo estar atrelada ao naturalismo, o que permite explicá-la em algumas de suas particularidades, é importante registrar, ter sido ele um autor que procurou retratar o seu tempo. Segundo Coelho Netto, Aluísio Azevedo “lia pouco ‘por falta de tempo’. O seu livro era sua época, tendo por páginas os dias, com o texto que eram os episódios e ilustrações da natureza” (Coelho Netto, 1945, p.89). Embora para obter o efeito desejado Aluísio Azevedo carregasse nas tintas neste ou naquele aspecto, não se pode negar o valor de sua obra, pois temos aí um “moço” do final do século XIX escrevendo sobre o seu tempo, com as cores e os tons que o momento elegeu.

### **3 Educação Moderna**



## Aula de astronomia

Ao mesmo tempo, como os filósofos atribulados, busquei a doce consolação dos astros.

Aristarco iniciara um curso noturno de cosmografia.

Estrelas era com ele. O nobre ensino! Nenhum professor, sob pena de expulsão, abalanchava-se a intrometer-se nas onze varas da camisola de astrólogo. E vissem-no, à janela, indicando as constelações, impelindo-as através da noite com o pontudo dedo! Nós discípulos, não víamos nada; mas admirávamos. Bastava ele delinear sabiamente um agrupamento estelino às alturas, para cada um de nós por seu lado ficar mais a quo<sup>50</sup>. E voava, fugindo, a poeira fosforescente.

Quanto a mim, o que sobretudo me maravilhava era a coragem com que Aristarco fisgava os astros, quando todos sabem que apontar estrelas faz criar verrugas.

Uma vez, muito entusiasmado, o ilustre mestre mostrou-nos o Cruzeiro do Sul. Pouco depois, cochichando com o que sabíamos de pontos cardeais, descobrimos que a janela fazia frente para o Norte; não atinamos. Aristarco reconheceu o descuido: não quis desdizer-se. Lá ficou a contragosto o Cruzeiro estampado no hemisfério da estrela polar.

Eu tomei amor às coisas do espaço e estudava profundamente a mecânica do infinito pelo compêndio do Abreu.

Para as noites brumosas, Aristarco tinha os aparelhos. Uma infinidade de maquinismos do ensino astronômico, exemplificando o sistema solar, a teoria dos eclipses, a gravitação dos satélites, as esferas concêntricas, terrestre e celeste; a de dentro, de cartão lustrado; a de fora, de vidro. Um atravancamento indescritível, sobre a mesa, de estrelas e arames torcidos, rodas dentadas de latão, lâmpadas frouxas de nafta parodiando o sol. Aristarco dava à manivela e girava tudo. Com o pince-nez grosso de tartaruga, à ponta do nariz, dominava o tropel dos mundos.

“Vêem, dizia, explicando a natureza, vêem a minha mão aqui?”

Mostrava a mão direita ao realejo, bela manopla felpuda de fazer inveja a Esaú:

“É a mão da Providência!” (Pompéia, 1992, p.52-3)

No céu as estrelas, os astros, as constelações, na sala os maquinismos do ensino de astronomia, e a coragem de Aristarco, tudo admirava o menino Sérgio. Nas aulas de astronomia encontramos um Sérgio entusiasmado, um entusiasmo que o aproximava de Aristarco, caçador de estrelas e constelações. Sérgio havia embarcado em seus sonhos, viajavam pelas estrelas, brincavam de senhores do universo.

---

<sup>50</sup> A QUO – expressão latina que significa na ignorância.

Sérgio, protagonista de *O Ateneu*<sup>51</sup>, narra na forma de memórias sua passagem pelo colégio interno Ateneu, fazendo descrições nas quais aparecem: instrumentos científicos, aparelhos diversos, figuras, gravuras, coleções, livros, todo o conjunto de dispositivos que compõe as atividades daquela escola. Do mesmo modo que as descrições nos mostram o colégio em sua materialidade, podemos nos aproximar do processo de formação ao qual Sérgio foi submetido, uma formação que é moral, intelectual e sentimental. Esta formação não se separa das relações ali estabelecidas, pois ao mesmo tempo em que adquire novos saberes, aprende as regras de convivência, que se traduzem em estratégias de sobrevivência, pautadas pelo código de ética que impera no interior do colégio.

O aprendizado no colégio, fruto das experiências ali vividas, nem sempre remete a boas recordações. Se durante a aula de astronomia Sérgio demonstra entusiasmo e felicidade, num momento no qual parece se afastar da dura realidade imposta pela vida no internato, em outros, o que se tem é um Sérgio decepcionado, que se sente enganado pelas suas primeiras impressões.

Convencido de que a campanha do estudo e da energia moral não era precisamente uma cavalgata cotidiana, animada pelo clarim da retórica, como nas festas, e pelo verso enfático dos hinos, entristeceu-me a realidade crua. Desiludi-me dos bastidores da gloriosa parada, vendo-a pelo avesso. Nem todos os dias do militarismo enfeitam-se com a animação dos assaltos e das voltas triunfais; desmoralizava-me o ranram estagnado da paz das casernas, o prosaísmo elementar da faxina.

Com esta crise do sentimento casava-se o receio que me infundia o microcosmo do Ateneu. Tudo ameaçava os indefesos. O desembaraço tumultuoso dos companheiros à recreação, a maneira fácil de conduzir o trabalho, pareciam-me traços de esmagadora superioridade; espantava-me a viveza dos pequenos, tão pequenos alguns! (Pompéia, 1992, p.43)

Ali era preciso estar sempre alerta e, ao mesmo tempo, sobreviver ao tédio imposto pelo tempo e o movimento escolar: “O tédio é a grande enfermidade da escola, o tédio corruptor que tanto pode gerar da monotonia do trabalho como da ociosidade” (Pompéia, 1992, p.108). Além das aulas de astronomia, os livros lhe vêm

---

<sup>51</sup> Em *O Ateneu*, Raul Pompéia narra a passagem do menino Sérgio pelo colégio interno, O Ateneu. A esta obra é atribuído um caráter autobiográfico, na qual Raul Pompéia estaria narrando a sua passagem pelo Colégio Abílio.

em socorro, e na companhia deles passa o tempo de maneira agradável, sonha e faz novas amizades.

Alguns rapazes, não do Grêmio e que não houvessem, nas letras, manifestado gramaticalmente notável jeito para a conjugação sub-reptícia do verbo adquirir, podiam obter do presidente o direito de ingresso na sala dos livros. Eu, como amigo que era das bonitas páginas impressas, apresentei candidatura. E como não divertia bastante o jogo da barra ao sol, nem o rapa-tira-deixa-põe das penas de aço e das carrapetas, nem o correr à panelinha das bolas de vidro espiraladas de cores, fez-se-me a biblioteca a recreação habitual.

Esta frequência angariou-me dois amigos, dois saudosos amigos – Bento Alves e Júlio Verne.

Ao famoso contador do Tour du monde devo uma multidão numerosa dos amáveis fantasmas da primeira imaginação, excêntricos como Fogg, Paganel, Thomas Black, alegres como Joe, Passepartout, o negro Nab, nobres como Glenarvan, Letourneur, Paulina Barnett, atraentes como Aouda, Mary Grant. Sobre todos, grande como um semideus, barba nitente, luminosa como a neblina dos sonhos, o lendário Nemo da Ilha Misteriosa, taciturno da lembrança das justiças de vingador, esperando que um cataclismo lhe cavasse um jazigo no seio do Oceano, seu vassalo, seu cúmplice, seu domínio, pátria sombria do expatriado.

Possuía minha literatura completa de tesouros de meninos, contos de Schmidt; visitara uma por uma no meu burrinho as feiras da sabedoria de Simão de Nântua; estudara profundamente pelas aventuras de Gulliver as vacilações da vida, onde, mal acabamos de zombar da pequenez extrema, vem sobre nós o ludíbrico da extrema grandeza, espécie de Pascal de mamadeira entre Lilipur e Brobdignak; chegara à perfeição de duvidar das empresas de Munchausen. Isto tudo sem falar nos Lusíadas do Sanches, no reverendo Bernardes, na refinada pilhéria do Bertoldo e no Testamento do Galo, símbolo aliás muito filosófico da odiosidade das sucessões, que por ventura do herdeiro autoriza o destripamento do galináceo como a tortura shakespeariana de Lear.

Júlio Verne foi festejado como uma migração de novidade. Onde quer que me levasse o Forward ou o Duncan, o Nautilus ou o balão Vitória, a columbíada da Flórida ou criptograma de Saknussen, lá ia eu, esfaimado de desenlaces, prazenteiro, ávido como os três dias de Colombo antes da América, respirando no cheiro das encadernações as variantes climatéricas da leitura, desde as areias africanas até aos campos de cristal do Ártico, desde os grandes frios siderais até a aventura do Stromboli. (Pompéia, 1992, p.92-3)

A imersão nas aventuras narradas por Júlio Verne, com suas viagens fantásticas e seus heróis pitorescos, permite a Sérgio dar asas à imaginação. E será como um herói saído das páginas de um romance de Verne que descreverá o seu amigo Bento Alves, pelo qual nutre uma amizade em que se misturam múltiplos sentimentos.

A amizade do Bento Alves por mim e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. (Pompéia, 1992, p.93)

Na biblioteca, Bento Alves escolhia-me as obras: imaginava as que me podiam interessar; e propunha a compra, ou as comprava e oferecia ao Grêmio, para dispensar-se de mas dar diretamente. No recreio não andávamos juntos; mas eu via de longe o amigo, atento, seguindo-me o seu olhar como um cão de guarda.

Soube depois que ameaçava torcer o pescoço a quem pensasse apenas em me ofender; seu irmão adotivo! confirmava. (Pompéia, 1992, p.94)

As leituras de Sérgio acompanham o ritmo das suas relações de amizade, parecem estar em sintonia com seus sentimentos, tendo a mesma expressão. Na companhia do amigo Egbert, suas leituras serão outras, e com outros significados.

Líamos muito em companhia. Páginas que não terminavam, de leituras delicadas, fecundas em cisma; Robinson Crusoe, a solidão e a indústria humana; Paulo e Virgínia, a solidão e o sentimento. Construíamos risonhas hipóteses: que faria um de nós, vendo-se nos apuros de uma ilha deserta? (Pompéia, 1992, p.144)

Mas há outras experiências de leitura, algumas um pouco bizarras, como as leituras de dicionário, em um estranho curso proposto pelo colega Sanches, que naquele momento era seu explicador.

Iniciou da mesma forma um curso pitoresco de dicionário. O dicionário é o universo. Gaba-se de esclarecimento, mas atordoa, à primeira vista, como a agitação das grandes cidades desconhecidas. Encarceirados nas páginas consideráveis, os nomes seguem estranhamente com a numerosa prole dos derivados, ou sós, petits-mâitres faceiros, os galicismos; vaidosos dandys os de proveniência albiônica. Molestam-nos com a maneira desdenhosa, porque os não conhecemos. As significações prolongam-se intérminas, entrecruzam-se em confusa rede topográfica. O inexperiente não conquista um passo na imensa capital das palavras. Sanches estava afeito. Penetrou comigo até aos últimos albergues da metrópole, até à cloaca máxima dos termos chulos. Descarnou-me em caricatura de esqueleto a circunspeção magistral do Lexicon, como poluía a elevação parnasiana do poema.

Eu me sentia amesquinhado sob o peso das revelações. Causava terror aquela sabedoria de coisas nunca sonhadas. (Pompéia, 1992, p.50-1)

Há também aquelas leituras feitas de forma velada, de produções que circulam de mão em mão entre os meninos, são os romances chulos e alguns

manuscritos produzidos pelos alunos; estes servem, em sua maioria, para fazer o escárnio dos membros do colégio.

De mão em mão como as epístolas, corriam os periódicos manuscritos e os romances proibidos. Os periódicos levavam pelos bancos a troça mordaz, aos colegas, aos professores, aos bedéis; mesmo a pilhéria blasfema contra Aristarco, uma temeridade. Os romances, enredados de atribuições febricitantes, atraindo no descritivo, chocantes no desenlace, alguns temperados de grosseira sensualidade, animavam na imaginação panoramas ideados da vida exterior, quando não há mais compêndios, as lutas pelo dinheiro e pelo amor, o ingresso nos salões, o êxito da diplomacia entre duquesas, a festejada bravura dos duelos, o pundonor de espada à cinta; ou então o drama das paixões ásperas, tormentos de um peito malsinado e sublime sobre um cenário sujo de bodega, entre vômito de mau vinho e palavradas de barregã sem preço. (Pompéia, 1992, p.113)

As leituras relatadas por Sérgio compõem um programa paralelo de formação, muito embora não façam parte do programa do colégio e algumas sejam consideradas contrárias aos princípios morais que regem aquele estabelecimento de ensino.

Nas recordações de Sérgio encontramos, também, elementos que são próprios da aprendizagem escolar. Ao comentar o episódio de um assassinato ocorrido na cozinha do colégio, e o seu desejo de ver um cadáver humano, ele se reporta às suas experiências com os diversos objetos e gravuras, os quais o colégio dispunha para as explicações sobre anatomia humana.

Desde muito, andava querendo ver um cadáver, espetáculo real, de mãos contraídas, revirados beijos. As cartas iconográficas de parede deixavam-me impassíveis, com as estampas teóricas de cérebros a descoberto, globos oculares exorbitados, ventres golpeados em abas, mostrando vísceras, figuras humanas de pé, descansando a um quadril, movendo a supinação num jeito de complacência passiva, esfolados para que lhes vissemos as veias, modelos vivos da ciência em pose de suplício, constância de brâmane, como à espera de que houvéssemos aprendido de cor a circunvolução do sangue, para vestir de novo a pele e os músculos deslocados. Não me bastava.

Nos grandes armários havia melhor: peças anatômicas de massa, sangrando verniz vermelho, legítima hemorragia; corações enormes, latejantes, úmidos à vista, mas que se destampavam como terrinas; olhos de ciclope, arrancados, que pareciam viver ainda estranhamente a vida solitária e inútil da visão; mas olhos que se abriam como formas de projéteis de entrudo. Mas eu queria a realidade, a morte ao vivo. (Pompéia, 1992, p.82)

Na convivência com os colegas do colégio, outro aprendizado, sobre as vocações e os papéis sociais. Para falar dos colegas, Sérgio descreve a arrumação que fazem dos seus armários na sala de estudos, e através dos interesses demonstrados nesta ocupação vê a manifestação de diferentes vocações, associadas ao caráter e à personalidade de cada um. Neste quadro aparecem vocações ligadas às atividades científicas, o que permite associar alguns de seus colegas a eminentes cientistas do período.

Era a sala geral do estudo, à beira do pátio central, uma peça incomensurável, muito mais extensa do que larga. De uma das extremidades, quem não tivesse extraordinária vista custaria a reconhecer outra pessoa na extremidade oposta. A um lado, encarreiravam-se quatro ordens de carteiras de pau envernizado e os bancos. À parede, em frente perfilavam-se grandes armários de portas numeradas, correspondentes a compartimentos fundos; depósito de livros. Livros é o que menos se guardava em muitos compartimentos. O dono pregava um cadeado à portinha e formava um interior à vontade. Uns, os futuros sportmen, criavam ratinhos, cuidadosamente desdentados a tesoura, que se atrelavam a pequenos carros de papelão; outros, os políticos futuros, criavam camaleões e lagartixas, declarando-se-lhes precoce a propensão pelo viver de rastos e pela cambiante das peles; outros, entomologistas, enchiam de casulos dormentes a estante e vinham espiar a eflorescência das borboletas; os colecionadores, Ladislaus Nettos um dia, fingiam museus mineralógicos, museus botânicos, onde abundavam as delicadas rendas secas de filamentos das folhas descarnadas; outros davam-se à zoologia e tinham caveiras de passarinhos, ovos vazados, cobras em cachaça. Um destes sofreu uma decepção. Guardava preciosamente o crânio de não sei que fenomenal quadrúpede encontrado em escavações de uma horta, quando verificou-se que era uma carcaça de galinha!

Eu tive idéia de armar em capela o compartimento do meu número. (Pompéia, 1992, p.58-9)

Sérgio participará, na condição de ouvinte, das palestras que acontecem no *Grêmio Literário Amor ao Saber*, agremiação que congregava alunos e alguns professores.

Duas vezes ao mês, congregavam-se os amigos das letras, numa das salas de cima; a mesma das lições astronômicas de Aristarco. [...]

Às suas reuniões comparecia eu timidamente, para nada mais que simplesmente abusar, por excessivo consumo, de um direito dos estatutos: podiam os alunos, todos do Ateneu, em silêncio humilde, mariscar o que fossem deixando os segadores do trigal das literaturas.

Assistente infalível, saía cheio com a retórica espigada, que ia espalmar, prensando no dicionário, conservas de espírito, relíquia inapreciável do Belo. (Pompéia, 1992, p.88).

Nas palestras do Grêmio se destacam os eloqüentes, como Nearco, que em sua estréia: “Falou durante hora e meia com uma fluência que lhe angariava para sempre o epíteto de fecundo.[...] Por este memorável dia arvorou-se Nearco em notabilidade firmada”. O *Grêmio Literário Amor ao Saber* congregará outros tantos, que ali manifestam suas qualidades. “Não faltavam, entretanto, poetas, jornalistas, polemistas, romancistas, críticos, folhetinistas” (Pompéia, 1992, p.89).

Há também outras atividades promovidas pelo colégio, como as palestras que aconteciam aos sábados, nas quais os temas do momento eram expostos. Estas são eleitas por Sérgio como tão interessantes quanto as aulas de astronomia de Aristarco.

O Dr. Cláudio encetou uma série de preleções aos sábados, à imitação das que fazia às quintas Aristarco sobre lugares-comuns de moralidade. Filosofia, ciência, literatura, economia política, pedagogia, biografia, até mesmo política e higiene, tudo era assunto; interessantíssimas, sem pesadas minuciosidades. Depois da astronomia do diretor, nenhuma curiosidade me valera tão bons minutos de atenção. (Pompéia, 1992, p.161)

Além das palestras proferidas pelo Dr. Cláudio, cujos temas versavam sobre os mais variados assuntos, dentre eles as ciências, as artes e a situação nacional, havia aquelas que os meninos organizavam, em reuniões que só aconteciam longe dos olhos dos bedéis, para discutir temas que não faziam parte de nenhum programa, mas que aguçavam suas curiosidades.

A palestra no pérola era muito mais cândida, e principalmente, nada pessoal. Curso improvisado de obstétrica elementar, pura especulação. Todos queriam saber; apertavam-se vinte pequenos em roda do problema, como aquelas figuras da lição de Rembrandt. Qual a origem das espécies? Eram investigadores. Ninguém adiantava um passo. Estava ausente o giapeto, que talvez pudesse explicar. Feliz quem pode conhecer a causa das coisas! Como é a entrada na vida? Ordem dórica? jônica? compósita? As imaginações trabalhadas formigavam avidamente sobre a questão; ninguém penetrava. Desenrolavam-se as teorias domésticas, angélico-ginecológicas. (Pompéia, 1992, p.115-6)

No conjunto das experiências pelas quais passa Sérgio nos seus dois anos no *Ateneu*, está delineada parte de sua formação. Que não se dá apenas na sala de aula e nos planos de estudos impostos pelo programa escolar, mas também pela

participação nos diferentes momentos da vida estudantil, pelas leituras que faz e nas demais atividades que ali acontecem.

Na narrativa deste processo nos deparamos com imagens que nos remetem às suas experiências, aos objetos presentes no seu dia-a-dia e aos sentimentos que afloram em cada situação. Na última imagem, na qual descreve os destroços do colégio após o incêndio, encontramos um pouco de tudo aquilo que lhe dava identidade.

Lá estava; em roda amontoavam-se figuras torradas de geometria, aparelhos de cosmografia partidos, enormes cartas murais em tiras, queimadas, enxovalhadas, vísceras dispersas das lições de anatomia, gravuras quebradas da história santa em quadros, cronologias da história pátria, ilustrações zoológicas, preceitos morais pelo ladrilho, como ensinamentos perdidos, esferas terrestres contundidas, esferas celestes rachadas; borra, chamusco por cima de tudo: despojos negros da vida, da história, da crença tradicional, da vegetação de outro tempo, lascas de continentes calcinados, planetas exorbitados de uma astronomia morta, sóis de ouro destronados e incinerados... (Pompéia, 1992, p.189)

### **Lições de vida**

Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta. (Pompéia, 1992, p.13)

Ensaçados no microcosmo do internato, não há mais surpresas no grande mundo lá fora, onde se vão sofrer todas as convivências, respirar todos os ambientes; onde a razão da maior força é a dialética geral, e nos envolvem as evoluções de tudo que rasteja e tudo que morde, porque a perfídia terra-terra é um dos processos mais eficazes da vulgaridade vencedora; onde o aviltamento é quase sempre a condição de êxito, como se houvesse ascensões para baixo; onde o poder é uma redoma de chumbo sobre as aspirações altivas; onde a cidade é franca para as dissoluções babilônicas do instinto; onde o que é nulo, flutua e aparece, como no mar as pérolas imersas são ignoradas, e sobrenadam ao dia as algas mortas e a espuma. (Pompéia, 1992, p.162)

As considerações feitas sobre a educação no internato aparecem nas palestras do doutor Cláudio. Nestas observações se faz uma leitura do colégio enquanto reflexo da sociedade, com os seus valores, através dos quais os diferentes papéis se definem. Na igualdade dos meninos uniformizados, as diferenças se estabelecem.

O colégio não ilude: os caracteres exibem-se em mostrador de franqueza absoluta. O que tem de ser, é já. E tanto mais exato, que o encontro e a

confusão das classes e das fortunas equipara tudo, suprimindo os enganos de aparato, que tanto complicam os aspectos da vida exterior, que no internato apagam-se no socialismo do regulamento. (Pompéia, 1992, p.163)

Novamente parece que estamos diante de um certo determinismo, no qual alguns caracteres definem a atuação dos indivíduos, sendo o colégio o lugar especial para que se manifestem – um laboratório das almas.

Ao acompanharmos as memórias de Sérgio e, particularmente, o que diz respeito a sua formação, encontramos um vasto conjunto de referências que nos reportam à vida escolar, aos conhecimentos e seus significados. Através do relato de sua formação, das relações que estabelece e das regras que regem a comunidade composta pelos membros do Ateneu, vemos como no processo de formação ao qual é submetido se entrecruzam diferentes elementos, entre os quais, o conhecimentos científico. Muitas das imagens que expressam sua experiência sobreviveram ao tempo, e passaram a compor uma memória, que não é mais a de Sérgio, mas de várias gerações de leitores de *O Ateneu*.

### **Aula de geografia**

O professor pediu um compêndio que folheou de relance. – Qual era a lição? A Oceânia? Pois bem...

- Diga-me, senhora D. Maria do Carmo: A Oceânia é ilha ou continente?

Maria fechou depressa o compêndio que estivera lendo, muito embaraçada, e, fitando o mestre, batendo com os dedos na carteira, com um risinho:

- Somente uma parte da Oceânia pode ser considerada um *continente*.

- Perfeitíssimo bem!

E perguntou, radiante, como se chama essa parte da Oceânia que pode ser considerada *continente*; explicou demoradamente e categoricamente a natureza das ilhas australianas, elogiando as belas paisagens claras de Nova Zelândia, a sua vegetação opulenta, as riquezas do seu solo, o seu clima, a sua fauna, com entusiasmo de *touriste*, animando-se pouco a pouco, dando pulinhos intermitentes na cadeira de braços que gemia ao peso de seu corpo.

Maria, muito séria, sem mover-se, ouvia com atenção, o olhar fixo nos olhos do Berredo, bebendo-lhe as palavras, admirando-o, adorando-o quase, como se visse nele um doutor em ciências, um sábio consumado, um grande espírito. Decididamente era um talento, o Berredo! Gostava imenso de o ouvir falar, achava-o eloqüente, claro, explícito, capaz de prender um auditório ilustrado. Era a sua aula predileta, a de geografia, o Berredo tornava-a mais interessante ainda. Os outros, o professor de francês e o de ciências, nem por isso; davam sua lição, como papagaios, e – adeus, até amanhã. O Berredo, não senhores, tinha um excelente método de ensino,

sabia atrair a atenção das alunas com descrições pitorescas e pilhérias encaixadas a jeito no fim do discurso.

- “Muitas ilhas da Oceânia, dizia ele, coçando a barba, são habitadas por selvagens antropófagos, como os da América antes de sua descoberta...”

- “Imaginem as senhoras, que horror! Homens devorando-se uns aos outros, comendo-se com a mesma satisfação, com a mesma voracidade, com o mesmo canibalismo com que nós outros, civilizados, trincamos um *beef-steak* ao almoço...”

- Houve uma casquinha de risos à surdina. (Caminha, 1994, p.49-50)

Uma cena na Escola Normal – a aula de Geografia. Berredo é eloqüente, radiante, e naquela sala de aula revela às normalistas os mistérios de mundos distantes e regiões desconhecidas. Maria do Carmo bebe-lhe as palavras, considera-o um grande sábio, admira a sua capacidade de prender a atenção do público, e a forma como explica a lição.

A capacidade de Berredo em prender a atenção das suas alunas faz com que este supere inclusive a falta de outros recursos para o seu trabalho; a sala na qual a aula acontece possui muitos equipamentos, aparentemente pouco usados, mas nenhum deles próprios para a aula de geografia:

Ao meio-dia, pontualmente, chegou o professor de geografia, o Berredo, um homenzarrão, alto, grosso e trigueiro, barba espessa e rente, quase cobrindo o rosto, olhos pequenos e concupiscentes. Cumprimentou o diretor, muito afetuoso, limpando o suor da testa. E consultando o relógio:

- Meio-dia! São horas de dar o meu recado. Com licença.

Contavam-se na sala d’aula pouco mais de umas dez alunas, quase todas de livro aberto sobre as carteiras, silenciosas agora, à espera do professor. Maria ocupava um dos bancos da primeira fila.

Ao entrar o Berredo, houve um arrastar de pés, todas simularam levantar-se, e o ilustre preceptor sentou-se, na forma do louvável costume, passeando a olhar na sala, vagarosamente, com bonomia paternal – tal um pastor d’ovelhas a velar o casto rebanho.

A sala era bastante larga para comportar outras tantas discípulas, com janelas para a rua e para os terrenos devolutos, muito ventilada. Era ali que funcionavam as aulas de ciências físicas e naturais, em horas diferentes das de geografia. Não se via um só mapa, uma só carta geográfica nas paredes, onde punham sombras escuras peles de animais selvagens colocadas por cima de vidraças que guardavam, intactos, aparelhos de química e física, redomas de vidro bojudas e reluzentes, velhas máquinas pneumáticas nunca servidas, pilhas elétricas de Bunsen, incompletas, sem amálgama de zinco, os condutores pendentes num abandono glacial; coleções de minerais, numerados, em caixinhas, no fundo da sala, em prateleiras volantes... Nenhum indício, porém, da esfera terrestre. (Caminha, 1994, p.49)

Preocupado com a formação de suas alunas, Berredo procura indicá-lhes aquelas leituras que lhe parecem as mais apropriadas para a inserção das moças no mundo das ciências.

E continuava a falar com a loquacidade de um sacerdote a pregar moral, explicando a vida e costumes dos selvagens da Nova Zelândia, citando Júlio Verne, cujas obras recomendava às normalistas como um “precioso tesouro de conhecimentos úteis e agradáveis” - Lessem Júlio Verne nas horas d’ócio; era sempre melhor do que perder tempo com leituras sem proveito, muitas vezes impróprias de uma moça de família...

- Vá esperando... murmurou Lídia.

- “Eu estou certo, - dizia o Berredo, convicto, - de que as senhoras não lêem livros obscenos, mas refiro-me a esses romances sentimentais que as moças geralmente gostam de ler, umas historiazinhas fúteis de amores galantes, que não significam absolutamente coisa alguma e só servem de transtornar o espírito às incautas... Aposto em como quase todas as senhoras conhecem a Dama das camélias, a Lucíola...”

Quase todas conheciam.

- ...“Entretanto, rigorosamente, são péssimos exemplos...”

Tomou um gole d’água, e continuando:

- “Nada! As moças devem ler somente o grande Júlio Verne, o propagandista das ciências. Comprem a Viagem ao centro da terra, Os filhos do Capitão Grant e tantos outros romances úteis, e encontrarão neles alta soma de ensinamentos valiosos, de conhecimentos práticos...” (Caminha, 1994, p.50)

Contrastando com os outros professores, Berredo terá seu nome reconhecido além dos muros da Escola Normal, mesmo por aqueles que a criticam. Numa conversa que acontece na redação de *A Província*, na qual os presentes tecem acirradas críticas ao ensino ali ministrado, e aos desvios morais das normalistas, aparece uma voz, que procura resguardar a figura de Berredo, fazendo referência ao seu reconhecido saber.

- Que é a Escola Normal, não me dirão? Uma escola sem mestres, um estabelecimento anacrônico, onde as moças vão tagarelar, vão passar o tempo a ler romances e a maldizer o próximo, como vocês sabem melhor que eu...

José Pereira contestou, lembrando o Berredo, “uma ilustração invejável”, o padre Lima, “um excelente educador em cujas aulas as raparigas aprendiam ao mesmo tempo a ciência e a religião”.

- Mas não têm método, não fazem caso d’aquilo, vão ali por honra da firma, por amor aos cobres, rebateu o Elesbão, forcejando por falar alto. Aquilo é uma sinecura, não temos educadores, é o que é. (Caminha, 1994, p.128)

Tomando como ponto central as questões morais e os costumes provincianos, as referências à Escola Normal se prendem, na maior parte dos casos, à

formação moral que esta proporciona ou aos desvios aos quais as meninas que a freqüentam estão sujeitas.

No relato da trajetória de Maria do Carmo, são mostradas as mudanças que se operam em sua vida após o ingresso na escola normal. Maria adquirirá novos hábitos e se inserirá em um outro contexto de relações sociais.

Havia meses que Maria do Carmo cursava a Escola Normal. Sua vida agora traduzia-se em ler romances que pedia emprestados a Lídia, toda preocupada com bailes, passeios, modas e *tutti quanti*... Ia à Escola todos os dias vestidinha com simplicidade, muito limpa, mangas curtas evidenciando o meio braço moreno e roliço, em cabelo, o guarda-sol de seda na mão, por ali afora – toc, toc, toc – até à praça do Patrocínio, como uma grande senhora independente. Agora, sim, pensava o amanuense, Maria estava uma mocetona digna de figurar em qualquer salão aristocrático. (Caminha, 1994, p.17)

A partir das relações de amizade que estabelece com as outras normalistas, Maria do Carmo vai tendo contato com os temas que compõem o universo de interesses daquele grupo.

Nessas confabulações íntimas com a amiga, Maria, que começava a compreender a vida tal como ela é na sociedade, fingia-se de ingênua, tolinha, expediente que usava sempre que desejava saber a opinião de Lídia sobre isto ou sobre aquilo.

A princípio evitava conversar em amores, corando a qualquer palavra mais livre ou a qualquer fato menos sério que lhe contavam as colegas de estudo. Agora, porém, ouvia tudo com interesse, procurando inteirar-se dos acontecimentos, sem acanhamento, sem receio. Pouco a pouco foi perdendo os antigos retraimentos que trouxera da *Imaculada Conceição*. A convivência com as outras normalistas transformara-lhe os hábitos e as idéias. (Caminha, 1994, p.26)

Dentre os seus novos hábitos está a leitura de romances. Romances que, em sua maioria, não compõem a lista das obras indicadas pelos professores, mas circulam entre as normalistas, sendo, muitos deles, considerados impróprios para as moças de seu tempo.

Depois que saíra da *Imaculada Conceição* a vida não lhe era de toda má. Ora estava no piano, ensaiando trechos de música em voga, ora saía a passear com a Lídia Campelo, de quem era muito amiga, amiga de escola, ora lia romances... Ultimamente a Lídia dera-lhe a ler *O Primo Basílio*, recomendando muito cuidado: “que era um livro obscuro” lesse escondido e havia de gostar muito. (Caminha, 1994, p.23)

A leitura de romances passa a fazer parte do cotidiano de Maria do Carmo, e através destes passa a se defrontar com algumas questões que até então não compunham o seu universo de preocupações; ao mesmo tempo, algumas destas leituras lhe despertam para novas sensações e emoções, como aconteceu na leitura de *O Primo Basílio*.

Maria folheou ao acaso aquela obra-prima, disposta a devorá-la. E, com efeito, leu-a de fio a pavio, página por página, linha por linha, palavra por palavra, devagar, demoradamente.

Uma noite o padrinho quase a surpreende no quarto, deitada, com o romance aberto, à luz d'uma vela. Porque ela só lia *O Primo Basílio* à noite, no seu misterioso quatinho do meio da casa pegado à sala de jantar.

Que regalo todas aquelas cenas da vida burguesa! Toda aquela complicada história do *Paraíso!*... A primeira entrevista de Basílio com Luiza causou-lhe uma sensação estranha, uma extraordinária superexcitação nervosa; sentiu um como formigueiro nas pernas, titilações em partes do corpo, prurido no bico dos seios púberes; o coração batia-lhe apressado, uma nuvem atravessou-lhe os olhos... Terminou a leitura cansada, como se tivesse acabado de um gozo infinito... E veio-lhe à mente o Zuza: se pudesse ter uma entrevista com o Zuza e fazer de Luiza...

Até aquela data só lera romances de José de Alencar, por uma espécie de bairrismo mal entendido, e a *Consciência* de Heitor Mallot publicada em folhetins na *Província*. A leitura do *Primo Basílio* despertou-lhe um interesse extraordinário.

- “Aquilo é que é um romance. A gente parece que está vendo as cousas, que está sentindo...” (Caminha, 1994, p.24)

Os romances se incorporam à sua vida de tal forma que, quando sonha com o casamento, idealiza uma vida na qual a leitura se faz presente.

Imaginava-se ao lado do Zuza, numa casinha muito bem mobiliada, com cortinas de cretone na sala de jantar e um viveiro de pássaros, - ele, de chambre e gorro, sentado na escrivaninha a fazer versos, feliz, despreocupado; ela com um robe-de-chambre todo branco, fitinha na frente d'alto a baixo, cabelo solto, a ler o último romance à moda, recostada na espreguiçadeira, sem filhos... Que vida! (Caminha, 1994, p.28)

Mas não são apenas os romances que compõem a formação da leitora Maria do Carmo. Outras publicações também cumprem o seu papel instrutivo, principalmente para temas considerados proibidos. É em um manual que Maria do Carmo encontrará esclarecimentos sobre a gravidez.

Foi em casa da Lídia que ela teve certeza de achar-se grávida. Até então ignorava certos segredos da maternidade, certos fenômenos da fisiologia amorosa, que nunca lhe tinham dito, nem mesmo as companheiras de Escola, “aliás versadas em assuntos dessa natureza”.

Tinha ido passar uma semana com a amiga, nas festas, e um dia a Lídia disse-lhe que “estava pronta” e que ela, Maria, havia de ser a madrinha do primeiro filho.

Então, aproveitando a oportunidade, Maria do Carmo quis saber como as mulheres tinham certeza de estar grávidas.

Lídia explicou tudo minuciosamente: a suspensão das regras, os antojos, as dores na madre e, finalmente, os primeiros movimentos do feto no útero. Depois leram junto a *Fisiologia do Matrimônio* de Debay, que o Loureiro tivera o cuidado de comprar, especialmente o capítulo – *da calipedia ou arte de procriar filhos*, o mais importante, na opinião da esposa do guarda-livros. (Caminha, 1994, p.103)

Ao longo do romance aparecem outras situações de leitura, como aquelas que Maria do Carmo faz para preencher o tempo e se distrair - “recolhia-se ao silêncio do seu quarto a costurar ou a ler o *Almanaque das Senhoras* por desfastio, para se distrair” (Caminha, 1994, p.110). As leituras ocupam um lugar especial em sua vida; para cada momento ou situação, uma determinada leitura, do mesmo modo que as mudanças dos seus hábitos de leitura acompanham as mudanças em sua vida.

No decorrer do romance é mostrada a tragédia que recai sobre Maria do Carmo. Órfã, vive em Fortaleza na casa dos padrinhos, mas, conforme cresce, vai se tornando uma bela moça, que atrai a atenção e os desejos do padrinho João da Mata. Sujeito sem escrúpulos, se faz valer da sua situação de tutor e usa de todos os artifícios para assediá-la, até conseguir o seu intento. Maria do Carmo engravida, o que obriga João da Mata a afastá-la da cidade, numa tentativa de abafar o caso. Embora nunca se torne pública a responsabilidade de João da Mata pela gravidez da menina, a notícia da gravidez se espalha pelos quatro cantos da cidade, como o grande escândalo do momento.

Ao constatar que esta grávida, Maria do Carmo começa a prever a desgraça que se abaterá sobre sua pessoa. Refletindo sobre seu triste destino, faz comparações entre os tempos como aluna do Imaculada Conceição e após a entrada na Escola Normal, atribuindo a este fato a responsabilidade por parte de sua desgraça.

Que mudança na sua vida, que transformação desde 77! Antes nunca tivesse saído da *Imaculada Conceição* para se meter numa escola sem disciplina e sem moralidade, sem programa e sem mestres, e onde uma rapariga, filha de

família, é expulsa da aula porque outra de maus costumes escreveu obscenidades na pedra!

Mil vezes a *Imaculada Conceição* com os seus claustros, com as suas capelas, com o seu silêncio respeitoso, com a sua disciplina austera; ao menos não teria voltado à casa dos padrinhos, àquela maldita casa de hipócritas, e não teria dado espetáculos com Sr. Zuza. (Caminha, 1994, p.124)

Aos poucos vai se afastando da Escola e do convívio com as suas colegas normalistas. Ao comentar o seu desapontamento e afastamento da Escola Normal, encontra nas opiniões da amiga Lídia os mesmos julgamentos sobre os preceitos morais daquele lugar.

- A Escola qual! Passei oito dias em casa, como uma freira, sem ir à parte alguma. Creio que não irei mais *àquilo*.

- Eu, no teu caso, faria o mesmo. Agora então, que estou casada, olha...

Fez um gesto com as mãos.

- ... bananas, não estou para suportar desaforos, d'aquela canalha. Porque tudo aquilo é uma canalha, menina. Fazes muito bem não pondo os pés naquela feira de reputações. As raparigas ali aprendem a ser falsas e imorais. Conheço muito o tal Sr. Berredo, o tal Sr. Padre Lima e mais os outros todos. O próprio diretor... eu cá sei... (Caminha, 1994, p.102)

Embora o desenrolar dos acontecimentos apontem para um final trágico, a história de Maria do Carmo não termina desta forma, pois há o momento de redenção. Algum tempo depois do episódio do trágico nascimento e morte de seu filho, encontramos Maria do Carmo, revigorada, voltando para os bancos da Escola Normal.

Meses depois, quando Maria do Carmo apresentou-se na Escola Normal para concluir o curso interrompido, estava nédia e desenvolta, muito corada, com uma estranha chama de felicidade no olhar. A sua presença foi como uma ressurreição. “- A Maria do Carmo hein? Nem parecia a mesma!” – Houve um alarido entre as normalistas: abraços, beijos, cochichos... Até o edifício tinha-se pintado de novo como para recebê-la! (Caminha, 1994, p.135)

### **Novos tempos**

Em *A Normalista* encontramos nas histórias dos vários personagens elementos que são comuns. Assim como os livros compõem a vida de Maria do Carmo, as referências aos hábitos de leitura servirão para melhor defini-las. Num comentário

sobre José Pereira, o redator da *Província*, é mostrado um momento de sua vida no qual é identificado pelas leituras que realiza.

Nesse tempo o redator da *Província* ainda era calouro em política. Dava seu voto e nada mais. A literatura é que o absorvia. Um livro novo era para ele a melhor novidade: caísse embora o ministério, rebentasse uma revolução, ele conservava-se a ler, virando páginas, devorando a obra como um alucinado, defronte do abajur de papelão, no seu modesto gabinete de escritor pobre. Conhecia Dumas pai de cor e salteado; fora o seu primeiro “mestre”. Depois entregou-se a ler os *Miseráveis*, declarando-se hugólotra incondicional em uma apreciação que fizera do grande poeta. O artigo concluía deste modo:

“Vitor Hugo é o Cristo da legenda transfigurado em profeta moderno. Ele é todo um século. Tudo nele é grande como a natureza. Os *Miseráveis* são a apoteose de todas as misérias humanas. Vitor Hugo, o Mestre, é o Sol da Humanidade. Amemo-lo como a um Deus!”

Isso produziu efeito entre os literatos contemporâneos, que não dispensaram elogios ao “valente folhetinista” da *Província*. (Caminha, 1994, p.55)

Nas referências a Zuza, mostrado como o “rapaz da moda”, que “montava a cavalo, fazia versos, assinava a *Gazeta Jurídica*, freqüentava o palácio do presidente...” (Caminha, 1994, p.17), aparecem os momentos de leitura, seu peculiar modo de ler e suas preferências literárias.

Tinha aberto ao acaso o seu romance querido – *A Casa de Pensão*. Um livro *importante*, gabava; um livro que revelava o grau de adiantamento da literatura brasileira, não deixando a desejar aos melhores dos escritores naturalistas portugueses. Este exagero do Zuza deve se levar à conta do ódio injusto que ele votava a tudo quanto cheirasse a lusitanismo.

O estudante, porém, nunca passara a vista sequer num romance de Eça ou numa crítica de Ramalho. – “Não queria, não podia tragar cousas que lhe provocassem vômitos”. Preferia um churrasco à baiana ao “tal” Sr. Camilo Castelo Branco, um sujeito inimigo do Brasil, que não perdia ocasião de nos ridicularizar. De Portugal, Camões exclusivamente, isso mesmo porque o grande épico era uma “glória universal”. Certas palavras tinham um encanto particular a seus ouvidos. Gostava de frases cheias e retumbantes. Os *Luzíadas*? eram uma *epopéia* com a boca cheia, acentuando muito o é. Uma obra de arte reconhecidamente boa era, a seu ver, uma *epopéia*, fosse qual fosse o gênero d’ela. – *O Cristo e a adúltera*, de Bernardelli? Uma *epopéia* nacional!

Começou a ler *A Casa de Pensão* em voz alta, em tom recitativo, pausadamente, repetindo frases inteiras, aplaudindo o romancista com entusiasmo, exclamando de vez em vez: “Bonito, seu Zuza”, como se fosse ele próprio o autor do livro. Depois, sacudindo o romance sobre a cadeira, levantou-se espreguiçando-se com estalinhos nas articulações, escancarando a boca num bocejo largo. Que horas seriam? O despertador de níquel marcava quatro e meia. Ó diabo! tinha-se descuidado. (Caminha, 1994, p. 60-1)

Zuza, filho do coronel Souza Nunes, é o representante de uma certa aristocracia, que busca no título de bacharel e nas relações sociais a afirmação de sua condição.

O futuro bacharel em leis, ou simplesmente o Zuza, como era conhecido em Fortaleza o filho do coronel Souza Nunes, passava uma vida regalada, usufruindo largamente a fortuna do pai avaliada em cerca de cem contos de réis. O coronel franqueava a burra ao filho com uma generosidade verdadeiramente paternal. Queria-o assim mesmo com todas as suas manias aristocráticas e afidalgadas, com os seus gestos elegantes, arrotando grandezas e bom gosto, tal qual o presidente da província de quem se dizia amigo. (Caminha, 1994, p.33)

No culto de uma personalidade aristocrática, Zuza procurava se espelhar no presidente da província, o doutor Castro, do qual se considerava amigo pessoal. “O Zuza dava-se muito com o presidente, que também pertencia a uma alta linhagem de fidalgos de São Paulo e fora educado na Europa: um rapagão alegre, amador de cavalos de raça, ilustrado e amigo de mulheres” (Caminha, 1994, p.34). Zuza não é o único que admira as qualidades do presidente; para José Pereira ele representava a imagem de um homem culto, era um verdadeiro *gentleman*.

Então falou-se do presidente, que José Pereira não perdia ocasião de elogiar exageradamente.

Um homem superior, gabava-se ele, um *gentleman*, um fidalgo de raça, uma dessas criaturas que a gente ficava querendo bem por toda a vida. Pois não! Excelente amigo, dedicado até, jogador de florete, sabendo montar a cavalo “divinamente” e atirando ao alvo com uma perfeição ultra! E que educação, que finíssima educação social! O homem falava francês como um parisiense, entendia inglês e tinha um modo excepcional de se portar em qualquer ocasião solene. Com tudo isso, acrescentava pigarreando, era muito bom democrata, sim senhores. Passeava sem ordenança, a pé; ia ao mercado pela manhã “ver aquilo” como qualquer plebeu, e jogava o bilhar na *Maison Moderne...* que queriam mais? D’um homem assim é que o Ceará precisava. Ele ali estava na pessoa do Castro. (Caminha, 1994, p.69)

Esta imagem, que ressalta suas qualidades, está presente em todos os momentos nos quais a figura do presidente é mencionada. Em uma visita à Escola Normal, Berredo manifesta sua admiração:

Dias depois o Berredo lecionava, como de costume, a seu bel-prazer, derreado na larga cadeira de espaldar, quando o contínuo, fazendo uma mesura, anunciou “S. Ex<sup>a</sup> o Sr. Presidente da Província”, e imediatamente assomou à porta da sala

o ilustre personagem, mostrando a esplêndida dentadura num sorriso fidalgo, com o peito da camisa deslumbrante de alvura, colarinhos muito altos e tesos, gravatas de seda cor de creme onde reluzia uma ferradura de ouro pulido, bigodes torcidos imperiosamente: um belíssimo tipo de sulista aristocrata. Estava um pouco queimado da viagem a Baturité.

O Berredo desceu logo do estrado a cumprimentá-lo com o seu característico aprumo d'homem que viajara a Europa. Todas as alunas ergueram-se. (Caminha, 1994, p.51)

Quando o doutor Castro é acometido de uma terrível enfermidade, Maria do Carmo fica preocupada com a sorte daquele homem, não se conformando com tão triste situação. Recorda-se das realizações do presidente, de seu empenho em tornar Fortaleza uma capital moderna e civilizada, e de sua marcante figura.

Maria do Carmo passou a noite nervosa com insônias, sentida com a doença do Dr. Castro, muito apreensiva.

Não podia se conformar com a idéia da morte do presidente, o homem da moda, o “querido das moças”, o grande amigo do Ceará, que tantos benefícios fizera a essa província, mandando construir açudes no sertão, reconstruindo o Passeio Público, ativando as obras do porto, facilitando a imigração, prodigalizando esmolos, e, finalmente introduzindo em Fortaleza certos costumes parisienses, como por exemplo, o sistema de passear a cavalo a chouto, de aprear a cauda aos animais de sela. Lembrava as qualidades pessoais do fidalgo paulista, o seu modo de falar num sotaque apertuguesado, muito moderado na conversação íntima, as suas maneiras delicadas, os seus dentes branquejando sob um bigode sedoso e bem tratado.<sup>52</sup> (Caminha, 1994, p.113-4)

O contraste criado pela figura deste *gentleman* paulista, representante dos costumes parisienses e do progresso, serve, até certo ponto, para reforçar o caráter provinciano daquela Fortaleza, que, segundo Zuza, não se aproximava sequer do Recife, a capital de Pernambuco, conhecida como a Veneza Americana.

Ali, sim, a gente pode viver, pode gozar. Muito progresso, muito divertimento: corridas de cavalos, uma sociedade papa-fina muitíssimo bem educada, magníficos arrabaldes, certo bom-gosto nas toilettes, nos costumes, certas comodidades que ainda não havia no Ceará... (Caminha, 1994, p.17)

Na Fortaleza que se faz de cenário para o romance, a Escola Normal ocupa um lugar especial, pois ali se operam algumas mudanças nos costumes locais. A

---

<sup>52</sup> Segundo nota do editor, Adolfo Caminha faz o retrato do ante-penúltimo presidente da então Província do Ceará, Antonio Caio da Silva Prado, falecido a 25 de maio de 1889, em Fortaleza, onde está seu túmulo. Cf. Caminha, 1994.

Escola será um espaço de convivência no qual as moças podem confabular e trocar experiências longe da vigilância familiar, assim como ter contato com obras que trazem modelos de comportamento que transgridem os padrões estabelecidos. Isto tudo faz com que alguns atribuam à Escola e às práticas que ela proporciona as responsabilidades pela degeneração moral que se observa entre as suas freqüentadoras. Para José Pereira:

Hoje não há que fiar em moças, pobres ou ricas. Todas elas sabem mais do que nós outros. Lêem Zola, estudam anatomia humana e tomam cerveja nos cafés. Então as tais normalistas, benza-as Deus, são verdadeiras doutoras de borla e capelo em negócio de namoros. Sei de uma que foi encontrada pelo professor de história natural a debuxar um grandíssimo falo com todos os seus apetrechos... (Caminha, 1994, p.56-7)

Em outro momento, Zuza comenta o namoro com Maria do Carmo, e atribui as “facilidades” obtidas com ela ao fato de ser uma normalista:

Tão boas as palestras ao meio-dia, na Escola Normal, enquanto as outras normalistas divertiam-se lá para dentro, à espera dos professores! Uma gatinha levada da breca, essas normalistas! Com que facilidade a Maria do Carmo, aliás, uma das mais comportadas, entregava-lhe a face para beijar e escrevia-lhe cartinhas perfumadas, cheias de juras e protestos de amor! Se fosse outro, até já podia ter feito uma asneira... Arrependia-se agora de não ter aproveitado os melhores momentos... Grandíssimo calouro! Podia ter desfructado a valer. (Caminha, 1994, p.105)

Este perigo de uma deformação moral, conseqüência de uma educação inadequada, pode também estar presente no interior das instituições religiosas. É o que pensa João da Mata:

Porque João da Mata dizia-se pensador livre; não acreditava em santos, e maldizia os padres. Jesus, na sua opinião, era uma espécie de mito, uma como legenda mística sem utilidade prática. Isso de colégios internos à guisa de conventos não se acomodava com o seu temperamento. Também fora professor, olé! e sabia muito bem o que isso era – “um coito de patifarias”. Queria a educação como nos colégios da Europa, segundo vira em certo pedagogo, onde as meninas desenvolvem-se física e moralmente como a rapaziada de calças, com uma rapidez admirável, tornando-se por fim excelentes mães de família, perfeitas donas de casa, sem a intervenção inquisitorial da Irmã de Caridade. Não compreendia (tacanhez de espírito embora) como pudesse instruir-se na prática indispensável da vida social uma criatura educada a toques de sineta, no silêncio e na sensorialidade de uma casa conventual entre paredes sombrias, com quadros alegóricos das *almas do purgatório* e das *penas do inferno*; com o mais lamentável desprezo de todas as prescrições higiênicas, sem ar nem luz, rezando noite e dia – “ora pró

*nobis, ora pró nobis*”. Era da opinião do José Pereira da *Província*: “Irmãs de Caridade foram feitas para hospitais”. O diabo é que no Ceará não havia colégios sérios. A instrução pública estava reduzida a meia dúzia de conventilhos: uma calamidade pior que a seca. O menino ou menina saía da escola sabendo menos que dantes e mais instruído em hábitos vergonhosos. As melhores famílias sacudiam as filhas no *Imaculada Conceição* como único recurso para não vê-las completamente ignorantes e pervertidas. (Caminha, 1994, p.16)

“Por amor de Deus” não falassem em padres. A educação moderna, a educação livre, sem intervenção da batina – eis o que ele queria e apregoava alto e bom som. (Caminha, 1994, p.17)

Ao maldizer os colégios internos controlados por freiras e padres, e apregoar uma educação moderna, livre e nos moldes europeus, se referindo a um certo “pedagogista”, João da Mata mostra a sua crença em um novo modelo de educação, que, gerado a partir dos princípios das ciências pedagógicas, corrigiria todas as deformações existentes.

Entraria em cena uma nova concepção do papel da educação escolar, vista como capaz de dar uma sólida formação intelectual e, assim, superar os desvios morais. Em um diálogo que acontece na sede da *Província*, do qual participam José Pereira, Castrinho e Elesbão, redatores do jornal, em que está em debate o caso Maria do Carmo e a educação feminina, Elesbão defende a idéia de que, por intermédio da educação, tais males poderiam ser prevenidos e evitados.

A sua opinião sobre o novo escândalo que preocupava agora a população cearense era que “nós ainda não tínhamos compreendido o importante papel da mulher na civilização”.

- A educação feminina, acrescentou com cansaços na voz, a educação feminina é um mito ainda não compreendido pelos corifeus da moderna pedagogia. (Caminha, 1994, p.128)

O amor tem suas exigências, incontestavelmente, mas, quando a mulher é bem educada e tem noções exactas da vida, dificilmente se entregará a qualquer mariola que se lhe chegue.

E sentenciosamente:

- Todo fenômeno é consequência de uma causa. Não há efeito sem causa. No caso vertente a causa é a falta de educação, a falta absoluta de quem saiba dirigir a mocidade feminina. A nossa educação doméstica é detestável, os nossos costumes são de um povo analfabeto. (Caminha, 1994, p.128-9)

Assim como Elesbão, Zuza também compartilha da opinião de que muito dos costumes daquela terra se devem ao fato de ali viver um povo que fora

devidamente educado. Em uma conversa com José Pereira, cobra uma atuação educativa da imprensa local.

Cada vez me convenço mais de que isso é uma terra selvagem, seu José Pereira! Isto é um país de bárbaros. Vocês da imprensa devem civilizar este povo, devem ensinar a esta gente a pensar e a ter juízo, do contrário... (Caminha, 1994, p.108)

Através de alguns trechos dispersos ao longo do romance, os quais aparecem na forma da expressão de opiniões das personagens, se constitui um debate, que chega a uma conclusão de certa forma apologética, da possibilidade de uma educação redentora, como elemento transformador da sociedade e propulsor do progresso. De um progresso que aquela cidade aguardava preguiçosamente.

A cidade permanecia na sua costumada quietação provinciana, muito cheia de claridade, bocejando preguiçosamente de braços cruzados, à espera do Progresso. Suava-se por todos os poros e respirava-se a custo, debaixo d'uma atmosfera equatorial, acabrunhadora. Estalava à distância, num ritmo cadenciado e monótono, o canto estridente e metálico d'uma araponga, cujo eco repercutia em todo o âmbito da pequena capital cearense. (Caminha, 1994, p.58-9)

Talvez seja por isso que a regeneração da Escola Normal, pautada nos ditames das ciências pedagógicas, se dará em um momento muito especial, de transformação política do país – a proclamação da República.

O programa era outro, mais extenso, mais amplo, dividido metodicamente em *educação física, educação intelectual, educação nacional ou cívica, educação religiosa...* pelos moldes de H. Spencer e Pestalozzi; o horário das aulas tinha sido alterado, havia uma escola anexa de aplicação, estava tudo mudado! [...]

A esse tempo um grande acontecimento preocupava toda a cidade. Lia-se na seção telegráfica da *Província* as primeiras notícias sobre a proclamação da república brasileira. Dizia-se que o barão de Ladário tinha sido morto à pistola por um oficial de linha, na Praça da Aclamação, e que o imperador não dera uma palavra ao saber dos acontecimentos, em Petrópolis.

O Ceará estremecia a esses boatos. (Caminha, 1994, p.135-6)

## Duas escolas

A leitura de *O Ateneu* e *A Normalista* nos revela um conjunto de referências sob as quais a escola e a vida escolar foram representadas pela literatura do final do século XIX. Nestes romances, o ambiente e o cotidiano escolar fazem parte da vida das personagens. Sendo assim, aparecem elementos que são próprios dos programas e das atividades de ensino, havendo referências ao ensino das “ciências naturais”, assim como aos aparelhos e outros dispositivos que estão relacionados com esta disciplina.

Em *A Normalista*, Maria do Carmo reclama da ausência de um ensino que ultrapasse a simples exposição dos pontos, já que naquela escola todo o conjunto de aparelhos de química e física, disponibilizados para as aulas de ciências físicas naturais, estavam em estado de completo abandono.

Já em *O Ateneu*, Sérgio ao citar os muitos instrumentos e dispositivos que o colégio possui, alguns em uso, como os maquinismos do ensino astronômico, outros compondo a paisagem do colégio, como as figuras de geometria, os aparelhos de cosmografia, as cartas murais, as gravuras, as ilustrações zoológicas, as cartas iconográficas e as peças anatômicas, mostra que todo este conjunto está associado à modernidade pedagógica que o colégio procurava demonstrar.

*Ateneu* era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de *reclamé*, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa; o *Ateneu* desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios. (Pompéia, 1992, p.15)

Enquanto o colégio Ateneu demonstra uma “certa modernidade”, fazendo uso e colocando em evidência todos os seus equipamentos, a Escola Normal, ao deixar os seus no abandono, e não possuir outros que se fazem necessários, se afasta desta modernidade. Neste ponto há uma confluência sobre o significado dos dispositivos – representam a modernidade pedagógica.

Já na relação que Sérgio e Maria do Carmo estabelecem com o conhecimento, os impressos aparecem como elemento de formação e de intermediação com determinados saberes. Anunciando-se como portadores do conhecimento (científico

em alguns casos), textos de caráter educativo e informativo servirão para saciar a curiosidade em temas e questões considerados impróprios a meninos e moças. É através da leitura da *Fisiologia do Matrimônio* que Maria do Carmo irá conhecer os segredos da gravidez, e será nas “leituras de dicionário” que Sérgio tomará contato com “coisas nunca sonhadas”.

As leituras, de um modo geral, ocupam um lugar de grande importância na formação de Sérgio e Maria do Carmo. Embora os significados nem sempre sejam os mesmos, os livros são companheiros em momentos de introspecção, acalentam sonhos, permitem alçar vôos e ter contato com realidades que lhes são estranhas. Enquanto Maria do Carmo se encanta com a vida burguesa e as aventuras amorosas descritas em *O Primo Basílio*, Sérgio viaja através das aventuras narradas por Júlio Verne.

O ambiente escolar e suas cercanias é um espaço de circulação de obras literárias e outros impressos. Circulação que foge ao crivo do controle escolar, o que torna possível que obras consideradas impróprias à “boa formação” dos meninos e das moças circulem de mão em mão. Tais leituras permitem o contato com idéias e fatos, que não fazem parte das questões tratadas no âmbito da educação escolar e familiar.

Embora existam muitas diferenças, se optarmos por uma leitura que busque identificar as práticas escolares e, em especial, os processos de formação pelos quais passam Sérgio e Maria do Carmo, encontraremos em *O Ateneu* e *A Normalista* muitas similaridades, principalmente nas formas pelas quais a experiência escolar se materializa.

Nas vivências que são próprias da escola, como o que acontece em sala de aula, observa-se nos dois casos que a afinidade por determinada área do conhecimento passa muito mais pela forma como a disciplina é apresentada do que propriamente pelo seu conteúdo. Sérgio se encanta com a astronomia ministrada por Aristarco, e Maria do Carmo, pelas aulas de geografia dadas por Berredo. A destacada atuação dos mestres produz uma atração pela disciplina que ministram.

Sérgio manterá uma relação conflituosa com Aristarco, na qual a decepção também está presente. Mas na aula de astronomia, Aristarco o encanta com suas exposições, sua empolgação e a forma mágica como trabalha os temas do curso. Já

Maria do Carmo, se encanta com a eloquência de Berredo, sua facilidade em prender a atenção do auditório e a forma peculiar de conduzir as alunas por meio daquela matéria.

Nos dois casos, a relação com o conhecimento, que se constrói no processo de formação, não se desprende das outras dimensões que esta possui, isto é, a de ser uma formação moral, sentimental e intelectual.

## **4 Perigos da Leitura**



## Alienação

- Sabe de uma cousa, general?
  - O que é?
  - O Quaresma está doido.
  - Mas... o que? Quem foi que te disse?
  - Aquele homem do violão. Já está na casa de saúde...
  - Eu logo vi, disse Albernaz, aquele requerimento era de doido.
  - Mas não é só, general, acrescentou Genelício. Fez um ofício em tupi e mandou ao ministro.
  - É o que eu dizia, fez Albernaz.
  - Quem é? perguntou Florêncio.
  - Aquele vizinho, empregado do Arsenal; não conhece?
  - Um baixo, de *pince-nez*?
  - Este mesmo, confirmou Caldas.
  - Nem se podia esperar outra cousa, disse o doutor Florêncio. Aqueles livros, aquela mania de leitura...
  - Pra que ele lia tanto? indagou Caldas.
  - Telha de menos, disse Florêncio.
- Genelício atalhou com autoridade:
- Ele não era formado, para que meter-se em livros?
  - É verdade, fez Florêncio.
  - Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores, observou Sigismundo.
  - Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título “acadêmico” ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?
  - Decerto, disse Albernaz.
  - Decerto, fez Caldas.
  - Decerto, disse também Sigismundo. (Lima Barreto, s.d., p.35)

Genelício, funcionário público carreirista; doutor Florêncio, engenheiro empregado público, cujos “anos e o sossego da vida lhe tinham feito perder todo o saber que porventura pudesse ter tido ao sair da escola”; Albernaz, general reformado, que se vangloriava de, há bem quarenta anos, não pegar em um livro; julgam, segundo suas convicções e valores, os comportamentos e o destino de Quaresma. “Pra que ele lia tanto?”

Quaresma é aquele que “não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo” (Lima Barreto, s.d., p.11). No seu recolhimento, “vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros”. Homem de “hábitos burocráticos”, fazia uso dos seus livros no recolhimento do lar – “aconteciam que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se-iam ver as estantes pejadas de cima abaixo” (Lima Barreto, s.d., p.11).

O fato de um simples funcionário público possuir tantos livros causava certos incômodos:

Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!” (Lima Barreto, s.d., p.11)

Era na biblioteca que passava a maior parte do seu tempo, “sentado na cadeira de balanço, bem ao centro da sua biblioteca”. Mas a leitura e os seus estudos iam além das horas de descanso, preenchiam todo o seu tempo disponível - “durante os lazes burocráticos estudou”. Já nos períodos de férias, “enchia os dias da forma mais útil e agradável às necessidades do seu espírito e temperamento”, dedicando-os à leitura:

Havia bem dez dias que o Major Quaresma não saía de casa.[...] De manhã, depois do *toilette* e do café, sentava-se no divã da sala principal e lia os jornais. Lia diversos [...]. Os seus hábitos burocráticos faziam-no almoçar cedo [...]. Após uma hora ou menos, voltava à biblioteca [...]. (Lima Barreto, s.d., p.19)

E o que lia o major? Quaresma era um patriota, e suas leituras estavam voltadas ao conhecimento de tudo que dissesse respeito ao seu país e a sua gente.

Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor: o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa. (Lima Barreto, s.d., p.13)

Tomando os livros como o caminho para conhecer a sua pátria, Quaresma “estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política” (Lima Barreto, s.d., p.14). Foi nesta busca que constituiu a sua biblioteca: na ficção lia apenas os autores nacionais, mas nas ciências, todos aqueles que estudaram e escreveram sobre as “riquezas e as grandezas” do Brasil e do seu povo:

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da *Prosopopéia*; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além

de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do Major.

De História do Brasil, era farta a messe: cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; e Rocha Pita, Frei Vicente Salvador, Armitage Aires do Casal, Pereira da Silva, Handelmann (*Geschichte von Brasilien*). Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto Magalhães e se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigaffeta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente.

Além destes, havia livros subsidiários: dicionários, manuais, enciclopédias, compêndios, em vários idiomas. (Lima Barreto, s.d., p.13)

Mas os livros não são a única fonte de Quaresma, e ele não se vale apenas da leitura. Como um homem de ciência, ele também faz as suas anotações e monta um arquivo com os dados colhidos. Isto faz parte do seu dia-a-dia. Numa certa manhã, vamos encontrá-lo lendo os jornais diários: “lia diversos, porque sempre esperava encontrar num ou noutro uma notícia curiosa, a sugestão de uma idéia útil à sua cara pátria”. Saía dos jornais e, algum tempo depois do almoço e de algumas voltas pela chácara, “voltava à biblioteca e mergulhava nas revistas do Instituto Histórico, no Fernão Cardim, nas Cartas de Nóbrega, nos anais da Biblioteca, no von den Stein e tomava notas sobre notas, guardando-as numa pequena pasta ao lado”. (Lima Barreto, s.d, p.19).

Quaresma também queria conhecer a cultura do povo, e chama a sua casa um tocador de violão para lhe ensinar a tocar algumas modinhas. Para ele, a “modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão o instrumento que ela pede”. Depois vai atrás de uma preta velha para que esta lhe ensine umas cantigas de antigamente. O seu outro interesse era a língua e a cultura dos índios, pois queria resgatar sua cultura, já que acreditava que ali residia o espírito da pátria:

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a “Aurora, com seus dedos rosados abrisse caminho ao louro Febo”, ele se atracava até ao almoço com o Montoya, *Arte y diccionario de la lengua guaraní ó más bien tupí*, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. (Lima Barreto, s.d., p.14)

Estudava os índios. Não fica bem dizer que estudava, porque já o fizera há tempos, não só no tocante à língua, que já falava, como também nos simples aspectos etnográficos e antropológicos. Recordava (é melhor dizer assim),

afirmava certas noções dos seus estudos anteriores, visto estar organizando um sistema de cerimônias e festas que se baseasse nos costumes dos nossos silvícolas e abrangesse todas as relações sociais. (Lima Barreto, s.d., p.19)

Havia uma sintonia entre os desejos patrióticos de Quaresma, suas leituras e os estudos que empreendia. Toda esta dedicação o fez crer na grandeza de seu país e na possibilidade de contribuir na construção de uma grande nação.

Para bem se compreender o motivo disso, é preciso não esquecer que o major, depois de trinta anos de meditação patriótica, de estudos e reflexões, chegava agora ao período da frutificação. A convicção que sempre tivera de ser o Brasil o primeiro país do mundo e o seu grande amor à pátria, eram agora ativos e impeliram-no a grandes cometimentos. Ele sentia dentro de si impulsos de agir, de obrar e de concretizar suas idéias. Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesma (era a sua opinião), a grande pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra. (Barreto, s.d., p.19)

Quando resolve ir além das leituras, colocando em ação as idéias e os desejos que estas despertaram, Quaresma, como cidadão consciente dos seus direitos, escreve um requerimento ao presidente da Câmara propondo uma mudança na Constituição. Torna públicas suas idéias, e cai em desgraça.

Mas o que Quaresma fez de tão grave? A sua passagem de esquisito para louco se dá a partir do momento em que ele, imbuído dos mais altos sentimentos patrióticos, escreve o requerimento ao presidente da Câmara no qual: “usando dos direitos que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro” (Lima Barreto, s.d., p.36). Tal fato chega à imprensa como uma grande piada, Quaresma é ridicularizado e torna-se alvo de todo o tipo de pilhéria.

Assinado e devidamente estampilhado, este requerimento do major foi durante dias assunto de todas as palestras. Publicado em todos os jornais, com comentários facetos, não havia quem não fizesse uma pilhéria sobre ele, quem não ensiasse um espírito à custa da lembrança de Quaresma. Não ficaram nisso; a curiosidade malsã quis mais. Indagou-se quem era, de que vivia, se era casado, se era solteiro. Uma ilustração semanal publicou-lhe a caricatura e o major foi apontado na rua.

Os pequenos jornais alegres, esses semanários de espírito e troça, então! eram de um encarniçamento atroz com o pobre major. Com uma abundância que marcava a felicidade dos redatores em terem encontrado um assunto fácil, o texto vinha cheio dele: o Major Quaresma disse isso; o Major Quaresma fez aquilo. (Barreto, s.d., p.37)

A expressão pública dos seus desejos coloca Quaresma em contato com algo que até então lhe era estranho – o mundo dos homens, pois toda esta exposição era estranha àquele homem que até então vivia recluso, longe das lutas e dos desafetos de uma vida pública.

Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquirira uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor causa. Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, não conhecia ninguém; e, com as pessoas com quem falava, trocava pequenas banalidades, ditos de todo o dia, cousas com que a sua alma e o seu coração nada tinham que ver. [...]

Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições, pois nada dessas cousas que fazem os ódios e as lutas tinha entrado no seu temperamento.

Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a candura e a pureza d'alma que vão habitar esses homens de uma idéia fixa, os grandes estudiosos, os sábios, e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas. (Lima Barreto, s.d., p.37)

Constrangido e magoado, ferido nos seus mais íntimos sentimentos, Quaresma se descontrola e, num momento de distração e confusão, acaba transcrevendo um ofício em tupi.

Se o requerimento o coloca na berlinda e lhe traz uma notoriedade negativa, o ofício, por ser um documento administrativo, e, estando ele no cumprimento das suas funções, portanto, obrigado a obedecer ao regimento que estabelece as regras do seu cargo, gera motivos para o seu chefe afastá-lo a bem do serviço público.

O afastamento, entretanto, não é somente uma queda, uma quebra do invólucro. A discussão com o diretor do Arsenal, no momento em que é chamado para explicar aquele ofício redigido em tupi, explicita quais foram as hierarquias quebradas por Quaresma.

- Quem escreveu isso?
- Fui eu.
- Então confessa?
- Pois não. Mas Vossa Excelência não sabe...
- Não sabe! que diz?

O diretor levantou-se da cadeira, com os lábios brancos e a mão levantada à altura da cabeça. Tinha sido ofendido três vezes: na sua honra individual, na honra de sua casta e na do estabelecimento de ensino que freqüentara, a

escola da Praia Vermelha, o primeiro estabelecimento científico do mundo. Além disso escrevera no Pritaneu, a revista da escola, um conto – “A saudade” – produção muito elogiada pelos colegas. Dessa forma, tendo em todos os exames plenamente e distinção, uma dupla coroa de sábio e artista cingia-lhe a fronte. Tantos títulos valiosos e raros de se encontrarem reunidos mesmo em Descartes ou Shakespeare, transformavam aquele – não sabe – de amanuense em ofensa profunda, em injúria.

- Não sabe! Como é que o senhor ousa dizer-me isto! Tem o senhor porventura o curso de Benjamin Constant? Sabe o senhor Matemática, Astronomia, Física, Química, Sociologia e Moral? Como ousa então? Pois o senhor pensa que por ter lido uns romances e saber um francesinho aí, pode ombrear-se com quem tirou grau 9 em Cálculo, 10 em Mecânica, 8 em Astronomia, 10 em Hidráulica, 9 em Descritiva? Então?!

E o homem sacudia furiosamente a mão e olhava ferozmente para Quaresma que já se julgava fuzilado.

- Mas, senhor coronel...

- Não tem mas, não tem nada! Considere-se suspenso, até segunda ordem. (Lima Barreto, s.d., p.42)

Não suportando toda esta situação, entra em crise e é internado num hospício. Ali passará alguns meses. Quando sai, já está aposentado do serviço público.

Embora magoado, Quaresma não perde a confiança no seu país e nos livros. Depois de sair do hospício e passar algum tempo envolvido pela tristeza do manicômio, se entusiasma com a sugestão dada por Olga, sua afilhada - ir viver no campo. Retoma o seu ânimo, pois acredita que lá estabelecerá uma nova relação com a sua terra e o seu povo. Já que as terras são tão férteis e o clima tão bom, por que não produzir? No diálogo com a afilhada fala de suas esperanças e faz planos:

- É verdade, minha filha. Que magnífica idéia, tens tu! Há por aí tantas terras férteis sem emprego... A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo... O milho pode dar até duas colheitas e quatrocentos por um... [...]

- Vou fazer o que tu dizes: plantar, criar, cultivar o milho, o feijão, a batata-inglesa... Tu irás ver as minhas culturas, a minha horta, e meu pomar – então é que te convencerás como são fecundas as nossas terras! (Lima Barreto, s.d., p.53)

No campo, será nos compêndios científicos e técnicos que Quaresma buscará orientar sua prática. Como um homem de ciência, fez um inventário das espécies, transformando seus registros num museu de história natural:

O major logo organizou um museu dos produtos naturais do “Sossego”. As espécies florestais e campestres foram etiquetadas com os seus nomes vulgares, e quando era possível com os científicos. Os arbustos, em herbário, e as madeiras, em pequenos tocos, seccionados longitudinal e transversalmente.

Os azares de leituras tinham-no levado a estudar as ciências naturais e o furor autodidata dera a Quaresma sólidas noções de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia.

Não foram só os vegetais que mereceram as honras de um inventário; os animais também, mas como ele não tinha espaço suficiente e a conservação dos exemplares exigia mais cuidado, Quaresma limitou-se a fazer o seu museu no papel, por onde sabia que as terras eram povoadas de tatus, cutias, preás, cobras variadas, saracuras, sanãs, avinhados, coleiros, tiês, etc. A parte mineral era pobre, argilas, areia e, aqui e ali, uns blocos de granito esfoliando-se.

Acabado esse inventário, passou duas semanas a organizar a sua biblioteca agrícola e uma relação de instrumentos meteorológicos para auxiliar os trabalhos da lavoura.

Encomendou livros nacionais, franceses, portugueses; comprou termômetros, barômetros, pluviômetros, higrômetros, anemômetros. Vieram estes e foram arrumados e colocados convenientemente. (Lima Barreto, s.d., p. 55)

Munido de todo este arsenal, Quaresma lutará na tentativa de transformar o sítio Sossego em uma propriedade produtiva, pois esperava dessa forma contribuir para a grandeza do seu país. Mas a pobreza do solo, o ataque constante das saúvas, a indolência dos empregados e as dificuldades de comercialização vão aos poucos minando os seus planos. Com o passar do tempo, o ideal de tornar aquela propriedade um modelo de produção vai se consumindo, e todos aqueles equipamentos vão sendo esquecidos e passam a compor o cenário de abandono daquelas terras.

Esta idéia de buscar uma prática fundamentada nos ditames da ciência – ou melhor, dos livros, acompanha-o também na sua próxima e derradeira empreitada. Depois de algum tempo vivendo no sítio Sossego, Quaresma recebe a notícia de um levante na capital – “A República estava em perigo!” Imediatamente se coloca à disposição das forças leais a Floriano, e parte para o Rio. Ao ser destacado para cumprir funções militares, precisava conhecer os princípios e as ciências necessárias ao exercício das suas novas atribuições, primeiro na artilharia e depois na infantaria. Será nos livros que o major Quaresma irá buscar apoio.

O major está no interior da casa que serve de quartel, lendo. O seu estudo predileto é agora artilharia. Comprou compêndios; mas, como sua instrução é insuficiente, da artilharia vai à balística, da balística à mecânica, da mecânica ao cálculo e à geometria analítica; desce mais a escada; vai à trigonometria, à geometria e à álgebra e à aritmética. Ele percorre essa cadeia de ciências entrelaçadas com uma fé de inventor. Aprende uma noção elementaríssima pós um rosário de consultas, de compêndio em compêndio; e leva assim aqueles dias de ócio guerreiro enfronhado na matemática, nessa matemática rebarbativa e hostil aos que já não são mais moços.

Há no destacamento um canhão Krupp, mas ele nada tem a ver com o mortífero aparelho; contudo, estuda artilharia. (Barreto, s.d., p.104)

Percebeu que era impossível obter a licença e também necessário mudar os seus estudos: da artilharia, tinha que passar para a infantaria. [...] Correu a uma livraria e comprou livros sobre infantaria; precisava também dos regulamentos: arranjaria no quartel-general. (Lima Barreto, s.d., p.117)

Participando dos combates, assistindo à crueldade da batalha e ao desenrolar da revolta, Quaresma começa a questionar a validade de tudo aquilo; começa a se sentir enganado pelos seus heróis, pelas suas verdades e, talvez, pelos seus livros. Nos combates assiste a uma transformação aterradora - dos homens em feras. Numa carta à irmã, faz o seguinte desabafo:

Que combate, minha filha! Que horror! Quando me lembro dele, passo as mãos pelos olhos como para afastar uma visão má. Fiquei com horror à guerra que ninguém pode avaliar... Uma confusão, um infernal zunir de balas, clarões sinistros, imprecações – e tudo isso no seio da treva profunda da noite... Houve momentos que se abandonaram as armas de fogo: batíamos à baioneta, a coronhadas, a machado, a facão. Filha: um combate de trogloditas, uma cousa pré-histórica... Eu duvido, eu duvido, duvido da justiça disso tudo, duvido da razão de ser, duvido que seja certo e necessário tirar do fundo de nós todos a ferocidade adormecida, aquela ferocidade que se fez e se depositou em nós nos milenários combates com as feras, quando disputávamos a terra a elas... Eu não vi homens de hoje, vi homens de Cro-Magnon, do Neanderthal armados com machados de sílex, sem piedade, sem amor, sem sonhos generosos, a matar, a matar, sempre a matar... (Lima Barreto, s.d., p.124)

As decepções de Quaresma, que vão se construindo a partir dos embates a que é exposto ao longo da vida – primeiro como o cidadão que, ao procurar exercer os seus direitos constitucionais, acaba no hospício; depois com as agruras do campo e, finalmente, no campo de batalha –, mostram o distanciamento que existe entre o mundo que conhecera através dos livros e a realidade.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a sua felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das cousas de tupi, do folk-lore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa

gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. (Lima Barreto, s.d., p.130-1)

Mas apesar de tudo, de todos os reveses e decepções, Quaresma não perde a sua capacidade de se indignar, e é justamente por isso que entra em choque com o poder estabelecido e sela o seu trágico destino. Ao presenciar uma cena grotesca, na qual alguns revoltosos que estão presos sob a sua guarda são escolhidos a esmo e levados para a morte, escreve uma carta a Floriano, mostrando sua revolta e indignação:

Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados, a sair assim a desoras, escolhidos a esmo, para uma carnificina distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiara a sua coragem moral e a sua solidariedade humana; e ele escrevera a carta com veemência, com paixão, indignado. Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franca e nitidamente. (Lima Barreto, s.d., p.130)

Esta carta o leva à prisão, e ali percebe que a pátria que sempre sonhou, aquela descrita pelos seus livros, não existia. Aquele seria o seu fim.

A tragédia de Quaresma é mediada pela sua relação com a leitura e a escrita; é a história de alguém que acredita e leva às últimas conseqüências as verdades que encontra nos livros. A sua pátria é “um fantasma criado no silêncio do seu gabinete”, mas não é fruto de um delírio. Esta pátria está ali, em sua biblioteca, é o conjunto das imagens produzidas sobre o seu país pela literatura, pelas obras científicas, pela história. Até que Quaresma deixe o seu gabinete, ela é real, e ele, o seu porta-voz.

Pois foi fundamentalmente através dos livros que se formou o patriota Quaresma. Absorvido pelo patriotismo, pelo amor à pátria na mocidade – como nessas paixões que tomam os corações e as mentes dos jovens –, sente a necessidade de conhecê-la melhor. Seu “furor autodidata” leva-o aos estudos que absorvem mais de duas décadas da sua vida. Assim, acompanhar a trajetória de Quaresma, significa conhecer um programa de formação – a formação do patriota. Programa no qual a ciência ocupará um lugar especial.

Ciência esta que acreditou, mas também viu sendo usada como argumento para as atrocidades das quais foi testemunha:

Em nome do Marechal Floriano, qualquer oficial, ou mesmo cidadão, sem função pública alguma, prendia e ai de quem caía na prisão, lá ficava

esquecido, sofrendo angustiosos suplícios de uma imaginação dominicana. Os funcionários disputavam-se em bajulação, em servilismo... Era um terror, um terror baço, sem coragem, sangrento, às ocultas, sem grandeza, sem desculpa, sem razão e sem responsabilidades... Houve execuções; mas não houve nunca um Fourquier-Tinville.

Os militares estavam contentes, especialmente os pequenos, os alferes, os tenentes e os capitães. Para a maioria a satisfação vinha da convicção de que iam estender a sua autoridade sobre o pelotão e a companhia, a todo esse rebanho de civis; mas, em outros muitos havia sentimento mais puro, desinteresse e sinceridade. Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo hipócrita, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassínios, todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz ele, ao progresso e também ao advento do regimen normal, a religião da humanidade, a adoração do grão-fetichismo, com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso, enfim, com inscrições em escritura, fonética e eleitos calçados com sapatos de sola de borracha!...

Os positivistas discutiam e citavam teoremas de mecânica para justificar as suas idéias de governo, em tudo semelhante aos canatos e emirados orientais. A matemática dos positivistas foi sempre um puro falatório que, naqueles tempos, amedrontava toda a gente. Havia mesmo quem estivesse convencido que a matemática tinha sido feita e criada para o positivismo, como se a Bíblia tivesse sido criada unicamente para a Igreja Católica e não também para a Anglicana. O prestígio dele era, portanto, enorme. (Lima Barreto, s.d., p.89)

A ordem justifica o terror, e há uma ciência que justifica a ordem, que constitui um credo, um grão-fetichismo, a religião da humanidade. A perplexidade de Policarpo Quaresma diante do terror instaurado pela república de Floriano é um ponto de inflexão em sua vida. Patriota, vivendo entre livros, o major Policarpo Quaresma será vítima de suas crenças e de sua perplexidade. Se, até aquele momento, o major acreditou nos poderes regeneradores e provedores do progresso das ciências, ao ver as matemáticas e os teoremas de mecânica servindo como justificativa para a instauração de um regime de terror, suas verdades se desvanecem.

### **Tibieza**

Se, em suas batalhas, Quaresma se vê derrotado, há outros que são vitoriosos, muito embora suas lutas e seus ideais não sejam os mesmos. Almejando a ascensão social, profissional e econômica, buscarão no reconhecimento enquanto ilustres portadores do saber os méritos que lhes proporcionarão alcançar os seus objetivos.

Genelício, o “giboso”, faz carreira no serviço público. Sua ascensão, dentro da repartição em que trabalha, vai sendo conquistada por meio de um conjunto de estratégias que coloca em prática para conseguir se destacar e obter benefícios dos seus superiores. Ainda na fase de namoro com uma das filhas do general Albernaz, já era bem visto por todos, que o consideravam um “rapaz de futuro”.

Empregado do Tesouro, já no meio da carreira, moço de menos de trinta anos, ameaçava ter grande futuro. Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele. Nenhum pudor, nenhuma vergonha! Enchia os chefes de todo o incenso que podia. Quando saía, remancheava, lavava três ou quatro vezes as mãos, até poder apanhar o diretor na porta. Acompanhava-o, conversava com ele sobre o serviço, dava pareceres e opiniões, criticava este ou aquele colega, e deixava-o no bonde, se o homem ia para a casa. Quando entrava um ministro, fazia-se escolher como intérprete dos companheiros e deitava um discurso; nos aniversários de nascimento, era um soneto que começa sempre por - “Salve”- e acabava também por - “Salve! Três vezes Salve!”

O modelo era sempre o mesmo; ele só mudava o nome do ministro e punha a data.

No dia seguinte, os jornais falavam do seu nome, e publicavam o soneto.

Em quatro anos, tinha tido duas promoções e agora trabalhava para ser aproveitado no Tribunal de Contas, a se fundar, num posto acima. (Lima Barreto, s.d., p.34)

Mas a estratégia de Genelício não era apenas a da bajulação, ele precisava também construir sobre si uma aura de saber, e foi justamente nas publicações que encontrou o expediente adequado. O mesmo Genelício que reprova os hábitos de leitura de Quaresma bradando: “Ele não era formado, para que meter-se em livros?”, fará uso das publicações, e com isto impressionará colegas e superiores.

No intuito de anunciar aos ministros e diretores que tinha uma erudição superior, de quando em quando desovava nos jornais longos artigos sobre contabilidade pública. Eram meras complicações de bolorentos decretos, salpicadas aqui e ali com citações de autores franceses ou portugueses.

Interessante é que os companheiros o respeitavam, tinham em grande conta o seu saber e ele vivia na secção cercado de respeito de um gênio, um gênio do papelório e das informações. Acresce que Genelício juntava à sua segura posição administrativa, um curso de direito a acabar; e tantos títulos juntos não podiam deixar de impressionar... Fora da repartição, tinha um empertigamento que o seu pobre físico fazia cômico, mas que a convicção do alto auxílio que prestava ao Estado, mantinha e sustentava. Um empregado modelo! (Lima Barreto, s.d., p.34)

Depois dos artigos de jornal parte para a publicação de um livro, que será decisivo na sua ascensão profissional:

De fato, Genelício tinha arranjado a transferência e não fora só isso que o decidira a casar-se. Tendo escrito uma - *Síntese de Contabilidade Pública Científica* - viu-se, sem saber como, cumulado de elogios pela “imprensa desta capital”. O ministro, atendendo ao mérito excepcional da obra, mandou-lhe dar dous contos de prêmio, tendo sido a edição feita à custa do Estado, na Imprensa Nacional. Era um grosso volume de quatrocentas páginas, tipo doze, escrito em estilo de ofício, com uma basta documentação de decretos e portarias, ocupando dous terços do livro.

A primeira frase da primeira parte, o quinhão do livro verdadeiramente sintético e científico, fora até muito notada e gabada pelos críticos, não só pela novidade da idéia, como também pela beleza da expressão.

Dizia assim: “A contabilidade Pública é a arte ou ciência de escriturar convenientemente a despesa e receita do Estado”.

Além do prêmio e da transferência, ele já tinha promessa de ser subdiretor na primeira vaga. (Lima Barreto, s.d., p.64)

Para Genelício, escrever um livro significou a glória, mesmo sendo a sua obra recheada de compilações, e da qual se comentou apenas a primeira frase.

Outro que buscará o reconhecimento enquanto homem de saber, através das publicações de livros e artigos, é doutor Armando Borges. Médico, de poucas virtudes intelectuais, mas de grande ambição, sua ascensão passa pelo casamento com Olga, filha de Coleoni, um imigrante italiano que chegou aqui sem nada e fez fortuna. Pai dedicado, queria dar à única filha do bom e do melhor, inclusive no casamento:

- Ela quer um doutor – pensava ele – que arranje! Com certeza não terá ceutil, mas eu tenho e as cousas se acomodam.

Ele se havia habituado a ver no doutor nacional, o marquês ou o barão de sua terra natal. Cada terra tem sua nobreza; lá, é visconde; aqui, é doutor, bacharel ou dentista; e julgou muito aceitável comprar a satisfação de enobrecer a filha com umas meias dúzias de contos de réis. (Lima Barreto, s.d., p.39)

Assim se fez o casamento, Olga teve o seu marido com “título de nobreza”, e o doutor Armando, a riqueza da esposa.

O marido é que estava contente. Não seria muito com a noiva, mas com a volta que a sua vida ia tomar. Ficando rico e sendo médico, cheio de talento nas notas e recompensas escolares, via diante de si uma larga estrada de triunfos nas posições e na indústria clínica. Não tinha fortuna alguma, mas julgava o seu banal título um foral de nobreza, equivalente àqueles com que os autênticos fidalgos da Europa brunem o nascimento das filhas dos salchicheiros yankees. Apesar de ser seu pai um importante fazendeiro por aí, em algum lugar desse Brasil, o sogro lhe dera tudo e tudo ele aceitara sem pejo, com desprezo de um duque, duque de plenamentos e medalhas, a

receber homenagens de um vilão que não roçou os bancos da “academia”. (Lima Barreto, s.d., p.67-8)

Para Olga o casamento não teve o mesmo sentido, pois os títulos do marido não lhe eram tão importantes assim, tivera alguns encantos no início do noivado, mas tudo se desfez rapidamente.

Julgava que a noiva o aceitara pelo seu maravilhoso título, o pergaminho; é verdade que foi, não tanto pelo título, mas pela sua simulação de inteligência, de amor à ciência, de desmedidos sonhos de sábio. Tal imagem que dele fizera, durara instantes em Olga; depois foi a inércia da sociedade, a sua tirania e a timidez natural da moça em romper que a levaram ao casamento. Tanto mais que ela, de si para si, pensava que se não fosse este, seria outro a ele igual, e o melhor era não adiar. (Lima Barreto, s.d., p.68)

Se, para Olga, a figura do sábio não se sustentou, para os demais ela se manteve e o doutor Armando prezava em cultivá-la. Em todas as situações em que se apresentava, fazia o devido uso de todos os símbolos que dessem sustentação a esta imagem. Quando faz uma visita ao sítio de Quaresma:

Dona Adelaide, mulher velha, do tempo em que o Império armava essa nobreza escolar, possuía em si uma particular reverência, um culto pelo doutorado; e não lhe foi, pois, difícil demonstrá-lo, quando se viu diante do doutor Armando Borges, de cujas notas e prêmios ela tinha exata notícia.

Quaresma mesmo recebeu-o com as maiores marcas de admiração e o doutor, gozando aquele seu sobre-humano prestígio, ia conversando pausadamente, sentenciosamente, dogmaticamente; e, à proporção que conversava, talvez para que o efeito não se dissipasse, virava com a mão direita o grande anelão “simbólico”, o talismã, que cobria a falange do dedo indicador esquerdo, ao jeito de marquise. (Lima Barreto, s.d., p.73)

Mas este reconhecimento não era suficiente, o doutor Armando tinha outras ambições, desejava cargos, nomeações: “Queria ter um cargo oficial, médico, diretor ou mesmo lente da faculdade” (Lima Barreto, s.d., p.90). Para se tornar conhecido, fazia-se valer das amizades que tinha nas redações dos jornais, nos quais publicava folhetos e artigos.

De quando em quando, publicava um folheto. O Cobreiro, Etiologia, Profilaxia e Tratamento ou Contribuição para o Estudo da Sarna no Brasil; e, mandava o folheto, quarenta e sessenta páginas, aos jornais que se ocupavam dele duas ou três vezes por ano; o “operoso doutor Armando Borges, o ilustre clínico, o proficiente médico dos nossos hospitais”, etc., etc.

Obtinha isso graças à precaução que tomara em estudante de se relacionar com os rapazes da imprensa.

Não contente com isso escrevia artigos, estiradas compilações, em que não havia nada de próprio, mas ricos de citações em francês, inglês e alemão. (Lima Barreto, s.d., p.90)

Das ambições do doutor Armando, a maior delas era se tornar lente da faculdade, “o concurso porém, metia-lhe medo. Tinha elementos, estava bem relacionado e cotado na congregação, mas aquela história de argüição apavorava-o” (Lima Barreto, s.d., p.90). Sendo essa uma de suas fraquezas, procurava compensá-la construindo a imagem pública de grande estudioso, do homem dedicado aos livros. Além das publicações, do anel de doutor, transforma a sua própria casa em um cenário, no qual o exercício da sapiência é encenado todas as noites:

Não havia dia em que não comprasse livros em francês, inglês e italiano... A sala da frente do alto porão tinha sido transformada em biblioteca. As paredes estavam forradas de estantes que gemiam ao peso dos grandes tratados. À noite, ele abria as janelas das venezianas, acendia todos os bicos-de-gás e se punha à mesa, todo de branco com um livro aberto sob os olhos.

O sono não tardava a vir ao fim da quinta página... Isso era o diabo! Deu em procurar os livros da mulher. Eram romances franceses, Gouncourt, Anatole France, Daudet, Maupassant, que o faziam dormir da mesma maneira que os tratados. Ele não compreendia a grandeza daquelas análises, daquelas descrições, o interesse e o valor delas, revelando a todos, à sociedade, a vida, os sentimentos, as dores daqueles personagens, um mundo! O seu pedantismo, a sua falsa ciência e a pobreza da sua instrução geral faziam-no ver naquilo tudo, brinquedos, passatempos. Falatórios, tanto mais que ele dormia à leitura de tais livros.

Precisava, porém, iludir-se, a si mesmo e à mulher. De resto, da rua, viam-no e se dessem com ele a dormir sobre os livros?!... Tratou de encomendar algumas novelas de Paulo de Kock em lombadas com títulos trocados e afastou o sono. (Lima Barreto, s.d., p.91)

Nesta luta incansável pelo reconhecimento, doutor Armando se especializa nas publicações fazendo uso de um outro expediente. Como não era um homem de ciência, com pesquisas relevantes a publicar, pelo menos, na apresentação dos seus artigos procura mostrar erudição; começa então a reescrever seus artigos, substituindo os termos da linguagem comum por uma linguagem clássica. Aos poucos a estratégia produz os seus resultados.

De fato, ele estava escrevendo ou mais particularmente: traduzia para o “clássico” um grande artigo sobre “Ferimentos por arma de fogo”. O seu último truc intelectual era este do clássico. Buscava nisto uma distinção, uma separação

intelectual desse menino por aí que escrevem contos e romances nos jornais. Ele, um sábio e sobretudo, um doutor, não podia escrever da mesma forma que eles. A sua sabedoria superior e o seu título “acadêmico” não podiam usar da mesma língua, dos mesmos modismos, da mesma sintaxe que esses poetastros e literatecos. Veio-lhe então a idéia do clássico. O processo era simples: escrevia do modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituía incomodar por molestar, ao redor por derredor, isto por esto, quão grande e tão grande por quamanho, sarapintava tudo de ao invés, em pós, e assim obtinha o seu estilo clássico que começava a causar admiração aos seus pares e ao público em geral.

Gostava muito da expressão - às rebatinhas; usava-a a todo o momento e, quando a punha no branco do papel, imaginava que dera ao seu estilo uma força e um brilho pascalianos e às suas idéias uma suficiência transcendente. De noite, lia o padre Vieira, mas logo às primeiras linhas o sono lhe vinha e dormia sonhando-se “físico”, tratado de mestre, em pleno Seiscentos, prescrevendo sangria e água quente, tal qual o doutor Sangrado.

A tradução estava no fim, já estava bastante prático, pois com o tempo adquirira um vocabulário suficiente e a versão era feita mentalmente, em quase metade, logo na primeira escrita. (Lima Barreto, s.d., p.101)

À época da revolta, doutor Armando vê uma possibilidade de concretizar seus sonhos, se faz florianista e jacobino. Consegue uma graça governamental: “Fora nomeado médico do Hospital de Santa Bárbara, na vaga de um colega, demitido a bem do serviço público como suspeito por ter ido visitar um amigo na prisão” (p.115). Seu ardor político o faz porta-voz e defensor daquele florianismo e, na encarnizada “cruzada moral” que leva à frente, se fazia temido inclusive por Coleoni, seu sogro, que na condição de estrangeiro se via em situação delicada.

A época era de susto e temor, e todos esses que ele sentia, só os comunicava à filha, porque o genro cada vez mais se fazia florianista e jacobino, de cuja boca muita vez ouvia duras invectivas aos estrangeiros.

E o doutor tinha razão; já obtivera uma graça governamental. (Barreto, s.d., p.115)

Embora diluídas ao longo do romance, as várias histórias nele contidas revelam diferentes possibilidades quanto ao papel do conhecimento, dos objetos que o representam e do uso dos títulos acadêmicos. Funcionários públicos, Quaresma e Genelício constituem-se dois exemplos de como as práticas de leitura e o uso da palavra escrita assumem papéis opostos: um é considerado louco e depois traidor, o outro se faz passar por sábio, e ganha a sua promoção. Primeiro Quaresma escreve, fazendo uso dos seus direitos constitucionais, e é humilhado, depois para mostrar sua indignação diante da injustiça, e é condenado. Já Genelício se especializa na arte de escrever sobre

contabilidade pública; seus artigos e o livro que escreve são, em sua maioria, transcrições de artigos, decretos e portaria, mas nada disto importa, seu nome está lá, aparece nos jornais, está gravado nas lombadas, ele é o respeitável autor.

Quaresma, Genelício e doutor Armando possuem em comum uma relação com os livros, ainda que diferenças existam entre eles. Quando se trata das atuações na vida pública e, especialmente, durante a revolta da armada, Quaresma e dr. Armando estão, a princípio, do mesmo lado, isto é, defendendo a República de Floriano, mas suas atuações caminham em sentidos opostos. Quando vê a “República ameaçada”, Quaresma se engaja na luta, se coloca a disposição das forças leais a Floriano e vai para o front. No campo de Batalha, assistindo a todos os seus horrores, começa a questionar sobre o sentido de tudo aquilo, expõe sua indignação e vê selado seu trágico destino. Já doutor Armando adere incondicionalmente ao florianismo, entra numa “cruzada moral”, e encontra aí, um caminho que permite concretizar os seus sonhos de cargos públicos. Como dizia o seu sogro – “o doutor tinha razão”.

Mas talvez o único pecado de Quaresma fosse o de não possuir um título. Este talvez lhe desse todos os direitos e o colocasse acima de qualquer suspeita – “Ele não era formado, para que meter-se em livros?”. Naquela festa na qual foi dada a notícia da internação de Quaresma, onde todos recriminam suas atitudes, há um recém-formado, o Cavalcânti, que acabara de receber o seu título de dentista.

Nos intervalos da conversa, todos eles olhavam o novel dentista como se fosse um ente sobrenatural.

Para aquela gente toda, Cavalcânti não era mais um simples homem, era homem e mais alguma coisa sagrada e de essência superior; e não justavam à imagem tinham dele atualmente, as coisas que porventura ele pudesse saber ou tivesse aprendido. Isto não entrava nela de modo algum; e aquele tipo, para alguns, continuava vulgar, comum, na aparência, mas a sua substância tinha mudado, era outra diferente da deles e fora ungido de não sei que coisa vagamente fora da natureza terrestre, quase divina. (Lima Barreto, s.d. p.31)

A trajetória de Quaresma, contraposta à de Genelício e doutor Armando, revela a instituição de uma hierarquia, na qual as relações que os indivíduos estabelecem com o saber, e a forma como o fazem, definem os seus lugares. Lugares que são, antes de tudo, lugares de poder.

Estabelecem-se relações entre a formação intelectual, a presença ou ausência de dotes intelectuais e a constituição do caráter, o que, por sua vez, define a

postura dos indivíduos. Este modo de ser se expressa de diferentes formas, dependendo do lugar que ocupam na estrutura de poder. É desta maneira que se articula a relação entre a formação do Marechal Floriano, seus dotes intelectuais e o seu sistema de governo.

Com ausência total de qualidades intelectuais, havia no caráter do Marechal Floriano uma qualidade predominante: tibieza de ânimo, e no temperamento, muita preguiça. Não a preguiça comum, essa preguiça de nós todos; era uma preguiça mórbida, como que uma pobreza de irrigação nervosa, provinda de uma insuficiente quantidade de fluido no organismo. Pelos lugares que passou, tornou-se notável pela indolência e desamor às obrigações dos seus cargos. (Barreto, s.d., p.96)

Demais, a sua educação militar e a sua fraca cultura deram mais realce a essa concepção infantil, raiando-a de violência, não tanto por ele em si, pela sua perversidade natural, pelo seu desprezo pela vida humana, mas pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu a ferocidade dos seus auxiliares e asseclas. (Lima Barreto, s.d., p.96-7)

Na concepção de governo do Marechal Floriano, denominada tirania doméstica – “o bebê portou-se mal, castiga-se” –, é clara a relação entre suas qualidades intelectuais, a educação escolar e formação cultural, e suas atitudes no âmbito da vida pública e privada.

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma* encontramos muito mais do que referências aos conhecimentos em circulação e aos modismos da época. Temos uma construção que perpassa as relações sociais, definindo papéis e trazendo todo o conjunto de representações construídas a partir de uma leitura, muito arguta, sobre os significados do saber.

## **Rudeza**

- O quê? – fez indignado Flores, erguendo-se, num só e rápido movimento, da cadeira, e deixando a xícara sobre a mesa. – Pois tu não sabes quem sou eu, quem é Leonardo Flores? Pois tu não sabes que a poesia para mim é a minha dor e é minha alegria, é a minha própria vida? Pois tu não sabes que tenho sofrido tudo, dores, humilhações, vexames, para atingir o meu ideal? Pois tu não sabes que abandonei todas as honrarias da vida, não dei o conforto que minha mulher merecia, não eduquei convenientemente meus filhos, unicamente para não desviar dos meus propósitos artísticos? Nasci pobre, nasci mulato, tive uma instrução rudimentar, sozinho completei-a conforme pude, dia e noite lia e relia versos e autores; dia e noite procurava na rudeza aparente das coisas achar a

ordem oculta que as ligava, o pensamento que as unia; o perfume à cor, o som aos anseios de mudez de minha alma; a luz à alegoria dos pássaros pela manhã; o crepúsculo ao ciclo melancólico das cigarras – tudo fiz com sacrifícios de coisas mais proveitosas, não pensando em fortuna, em posição, em respeitabilidade. Humilharam-me, ridicularizaram-me, e eu, que sou homem de combate, tudo sofri resignadamente. Meu nome afinal soou, correu todo este Brasil ingrato e mesquinho; e eu fiquei cada vez mais pobre, a viver de uma aposentadoria miserável, com a cabeça cheia de imagens de ouro e a alma iluminada pela luz imaterial dos espaços celestes. O fulgor do meu ideal me cegou; a vida, quando não me fosse traduzida em poesia, aborrecia-me. Parei sempre no ideal; e se este me rebaixou aos olhos dos homens, por não compreender certos atos desarticulados da minha existência; entretanto, elevou-me aos meus próprios, perante a minha consciência, porque cumpri o meu dever, executei a minha missão: fui poeta! Para isto, fiz todo o sacrifício. A Arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la, porque ela representava, não só minha Redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma dor. Louco?! Haverá cabeça cujo maquinismo impunemente possa resistir a tão inesperados embates, a tão fortes conflitos, a colisões com o meio tão bruscas e imprevistas? Haverá? (Lima Barreto, 1995, p.86-7)

O dilema de Leonardo Flores – uma vida sofrida, cheia de privações, uma vida de poeta. Leonardo Flores busca consolo nas alegrias que a arte pode lhe dar, pois apesar do reconhecimento, os versos nunca lhe darão nenhum tostão. Vive na pobreza, sofrendo todo tipo de humilhação, por ser pobre, por ser mulato e por ser poeta. Por isso fica indignado quando Meneses lhe propõe a compra de alguns versos, indignação que não resiste aos apelos da necessidade.

- Pois eu não vendo, passe por que passar. Sofram, sonhem e bebam cachaça, e o que quiserem fazer. Isto não será bastante – disse ele com melancolia – é preciso ter nascido como eu, ter perdido todos os seus irmãos na pobreza e ter um, há vinte anos, atacado da mais estúpida forma de loucura, para os poder fazer. Isto, porém, ninguém pode obter por sua própria vontade. Bendito seja Deus!

Sentou-se com os olhos úmidos, tomou uma “talagada” do “Mangaratiba” e dispôs-se a escrever, recomendando ao amigo:

- Deita-te no sofá e lê os jornais, enquanto escrevo alguma coisa, até o “ajantarado”. (Barreto, 1995, p.88)

Se em trajetórias como de Genelício e doutor Armando o que se viu foram sujeitos que, se apresentando como homens de saber, fizeram disto trampolim para suas carreiras, nos deparamos agora com aqueles que buscaram, em alguma forma de conhecimento ou de expressão, uma razão para suas vidas. Nem sempre com objetivos tão altruísticos como os de Quaresma, essas histórias revelam tentativas dos “homens do povo” de adentrarem e participarem do mundo do saber.

Vejamos as histórias de Marramaque e de outros personagens de *Clara dos Anjos*. Marramaque vivia em uma cidadezinha do Estado do Rio; ao completar os estudos primários, seus pais o empregam num armazém da cidade. Melancólico e contemplativo, vivia debruçado no balcão do armazém a ouvir histórias, até que “certo dia, um viajante, que pousara no armazém, deixara, por esquecimento, na mesa do quarto em que fora hospedado, um volume das *Primaveras* de Casimiro de Abreu”<sup>53</sup> (Lima Barreto, 1995, p.36). A leitura desta obra terá um significado especial na vida de Marramaque.

Ele nunca havia lido versos seguidamente. Nos jornais que lhe caíram à mão, mesmo nos retalhos deles e em páginas soltas de revistas que vinham parar ao armazém para embrulho, é que lera alguns. Dessa forma, encontrando, no seu natural melancólico cheio de uma doce tristeza e de um obscuro sentimento da mesquinhez do seu destino, terreno propício, o livro de Casimiro de Abreu caiu-lhe n’alma como uma revelação de novas terras e novos céus. Chorou e sonhou com os doridos queixumes do sabiá de São João da Barra e não deixou de notar que, entre ele e o poeta das *Primaveras*, havia a semelhança de começarem ambos sendo caixeiros de uma casa de negócio da roça. Cristalizada a emoção profunda que lhe causara a leitura dos versos do Gaturano fluminense, Marramaque resolveu agir, isto é, instruir-se, educar-se e... fazer versos também. Para isso, precisava sair dali, ir para a Corte. (Lima Barreto, 1995, p.37)

Na Corte, começa trabalhando numa farmácia, até que, “certa vez, foi surpreendido por um dos *habitués* da farmácia, fazendo poesia”. Este, um segundo oficial da Secretaria dos Estrangeiros, que também era poeta, gostou dos versos do “caxeirozinho” e resolveu protegê-lo. Com a ajuda do seu protetor, Marramaque sai da farmácia e vai trabalhar numa papelaria-livraria, na rua da Quitanda:

Freqüentada por poetas e literatos que ensaiavam os primeiros passos, nos últimos quinze anos do Império, com eles se relacionou e sempre era escolhido para secretário, gerente, tesoureiro, de suas efêmeras publicações. Deixou o emprego da papelaria, sem zanga; e atirou-se às refregas e às decepções da pequena imprensa, com ardor e entusiasmo, sangue republicano e abolicionista, sobretudo abolicionista. Esse jornalismo contrário e efêmero pouco ou quase nada lhe dava para a sua manutenção. Vivia uma vida de privações e necessidades prementes. Sem deixar os companheiros poetas, escritores, parodistas, artistas, ele se improvisou guarda-livros ambulante, fazendo escritas aqui e ali, com o que ganhava para ter casa, comida, roupa e até, às vezes, socorrer os camaradas. Manteve-se sempre absolutamente solteiro. (Lima Barreto, 1995, p.38)

---

<sup>53</sup> Segundo nota do editor: Referência ao único livro que o poeta romântico Casimiro José Marques de Abreu (1839–1860) teve publicado em vida, *Primaveras*, lançado em 1859. Cf. Lima Barreto, 1995, p.36.

Depois de anos de luta, se estabelece na função em que passará o resto da sua vida - como contínuo de uma repartição pública. “Marramaque, poeta *raté*<sup>54</sup>, tinha uma grande virtude, como tal: não denegrir os companheiros que subiram nem ganharam celebridade. A todos gabava, sem que, por isso, não lhes notasse as falhas de caráter” (Lima Barreto, 1995, p.40).

Outro caso é o do “Dr. Meneses”, ou melhor, José Castanho Meneses. Apresentado como o velho hidrópico, com mania de saber todas as ciências, vive na maior miséria, no exercício clandestino da profissão de dentista. Sua trajetória é uma história de encantos e desencontros com o mundo do saber e da ciência:

Aos vinte e dois anos, José, que se aborrecia com aquela vida, pôs o pé no mundo e correu, durante uns trinta, o interior das antigas províncias do Rio, Minas e São Paulo. Tudo ele foi; tudo sofreu, mas sempre inquebrantavelmente honesto. Aqui foi guarda-livros de um armazém; numa fazenda, administrador; num vilarejo, professor de primeiras letras; em certa idade encontrou um boticário simpático, que se fez seu amigo, ensinou-lhe a manipular drogas, também a obturar e limpar dentes, e a passar pequenas receitas. Foi onde se demorou mais; mas isto se veio a dar já no fim da sua carreira vagabunda, quando já não podia mudar de rumo. Na vizinhança da cidade, construía-se um depósito e modestas oficinas de pequenos reparos, para as máquinas de um ramal férreo que lá ia ter. José, que seguia as obras e via as máquinas, ficou assombrado com aquelas maravilhas de caldeiras, fornalhas, bielas, manivelas, alavancas, que se coordenavam para mover e parar aqueles hediondos monstros de ferro - as locomotivas. Quis entrar no segredo de tudo aquilo e fazia perguntas sobre perguntas. No começo, os operários explicavam; mas as perguntas eram tais e tantas, que eles acabaram por se aborrecer com elas e com o velho perguntador. Meneses não se aborreceu, pois se sentia com vocação de engenharia e de engenheiro. Ali, porém, não tinha onde estudar. Convinha descer para o Rio de Janeiro, freqüentar aulas teóricas e aperfeiçoar-se em oficinas adequadas. (Lima Barreto, 1995, p.78)

Meneses vai ao Rio, em busca do sonho de estudar engenharia. Com uma carta de recomendação que traz do interior, consegue outra de um deputado, e se emprega na construção de uma avenida. Fica lá até a conclusão da obra, quando é dispensado. Sem ter conseguido guardar dinheiro, volta ao ofício de dentista, do qual viverá miseravelmente até o fim da vida.

Durante o período em que trabalhou como funcionário da construção, montou uma pequena biblioteca, que representa o legado do seu sonho de engenharia; e o acompanhará por toda a vida:

---

<sup>54</sup> Raté: falido, fracassado, malsucedido.

É verdade que fizera uma pequena biblioteca de engenharia mecânica: *As Grandes Invenções*, de Luís Figuiier; *As Maravilhas da Ciência*, de Tirrandier; manuais de toda a sorte de ofícios e recortes de jornais que tratavam de coisas científicas ou parecidas, colados em cadernos encadernados. Dessa biblioteca, nunca se separou [...] (Lima Barreto, 1995, p.80)

Marramaque, doutor Meneses e Leonardo Flores são apenas coadjuvantes, cujas histórias de vida são repetições de uma mesma tragédia. Nesta relação dos homens do povo com o conhecimento, há um fatalismo social, pois, independentemente dos caminhos que cada um escolhe, a eles são negadas as “benesses” da glória, mesmo quando suas criações obtêm algum reconhecimento.

### **Deslumbramento**

O espetáculo do saber de meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquela sua faculdade de explicar tudo, aquele seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler línguas diversas e compreendê-las, constituíam, não só razão de ser de felicidade, de abundância e riqueza, mas também um título para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente.

Sabendo, ficávamos de alguma maneira sagrados, deificados... Se minha mãe me parecia triste e humilde – pensava eu naquele tempo – era porque não sabia, como meu pai, dizer os nomes das estrelas do céu e explicar a natureza da chuva...

Foi com estes sentimentos que entrei para o curso primário. Dediquei-me açodadamente aos estudos. Brilhei, e com o tempo foram-se desdobrando as minhas primitivas noções sobre o saber.

Acentuaram-se-me tendências; pus-me a colimar glórias extraordinárias, sem lhes avaliar ao certo a significação e a utilidade. Houve na minha alma um tumultuar de desejos, de aspirações indefinidas. Para mim era como se o mundo me estivesse esperando para continuar a evoluir... (Lima Barreto, 1978, p.29)

Nas *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, encontramos um menino encantado com os saberes do pai. É uma situação especial, seu pai é um padre e a mãe a empregada da casa, o que faz com que as manifestações de afeto para com o filho se dêem somente entre quatro paredes. É nesta relação velada, estabelecida com o menino, que o pai expõe o seu saber.

Meu pai, o seu corpo anguloso, seco, a sua dor contida, que se escapava no seu olhar e na sua fisionomia transtornada. Via-o às tardes, nos dias de bom humor, mudá-la de chofre, fazer-se risonho, vir para mim, sentar-se à mesa, e, à luz do lampião de querosene, explicar-me pitorescamente as lições do dia seguinte. Ou então, da cadeira de balanço, contar-me as maravilhosas cousas do movimento da terra, dos antípodas, da gravitação universal, e, enleado à minha pergunta se Deus podia parar a terra, responder com hesitação – Pode, sim. (Lima Barreto, 1978, p.59)

Embora o saber do pai cause estranheza em alguns momentos, isto não impede que crie encantos no menino, e vá influir nos rumos que procura dar a sua vida. Nas suas representações de mundo, Isaías se vê entre dois pólos: o da tristeza e ignorância e o da alegria e saber. Tal dicotomia leva-o a fazer sua opção:

A tristeza, a compressão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de modo curioso: deram-me anseios de inteligência. Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações. (Lima Barreto, 1978, p.29)

Aos poucos o pequeno Isaías vai procurando criar uma identificação com este mundo; na escola, dado o sucesso que obtém, cria estratégias e expedientes que o diferenciem dos outros colegas.

Ouvia uma tentadora sibila falar-me, a toda a hora e a todo o instante, na minha glória futura. Agia desordenadamente e sentia a incoerência dos meus atos, mas esperava que o preenchimento final do meu destino me explicasse cabalmente. Veio-me a *pose*, a necessidade de ser diferente. Relaxei-me no vestuário e era preciso que minha mãe me repreendesse para que eu fosse mais zeloso. Fugia aos brinquedos, evitava os grandes grupos, punha-me só com um ou dois, à parte no recreio do colégio; lá vinha um dia, porém, que brincava doidamente, apaixonadamente. Causava com isso espanto aos camaradas: Oh! O Isaías brincando! Vai chover... (Lima Barreto, 1978, p.29-30)

O seu comportamento e a dedicação com que leva os estudos chamam a atenção de Dona Ester, a jovem professora dos primeiros anos de colégio: “A professora admirou-me e começou a simpatizar comigo. De si para si (suspeito eu hoje), ela imaginou que lhe passava pelas mãos um gênio” (Lima Barreto, 1978, p.13). Quando sai do colégio, Isaías recebe de dona Ester um presente que lhe acompanhará pela vida.

Tinha eu então dois anos de escola e doze de idade. Daí a um ano, saí do colégio, dando-me ela, como recordação, um exemplar do *Poder da Vontade*,

luxuosamente encadernado, com uma dedicatória afetuosa e lisonjeira. Foi meu livro de cabeceira. Li-o sempre com mão diurna e noturna, durante o meu curso secundário, de cujos professores poucas recordações importantes conservo hoje. Eram banais! Nenhum deles tinha os olhos azuis de Dona Ester, tão meigos e transcendentais que pareciam ler o meu destino, beijando as páginas em que estava escrito!... (Lima Barreto, 1978, p.30)

Este livro, de certa forma, representa a primeira escolha de Isaías, que, dois anos depois de concluído o Liceu, resolve partir para o Rio de Janeiro para dar continuidade aos seus estudos – Isaías quer ser doutor. De posse de uma carta de recomendação, conseguida com o coronel Belmiro, pedindo a um deputado para que este arrume alguma colocação ao rapaz, Isaías passa a vislumbrar o seu futuro, primeiro como estudante e depois como doutor.

A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo o fim de ano, durante seis, faria os exames, ao fim dos quais seria doutor!

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímido de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no cérebro.

O flanco, que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...

Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico, o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos... Era um *pallium*, era alguma cousa como clâmide sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas de chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis, com o comum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-estanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano!... (Lima Barreto, 1978, p.35)

Os sonhos de doutorado continuam a persegui-lo durante todo o dia, nestes perpassam todos os direitos e privilégios que o título lhe poderia dar:

Almocei, saí até à cidade próxima para fazer as minhas despedidas, jantei e, sempre, aquela visão doutoral que não me deixava. Uma face dela me apareceria, depois outra mais brilhante; esta provocava uma consideração, aquela mais uma propriedade da carta onipotente. De noite, no teto da minha

sala baixa, pelos portais, pelas paredes, eu via escrito pela luz do lampião de petróleo – Doutor! Doutor!

Quantas prerrogativas, quantos direitos especiais, quantos privilégios, esse título dava! Podia ter dois e mais empregos apesar da Constituição; teria direito à prisão especial e não precisava saber nada. Bastava o diploma. Pus-me a considerar que isso devia ser antigo... Newton, César, Platão e Miguel Ângelo deviam ter sido doutores!

Foram os primeiros legisladores que deram à carta esse prestígio extraterrestre... Naturalmente, teriam escrito nos seus códigos: tudo o que há no mundo é propriedade do doutor, e se de alguma coisa outros homens gozam, devem-no à generosidade do doutor. Era uma outra casta, para a qual eu entraria, e desde que penetrasse nela, seria de osso, sangue e carne diferente dos outros – tudo isso de uma qualidade transcendente, fora das leis gerais do Universo e acima das fatalidades da vida comum. (Lima Barreto, 1978, p.36-7)

No Rio, a vida não será fácil para Isaías. A carta do coronel Belmiro de pouco lhe adianta, e logo percebe que a sua cor é um obstáculo naquela cidade. Enfrentando as agruras que a vida ali lhe impunha, Isaías se reconforta nas suas leituras, e busca nos heróis descritos em *O Poder da Vontade* estímulos para a sua luta:

Jantava, uns dias; em outros, almoçava unicamente; e houve muitos que nem uma coisa ou outra fiz. Descobri a Biblioteca Nacional, para onde muitas vezes fui, cheio de fome, ler Maupassant e Daudet. (Lima Barreto, 1978, p.87)

Continuei a leitura. As letras dançavam sob meus desejos heróicos para imaginar expedientes com que me saísse da miséria em perspectiva. Aceitaria qualquer coisa, qualquer emprego... Recordei-me das minhas leituras, daquele *Poder da Vontade*, das suas biografias heróicas: Palissy, Watt, Franklin... Sorri satisfeito, orgulhoso; havia de fazer como eles. De novo, voltei à leitura do jornal. (Lima Barreto, 1978, p.67)

Embora viva as agruras impostas pela sobrevivência naquela cidade, sua vida será permeada de novas experiências, através das amizades e dos lugares que frequenta, entrará em contato com as idéias e os diferentes modismos que ali circulam.

Foi Leiva o meu iniciador no Rio de Janeiro. Deu-me relações, ensinou-me as maneiras, o calão da boêmia, levou-me aos lugares curiosos e consagrados. Com ele fui ao Apostolado Positivista ouvir o Senhor Teixeira Mendes. Um grande matemático, disse-me; a primeira cabeça do Brasil, uma inteligência enciclopédica, uma erudição segura, e, sobretudo, um caráter e um coração! (Barreto, 1978, p.92)

Da sua passagem pelo Apostolado Positivista ficaram as impressões mais pitorescas daquele lugar, e uma certa descrença em um sistema que pregava e tinha uma fórmula mágica para a felicidade universal.

Não era a primeira vez que ia ao Apostolado, mas quando via o vice-diretor sair rapidamente por detrás de um retábulo, na absida da capela, ao som de um tímpano rouco, arrepanhando a batina, com aquele laço verde no braço, dava-me vontade de rir às gargalhadas. Demais, ficava assombrado com a firmeza que ele anunciava a felicidade contida no Positivismo e a simplicidade dos meios necessários para a sua vitória: bastava tal medida, bastava essa outra – e todo aquele rígido sistema de regras, abrangendo todas as manifestações da vida coletiva e individual, passaria a governar, a modificar costumes, hábitos e tradições. (Lima Barreto, 1978, p.93)

No calor dos debates nos quais se via envolvido, Isaías vê com interesse e, ao mesmo tempo, com um certo ceticismo, o papel que este “sistema universal” atribuía às ciências e, principalmente à Matemática.

Pelo caminho, ouvi repetirem as palavras do Mestre e apoiarem-se nelas para criticar atos do Governo, projetos da Câmara – esse viveiro de bacharéis ignorantes que não sabem Matemática.

Observei que o meu próprio amigo Leiva partia também dessa crença pitagórica das virtudes da Matemática para condenar e criticar o governo e os governantes; entretanto, além daquelas explicações filosóficas do Senhor Teixeira Mendes, ele sabia pouco mais do que as quatro operações na ciência divina. (Lima Barreto, 1978, p.94)

Depois de enfrentar todo tipo de situação, inclusive a fome, Isaías consegue se estabelecer como contínuo na redação de *O Globo*. Ao assumir o cargo de contínuo, vai se afastando do seu ideal e, embora com desconfortos, começa a aceitar aquela posição de subserviência. Em muitas situações apela para o *Poder da Vontade*:

No começo, custei a conformar-me com a posição de contínuo, mas consolei-me logo, ao lembrar-me dos meus heróis do *Poder da Vontade*; e não foi sem desgosto que aceitei as fatiotas daqueles desconhecidos. (Lima Barreto, 1978, p.116)

O trabalho na redação do jornal causará, em princípio, uma grande euforia em Isaías Caminha; nas suas primeiras impressões parece ser aquele o lugar do qual partem as decisões, e de onde são ditados os rumos da história. Com o passar do tempo Isaías compõe um quadro das relações de poder estabelecidas na capital, atribuindo a imprensa escrita um papel central na ordem estabelecida.

Mas, a indiferença da nossa gente, pelas cousas de espírito, talvez justifique tais manejos, penso agora.

Naquela hora, presenciando tudo aquilo, eu senti que tinha travado conhecimento com um engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de tablado de mágica e espelho de prestigiador, provocando ilusões, fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina Marinoni e a estupidez das multidões. Era a Imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição! (Lima Barreto, 1978, p.115)

Esta sua concepção sobre a imprensa vai sendo construída ao longo das diversas situações que presencia, e do papel assumido pelo jornal em cada uma delas. Como no caso que ficou conhecido como “a questão dos sapatos”, que acabou gerando uma revolta popular.

Nascera a questão dos sapatos obrigatórios de um projeto do conselho Municipal, que foi aprovado e sancionado, determinando que todos os transeuntes da cidade, todos que saíssem à rua seriam obrigados a vir calçados. Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que, de quando em quando, nos visita. Estávamos fatigados da nossa mediana, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e a nossa civilização. Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente. Era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro. Era o argumento apresentado logo contra os adversários das leis voluptuárias que aparecem pelo tempo: “A Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Aires era uma verdadeira capital européia. Como é que não tínhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hotéis de casaca, clubes de jogo?” (Lima Barreto, 1978, p.136)

A atuação da imprensa, segundo o que relata Isaías Caminha, vai em dois sentidos. Primeiro parecem apoiar todas as reformas que visem tornar o Rio uma cidade civilizada nos moldes das capitais européias ou, pelo menos, que o aproximem de uma Buenos Aires. Medidas que, segundo alguns, trariam melhorias à vida de toda a população:

Aires d’ Ávila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional.

E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da cidade e ao enriquecimento dos

patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre os terrenos. Os Haussmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais da moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos. (Lima Barreto, 1978, p.136)

Ao povo restava apenas resistir e lutar. Diante da situação Isaías Caminha se espanta com a coragem daquela gente: “Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades” (Lima Barreto, 1978, p.148). Quando estoura a revolta, insuflada por uma série de boatos que diziam que o governo obrigaria o povo a operar os pés, à moda do chineses, vê os jornais se colocando como defensores da luta popular – uma opção coberta de interesses.

No jornal exultava-se. As vitórias do povo tinham hinos de vitórias da pátria. Exagerava-se, mentia-se, para se exaltar a população. Em tal lugar, a polícia foi repelida; em tal outro, recusou-se a atirar sobre o povo. Eu não fui para casa, dormi pelos cantos da redação e assisti à tiragem do jornal: tinha aumentado cinco mil exemplares. Parecia que a multidão o procurava como estimulante para a sua atitude belicosa. (Lima Barreto, 1978, p.163)

Temia ser morto por uma bala perdida. Houvera muitas mortes assim, mas os jornais não as noticiavam. Todos eles procuravam lisonjear a multidão, mantê-la naquelas refregas sangrentas, que lhes aumentava a venda. Não queriam abater a coragem do povo com a imagem aterradora da morte. A polícia atirava e não matava; os populares atiravam e não matavam. Parecia um torneio... (Lima Barreto, 1978, p.168)

Do mesmo modo que vê o jornal se aliando a esta ou àquela causa, para atender aos seus interesses comerciais, ou de aliados políticos, a vida na redação permite que Isaías Caminha também veja como a imprensa escrita passa a fazer parte dos mecanismos que permitem a determinados indivíduos galgarem outros objetivos em suas vidas. Podendo ser o estudante que, ao publicar no jornal, faz disto um apêndice do seu sucesso acadêmico, ou mesmo um jovem e renomado doutor, que está na luta pela obtenção de cargos públicos.

E, durante todo o seu curso, o jovem Deodoro Ramalho desovou contos, artigos, folhetins e tirou dezenas de distinções na Faculdade de Medicina. Na

escola, as distinções vinham-lhe do seu prestígio de jornalista; no jornal, a sua superioridade partia das suas distinções na escola. (Lima Barreto, 1978, p.144)

Se o estudante Deodoro quer apenas as distinções escolares, há um outro caso que mostra como a atuação na imprensa é decisiva para os planos de ascensão do jovem doutor Franco de Andrade. Em um episódio que envolve toda a imprensa do Rio, o caso dos decapitados de Caxias, entra em cena o doutor Franco de Andrade<sup>55</sup>. O desfecho que é dado ao caso é ilustrativo, pois mostra como se fazer passar por ilustre especialista em certos momentos pode trazer alguns dividendos.

A redação trabalhava sofregamente quando veio interrompê-la no afã o jovem doutor Franco de Andrade, grande prêmio da Faculdade da Bahia, literato, alienista e clínico ao mesmo tempo. Viera na comitiva de um ministro baiano e já possuía quatro empregos. Além de lente substituto, era médico do Hospício, legista da Polícia e subdiretor da Saúde Pública. Escrevera um volume de poesias místicas e espalhava nas aulas o mais vulgar materialismo. Era idealista em verso; em prosa, positivista. Com isso, era dono de umas maneiras delicadas, de uma amabilidade que cativava as redações em peso. Penetrou na sala sorridente, dizendo uma pilhéria a um, fazendo uma pergunta a outro. Alguém perguntou a sua valiosa opinião sobre o crime; o extraordinário sábio se fez de rogado:

- Penso que o exame médico-legal não se deve limitar a uma simples autópsia... Convinha que se o fizesse mais amplo... A exemplo do que se procede na Índia, onde a confusão de raças é imensa e, portanto, a raça é um bom dado para identificar, seria bom que se fizessem mensurações antropológicas...

- Sem a cabeça, é possível doutor? Perguntou Losque.

- Perfeitamente.

E o grande prêmio da Bahia, alternativamente Maeterlinck, Charcot e Legrand du Saule, tomou uns ares doutorais como convinha, e continuou:

- O professor Broca indicava trinta e quatro mensurações de primeira ordem; Topinard era de opinião que havia dezoito necessárias e quinze facultativas; mas Quelet, na *Anthropométrie*, exige quarenta e duas.

A redação estava embasbacada. Todos deixaram de escrever para ouvir o sábio moço. O jovem medalhado passeou um instante pela sala o seu imenso olhar cheio de apetites e ambições, e emendou:

- Dessas, muitas são tomadas nos membros e no tronco: o talhe, a bacia, o fêmur, etc., etc. Demais, ainda se têm outros dados auxiliares: a secção dos cabelos, o exame microscópico do pigmento. Um operador hábil pode com tais meios indicar perfeitamente a raça e a sub-raça do indivíduo... (Lima Barreto, 1978, p.145)

---

<sup>55</sup> Neste relato de Isaías Caminha suas observações criam uma aproximação entre o doutor Franco de Andrade de uma conhecida personalidade do seu tempo: o médico legista Afrânio Peixoto.

No dia seguinte, o jornal desenvolvia os conselhos do jovem notável doutor Franco de Andrade; a medida era tão sábia que, no mesmo dia, o chefe da polícia escalava-o para fazer o serviço médico-legal, exigindo-lhe o estudo antropológico dos cadáveres.

Não lhe foi difícil fazê-lo. Vinte e quatro horas depois o laudo estava publicado e o *O Globo* desfazia-se em elogios ao notável trabalho científico do doutor Franco de Magalhães, “um moço, desta nossa forte geração moderna, que sabe aliar o saber e a simplicidade”. (Lima Barreto, 1978, p.146)

A conclusão do laudo e o desfecho da história ilustram bem qual é o papel do especialista e de sua ciência no caso.

O crime ficou sendo a grande preocupação pública durante os sete dias que se seguiram. O laudo do doutor Franco concluía que o homem era mulato, muito adiantado é verdade, um quarteirão, mas ainda com grandes sinais antropológicos da raça negra. As testemunhas, porém, entre elas o chefe e os condutores dos trens, não se lembravam de ter transportado nenhum par em tais condições. Só um dentista, político na localidade, depusera ter cruzado na estrada com um casal nas condições indicadas pelo laudo do doutor Franco. As indagações continuavam e o crime sacudia a cidade. A sua brutalidade e o seu mistério como que continham ameaças a todos; além do que, estava envolvido numa atmosfera de amor, de amor proibido, embalsamada de luxo, de elegância e mocidade, que abalava e preocupava todas as imaginações. (Lima Barreto, 1978, p.146)

Passaram oito dias e nada se adiantava. Um acaso permitiu a identificação dos assassinados. Um dono de hotel, tendo um dos seus quartos ocupados por um casal que não aparecia, desconfiou que tivesse sido ele o assassinado. Foi à polícia, as autoridades arrombaram as portas e as malas. Numa delas, encontraram uma carteira de identificação, passada pela polícia de Buenos Aires. Um sargento teve a idéia de confrontar a ficha dactiloscópica com a do cadáver do homem; e descobriu-se que o morto era o cidadão italiano Pascoal Martinelli, estabelecido com fábrica de massas na capital portenha, que partia para a Europa com a mulher, tencionando demorar-se uns dias no Rio de Janeiro. Um dia antes dessa elucidação, o doutor Franco de Andrade era nomeado diretor do Serviço Médico-Legal da Polícia da cidade do Rio de Janeiro. (Lima Barreto, 1978, p.147)

Ao tratar das formas pelas quais os indivíduos do seu tempo ganham notoriedade, Isaías Caminha mostra, dentro do território da imprensa, quais eram os significados atribuídos ao fato de alguém publicar um livro, assim como a quem é permitido tal direito.

Aos olhos dos homens da imprensa, publicar um livro é uma ousadia sem limites, uma temeridade e uma pretensão inqualificáveis e dignas de castigo.

- Como é, disse certa vez Oliveira, que este sujeito publicou um livro?... Um desconhecido! Um idiota magro! Um tipo que nunca escreveu coisa alguma...

Ele queria dar a entender como não tendo escrito coisa alguma, o fato do rapaz não ter publicado artigos nos jornais ou feito mesmo a reportagem dos Telégrafos. O pensamento comum do empregado dos jornais é que eles constituem, formam o pensamento do nosso país, e não só o formam, mas “são a mais alta representação dele”. Fora deles, ninguém pode ter talento e escrever, e, por pensarem assim, hostilizam a todos que não querem aderir à sua grei, impedem com a sua crítica hostil o advento de talentos e obras, açambarcam as livrarias, os teatros, as revistas, desacreditando a nossa provável capacidade de fazer alguma coisa digna com as suas obras ligeiras e mercantis.

Por acaso, se o trabalho consegue vencer a hostilidade de semelhante gente, sempre cheia de preconceitos, eles ficam a matutar, pois não admitem esforço e honestidade intelectual em ninguém: de quem o autor copiou?

Os mais hábeis daqueles que estão de fora, porém, quando premeditam a infame ousadia de publicar, arranjam preliminarmente relações de amizade nos jornais, de modo a obter um bom acolhimento para o seu futuro trabalho. Isso acontece com os de pequeno nascimento, com os que vêm dos Estados; mas o autor que nasceu no Rio, de certa camada, que tenha títulos e empregados, pode estar seguro que a crítica anônima dos jornais lhe será unânime em elogios e animação. (Lima Barreto, 1978, p.159)

Ao final das suas memórias, Isaías Caminha relata aquele que talvez tenha sido um dos motivos que o levaram a deixar o Rio de Janeiro e a se tornar escrivão da Coletoria Federal de Caxambi. Depois de um incidente, o suicídio de um redator ocorrido nas dependências de *O Globo*, Isaías ganha a confiança e se torna próximo do diretor e proprietário do jornal, o poderoso doutor Ricardo Loberant. A partir de então, passa a acompanhar o doutor Loberant em suas aventuras pelo Rio de Janeiro. “Vivemos dois ou três anos juntos, bebendo e pandegando” (Lima Barreto, 1978, p.189).

Mas esta vida boêmia vai aos poucos perdendo o sentido para Isaías Caminha, que se sente deslocado naquele mundo que não era o seu:

Eu sentia bem o falso da minha posição, a exceção naquele mundo; sentia também que não me parecia com nenhum outro, que não era capaz de me soldar a nenhum e que, desajeitado para me adaptar, era incapaz de tomar posição, importância e nome. Sofria com essa “consideração” especial que tanto irritava o poeta cubano Plácido. Continuava, porém, a ir com ele aos teatros, às pandegas. Saíamos com as raparigas, jantávamos nos arrabaldes pitorescos. Eu ia contente mas o meu contentamento durava pouco. Não sei o que sentia de ignóbil em mim mesmo e naquilo tudo, que no fim estava sombrio, calado e cheio de remorso. (Lima Barreto, 1978, p.189)

Nestes momentos se volta para o passado, para os sonhos de menino e começa a se perguntar sobre o rumo que havia dado a sua vida:

Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejava ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia. (Lima Barreto, 1978, p.189)

Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim. (Lima Barreto, 1978, p.193)

Com estes sentimentos, tudo o que remetia Isaías ao passado remetia-o também ao seu sentimento de fracasso:

Fomos servidos em velhos pratos azuis com uns desenhos chineses e as facas tinham ainda aquele cabo de chifre de outros tempos. À vista deles, dos pratos velhos e daquelas facas, lembrei-me muito da minha casa, e da minha infância. Que tinha eu feito? Que emprego dera à minha inteligência e à minha atividade? Essas perguntas angustiavam-me. (Lima Barreto, 1978, p.192)

Lembrava-me da vida de minha mãe, da sua miséria, da sua pobreza, naquela casa tosca; e parecia-me também condenado a acabar assim e todos nós condenados a nunca ultrapassar. (Lima Barreto, 1978, p.192)

Lembrava-me... Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que a não pusera ao estudo e ao trabalho com a força de que era capaz. Sentia-me repelente, repelente de fraqueza, da falta de decisão e mais amolecido agora com o álcool e com os prazeres... Sentia-me parasita, adulando o diretor para obter dinheiro.

Às minhas aspirações, àquele forte sonhar da minha meninice eu não tinha dado as satisfações devidas.

A má vontade geral, a excomunhão dos outros tinham-me amedrontado, atemorizado, feito adormecer em mim o orgulho, com seu cortejo de grandeza e de força. Rebaixara-me, tendo medo de fantasmas e não obedecera ao meu império. (Lima Barreto, 1978, p.192-3)

Nada mais restou a Isaías Caminha, a não ser pedir a intervenção do doutor Loberant para lhe arrumar uma colocação. É assim que se torna escrivão e é deste lugar que escreve as suas memórias. Nelas aparece a sua fé nos escritos, pois, do mesmo modo que busca nos autores amados um modelo para a sua escrita, espera que suas

recordações sejam um modelo para sua gente, que possa sensibilizá-la, tirá-la da indiferença, abrir caminhos que outros possam trilhar - caminhos que um dia sonhou, mas nunca percorreu.

Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com linguagem acessível a ele. É este o meu propósito, o meu único propósito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali *O Crime e o Castigo* de Dostoiévski, um volume dos contos de Voltaire, *A Guerra e a Paz* de Tólstoi, o *Rouge et Noir* de Sthendal, a *Coussine Bette* de Balzac, a *Education Sentimentale* de Flaubert, o *Antéchrist de Renan*, o Eça; na estante, sob as minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores de literatura propriamente, ou não. Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas os segredos do fazer. Mas, não é ambição literária que me move o procurar esse Dom misterioso para animar a fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, senão merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença. (Lima Barreto, 1978, p.78)

Ao retratar em suas obras aqueles personagens que ficaram de fora, que viveram os sonhos de sua época, mas que, pela sua condição social, pela cor da pele, ou porque, por não se sujeitaram às regras do jogo, nunca obtiveram os louros e a honrarias que a sua obra ou a sua ciência lhes podia proporcionar, Lima Barreto dá uma nova dimensão às relações entre a ciência e a literatura do período.

Escrevendo num país em que a maioria da população era analfabeta, constituindo-se a capacidade de leitura num instrumento de distinção social, o autor mostra a sua indignação com uma elite que cultua os títulos e busca laurear-se de sapiência. Pois só a eles é permitido possuir o domínio sobre as letras e ter direito aos livros, já que não correm os riscos a que os “desvios” das leituras podem levar.

São, portanto, múltiplas as leituras que podemos fazer da obra de Lima Barreto. Ao possibilitar uma aproximação das relações que os diferentes grupos sociais estabelecem com a leitura, os livros e o conhecimento, sua obra fornece elementos para compreendermos os sentidos da ilustração no Brasil da virada do Oitocentos para o Novecentos.

## **Cruzando Histórias**

*A literatura é uma atividade sem sossego. Não só os “homens práticos”, mas os pensadores e moralistas questionam sem parar a sua validade, concluindo com freqüência e pelos motivos mais variados que não se justifica: porque afasta de tarefas “sérias”, porque perturba a paz da alma, porque corrompe os costumes, porque cria hábitos de devaneio.*

*Antonio Candido*



## Homens de ciência?

*... ele abandonara o mundo, retirara-se com seus livros, com seus instrumentos científicos, para um recanto selvagem [...]. Levava a vida a estudar, a meditar... (Ribeiro, 1999, p.113)*

*... vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, não conhecia ninguém... (Barreto, s.d., p.37)*

*... se fala a um homem de ciência, faz logo pasmar a todos com a sua despreziosa erudição... (Azevedo, 1973, p.238)*

*... ouvia com muita atenção [...], bebendo-lhe as palavras, admirando-o, adorando-o quase, como se visse nele um doutor em ciências, um sábio consumado, um grande espírito. (Caminha, 1994, p.49)*

Nos destinos descritos pelos romances, a ciência compõe a vida, define lugares e ações, constitui-se em objeto do desejo. Em cada obra a relação personagem-ciência tem suas particularidades, muito embora o conjunto apresente elementos comuns. A ciência se revelará nas histórias de vida dos personagens; pois pode estar presente no cotidiano, fazer parte dos processos de formação, estar incorporada em práticas e discursos.

Nos romances analisados, as relações com os saberes da ciência se definem, também, em função das características que são intrínsecas a cada personagem.<sup>56</sup> Para André e Teobaldo, personagens d'*O Coruja*, algumas características que se manifestam logo na infância irão marcar a forma como cada um se apropria e faz uso dos saberes a que tem acesso. “Teobaldo tinha a compreensão fácil, a inteligência pronta; Coruja, o método, e a perseverança no estudo [...]” (Azevedo, 1973, p.35).

André, que “pertence a essa ordem de espíritos, incapazes de qualquer produção original [...]” (Azevedo, 1973, p.116), se apegará a projetos, alguns nunca concretizados, que exigirão dele dedicação e um árduo trabalho de pesquisa, como a produção de uma epítome da história do Brasil. No entanto viverá no ostracismo, lutando duramente para sobreviver. Já Teobaldo se fará cultor de todos os modismos,

---

<sup>56</sup> Sobre o papel da personagem na composição literária, escreve Antonio Candido (1987): “É porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se

pois com o seu “milagroso talento, sem fazer especialidade de coisa alguma, abrangeu tudo e de tudo se apoderou” (Azevedo, 1973, p.238). Assim, consegue ganhar tal notoriedade que, “a sua presença é mais indispensável para o sucesso das festas do que mesmo a presença do Imperador [...]” (Azevedo, 1973, p.275). Ao dar ar literário e transformar em belos artigos os apontamentos que André colecionou ao longo da vida, se fará reconhecido como um dos homens mais sábios da nação.

Já para Amâncio, será a fraqueza do caráter e a indolência, que norteiam suas ações. Para conciliar o desejo de viver na Corte com a obtenção do título de doutor, matricula-se na Faculdade de Medicina; mas, ao se defrontar com as exigências colocadas pelo curso, foge, pois o “seu temperamento aventureiro e frívolo não se conciliava com as frias verdades da cirurgia e com as pacientes investigações da terapêutica” (Azevedo, 1989, p.28). Quando chega o momento dos exames no final do primeiro ano, procura, através de outros expedientes, obter a aprovação – “Cá o menino não se aperta”. Esta fraqueza no caráter e as atitudes que toma diante dos desafios são explicadas ao longo do romance, em parte, pelas experiências na infância, mais precisamente, na relação que estabeleceu com o pai e com o professor dos seus primeiros anos de escolarização.

Fraqueza, falta de atributos intelectuais e morais, mas muita ambição, levam doutor Armando e Genelício, personagens de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, a procurar meios para se fazerem reconhecidos publicamente como homens de muito saber. Genelício procura agradar a seus superiores de todas as formas: “Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele. Nenhum pudor, nenhuma vergonha!” (Barreto, s.d. p.34). Ao mesmo tempo, com os artigos e o livro sobre contabilidade que publica, procura se distinguir como homem de erudição superior, doutor Armando com a publicação de folhetos e artigos transcritos para o “clássico”, a biblioteca, os momentos dedicados à leitura, o anel e todo aquele jeito de se apresentar publicamente, fazer transparecer, que ali estava um grande homem – uma “sabedoria superior”.

A eloquência, como a demonstrada por Berredo, o professor de geografia de *A Normalista*, será outro atributo a ser cultivado, por aqueles que desejam subir ao púlpito como porta-voz da ciência. Esta eloquência, associada ao verniz  

---

cristaliza” (p.21). Em outro momento: “Em todas as artes literárias e nas que exprimem, narram ou

científico, consolida e projeta a figura do homem de saber, mesmo para aqueles que nunca adentraram no universo do fazer científico, ou se debruçaram sobre as obras dos grandes mestres.

Mas, além da erudição e sabedoria, há outros componentes que permitirão a alguns se fazerem reconhecidos como os verdadeiros modelos para aqueles que querem galgar as mais altas posições. Estes trazem consigo dois componentes: são “fidalgos”<sup>57</sup> e representantes das idéias da modernidade. Educados com esmero, são possuidores de grande erudição, eloqüentes, sua figura, sua postura, assim como seus hábitos, demonstram “naturalmente” suas mais requintadas qualidades.

Encontramos nas descrições de Raimundo e doutor Castro elementos que os fazem representantes deste seleto grupo. Ao retornar da Europa, depois de anos de estudos, Raimundo encanta a todos. É um rapaz de traços marcantes, com seus “cabelos muito pretos, lustrosos e crespos, tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa” (Azevedo, 1998a, p.53). Quando sai às ruas chama a atenção, pois se apresenta “todo europeu, elegante, com uma roupa de casimira leve, adequada ao clima do Maranhão, escandalizando o bairro comercial com o seu chapéu-de-sol coberto de linho claro e forrado de verde pelo lado de dentro” (Azevedo, 1998a, p.124). Além da aparência, destaca-se também pelo seu jeito de ser, tinha “gestos bem-educados, sóbrios, despidos de pretensão, falava em voz baixa, distintivamente sem armar o efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, as ciências, a literatura e, um pouco menos, a política” (Azevedo, 1998a, p.53). Em casa, tornava agradável as horas de convivência com a prima, fazendo uso de suas habilidades artísticas: contava histórias; desenhava; solfejava; lia versos e contos escolhidos.

---

representam um estado ou estória, a personagem realmente ‘constitui’ a ficção”. (p.31)

<sup>57</sup> No “fidalgo”, há elementos que lembram a figura do cortesão. Jacques Revel, ao comentar o livro de Baldassare Castiglione *O Cortesão*, publicado pela primeira vez em 1528, mostra que: “Em Castiglione e seus sucessores, a norma é distintiva; as boas maneiras repousam na convivência de um grupo fechado que é o único dono dos critérios de perfeição. O cortesão se identifica com a construção de um personagem social capaz de agradar pela quantidade e pela eminência de seus talentos (na conversação, nas armas, na dança, no jogo, mas também nas atitudes cotidianas”. (Revel apud Chartier, 1991, p.194)

O tipo “fidalgo”, se aproxima também do tipo “discreto”, modelo cultural em circulação no século XVII, ao qual se refere Hansen (1991): “O tipo do discreto, a que se opõe o tipo constituído como vulgar, é caracterizado invariavelmente com as virtudes do cortesão e do perfeito cavaleiro cristão: distingue-se pelo engenho e pela prudência, que fazem dele um tipo agudo e racional, dotado de meios retóricos e éticos que o tornam senhor absoluto dos protocolos dos decoros e portanto, da recepção”.

Já doutor Castro, presidente da província do Ceará, “pertencia a uma alta linhagem de fidalgos de São Paulo e fora educado na Europa”. Seus hábitos e comportamentos expressavam a “refinada educação” que recebera: “E que educação! E que finíssima educação social! O homem falava francês como um parisiense, entendia inglês e tinha um modo de se portar em qualquer ocasião solene” (Caminha, 1994, p.69). Em público, sua figura chamava a atenção, ele aparecia “mostrando a esplêndida dentadura num sorriso fidalgo<sup>58</sup>, com o peito da camisa deslumbrante de alvura, colarinhos muito altos e tesos, gravatas de seda cor de creme onde reluzia uma ferradura de ouro pulido, bigodes torcidos imperiosamente: um belíssimo tipo de sulista aristocrata” (Caminha, 1994, p.51). Distinguia-se também pelo “seu modo de falar num sotaque aporuguesado, muito moderado na conversação íntima, as suas maneiras delicadas, os seus belos dentes branquejando sob um bigode sedoso e bem tratado”. Em Fortaleza era considerado o “homem da moda, o ‘querido das moças’, o grande amigo do Ceará”, pois, além de todos os benefícios na administração pública, havia, finalmente, “introduzido em Fortaleza certos costumes parisienses” (Caminha, 1994, p.113-4).

As imagens que se produzem a partir da relação personagem-ciência, ou personagem-conhecimento, mostram a predominância de dois tipos. Um é aquele que se define pela exteriorização, que se expõe publicamente e faz uso de todos os dispositivos que permitem identificá-lo enquanto portador de saberes e virtudes intelectuais e morais. O outro é o que faz de sua relação com o saber a razão de sua existência, cujo espírito foi tocado pelas verdades mais elevadas; alguns demonstram desapego das coisas mundanas<sup>59</sup>, outros, se afastam do convívio social.

Raimundo e doutor Castro podem ser citados como exemplos daqueles cujo modo de ser e, especialmente, de se apresentar publicamente resultam da educação que receberam. Muitos outros, e aqui se incluem aqueles que não possuem qualquer

---

<sup>58</sup> É interessante ver como determinadas características se repetem em alguns personagens, como as que caracterizam o doutor Castro de *A Normalista*, Raimundo em *O Mulato*, e doutor Armando em *Policarpo Quaresma*: “ia conversando pausadamente, sentenciosamente, dogmaticamente [...]. Vinha radiante, com seus grandes bigodes e o seu rosto redondo cheio de satisfação de si mesmo”. (Lima Barreto, s.d., p.73 e p.135)

<sup>59</sup> Este desapego das coisas mundanas também se externaliza através de determinados comportamentos, como o faz o jovem Isaías Caminha em seus primeiros anos de escolaridade: “... pus-me a colimar glórias extraordinárias, sem lhes avaliar ao certo a significação e a utilidade. [...] Veio-me a *pose*, a necessidade de ser diferente. Relaxei-me no vestuário e era preciso que minha mãe me repreendesse para que eu fosse

virtude intelectual, e cuja formação deixou muito a desejar, buscam através de certos comportamentos e do uso de determinados dispositivos produzir uma imagem de homens cultos e de inteligência admirável.

Por outro lado, existem aqueles que, embora portadores de um saber, evitam qualquer publicidade desta condição. Barbosa, personagem de *A Carne*, é um caso exemplar. Espírito forjado pela ciência, Barbosa passou alguns anos na Europa convivendo e aprendendo com as eminências da ciência do seu tempo. Na Inglaterra ficou mais tempo, “aprendendo com um tipão que afirma que nós somos macacos” (Ribeiro, 1999, p.30). Na convivência diária demonstrará os seus saberes; nas confabulações com Lenita, quando trata da picada de cobra sofrida por ela, na resolução do mistério da morte dos escravos da fazenda, e em muitas outras ocasiões, até no momento da morte, estará presente a sua ciência. No entanto, vive exilado na fazenda do pai, ou se interna nos sertões em longas caçadas – “abandonara o mundo”.<sup>60</sup>

O isolamento também marcará a vida de Policarpo Quaresma. Vivendo há trinta anos quase só, cultiva um ideal, quer um “conhecimento inteiro do Brasil [...], para depois apontar os remédios, as medidas progressistas, com pleno conhecimento de causa” (Barreto, s.d., p.13). O seu programa de estudos incluirá todas as áreas que permitam melhor conhecer o seu país: estudará sua história, sua geografia, sua literatura, aprenderá línguas para ter acesso ao que os grandes sábios do estrangeiro, que escreveram sobre o seu país, procurará conhecer a língua dos indígenas e os costumes do povo. Durante muito tempo guardará para si estes conhecimentos; “vivendo num isolamento monacal”, sua vida se passa entre os livros e o Arsenal, onde exerce o cargo de subsecretário. “Nada de ambições políticas ou administrativas” (Barreto, s.d, p.19).

Embora limitados, como todas as tipologias, os modelos de que aqui lançamos mão nos permitem avançar em relação ao entendimento das representações que se fizeram presentes na produção literária brasileira do final do século XIX, a qual fez de aspectos da vida daquele momento seus temas de fabulação. A construção de tipos para caracterizar determinadas formas de relação dos sujeitos com o conhecimento

---

mais zeloso. Fugia aos brinquedos, evitava os grandes grupos, punha-me só com um ou dois, à parte, no recreio do colégio [...]”. (Barreto, 1978, p.29-30)

<sup>60</sup> Embora tenha abandonado o mundo, Barbosa conservará alguns hábitos: “Abandonara a sociedade, mudara de hábitos, só conservara, como relíquias do passado, o asseio, o culto do corpo, o apuro desprezioso do vestir”. (Ribeiro, 1999, p.113)

faz deles, elementos de mediação entre a realidade exterior e o mundo imaginário. Tais tipos irão se constituir a partir de elementos, ou conceitos, facilmente identificáveis, como as características individuais, a condição social, os meios e o lugar no qual o conhecimento foi obtido.

### **Mulheres menos verdadeiras**

*... fui sábia, fui preciosa tanto tempo, que achei de justiça dar-me o luxo de ser ignorante, de ser mulher um pouquinho.* (Ribeiro, 1999, p.134)

Quanto às personagens femininas, são poucas as que são mostradas em uma relação com o mundo do saber. Para as muitas que aparecem, embora algumas ocupem um lugar de destaque na trama, seu universo de preocupações gira em torno das questões pessoais, principalmente dos fatos que dizem respeito à vida amorosa.

Pode-se dizer que Lenita é uma exceção. Submetida a uma educação que fugiu aos padrões estabelecidos para as moças do seu tempo<sup>61</sup>, é atraída para o mundo do saber e da ciência. Após as primeiras conversações, Barbosa se surpreende com sua erudição: “a Exma. Senhora dona Helena dispõe de erudição assombrosa, mais ainda, tem ciência verdadeira, é um espírito superior, admiravelmente cultivado” (Ribeiro, 1999, p.49). Lenita vive em conflito, pois como mulher superior, que se considera, não aceita as manifestações de seus “instintos femininos”: “Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho”;[...] “era a suprema humilhação” (Ribeiro, 1999, p.21).

---

<sup>61</sup> É interessante ver a crítica feita ao romance *A Carne* por José Veríssimo em 1889, principalmente no que diz respeito à educação recebida por Lenita: “A heroína, Helena, ou Lenita – nome familiar –, é-nos apresentada num romance que se diz naturalista com um aparato descritivo do mais piegas e vulgar romantismo. Recebe uma educação de fantasia, como nunca mulher nenhuma recebeu no Brasil e como raríssimas terão recebido fora daqui. ‘Estudou o italiano, o alemão, o inglês, o latim, o grego; faz cursos muito completos de matemáticas, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. Tudo lhe era fácil, nenhum campo parecia fechado ao seu vasto talento’. [...] E não foram só as ciências que ela profundamente estudou – senão que nenhuma das literaturas mais notáveis lhe é estranha, como não é leiga em nenhum dos exercícios viris: nada, esgrima, monta e caça. [...] Longe de ser uma criação realista ou naturalista como imagina o A.[autor], Lenita é a menos verdadeira das criações femininas do romance brasileiro”. (Veríssimo, 1977, p.188)

Há também Olga, a afilhada de Quaresma, que, embora sua educação não tenha sido nenhuma exceção em relação à educação das moças bem nascidas do seu tempo, demonstrará uma atração pelo mundo do saber. Quando é cortejada pelo jovem médico, doutor Armando, se sentirá atraída pelo saber que o futuro marido demonstra, pois acredita que ele é um homem devotado às causas da ciência, imagem que logo se desfaz. Quando vê que esta primeira imagem não se sustenta, se sente premiada pelas imposições sociais, e leva adiante o casamento.

Em muitas situações ficam evidentes as diferenças entre Olga e doutor Armando. Olga se diferencia pelo caráter, nos interesses e atitudes que demonstra diante dos fatos e até nas preferências literárias. Sendo ela a única que se manterá solidária ao tio e procurará entender a razão de seus atos: “nela havia o amor às grandes cousas, aos arrojados e cometimentos ousados” (Barreto, s.d., p.41). Em sua história, nas preocupações que demonstra, está contido o desejo de não se alienar, de romper com o papel que a sociedade lhe impõe, algo que talvez encontre apenas em seus livros.

Mas a ciência parece exigir, ou apontar para uma nova condição para a mulher. Quando Barbosa rememora os anos vividos na Europa, faz referências à participação da mulher na atividade científica, numa condição de “igualdade” com os homens: “em Paris trabalhara ele muito tempo com madame Brunet, a tradutora sapientíssima de Huxley, com ela fizera centenas de dissecações anatômicas, com ela aprofundara estudos de embriologia [...]” (Ribeiro, 1999, p.51). Se madame Brunet desfruta da possibilidade de participar do universo do fazer científico, para Lenita e Olga são as imposições sociais que definem os seus destinos.

### **Uma terra dos doutores!**

*Ah! quanto empenho não fazia a pobre velha em vê-lo formado às direitas, numa faculdade do Brasil!... Vê-lo doutor!... (Azevedo, 1989, p.30)*

*- Devia até ser proibido [...] a quem não possuísse um título “acadêmico”, ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. (Barreto, s.d., p.35)*

*... aqui em nossa terra a carta de doutor é a chave de todas as portas das boas posições sociais. (Azevedo, 1973, p.109)*

Representantes de uma elite, quase todos possuem a carta de doutor, se não, são designados como tal. O título confere poderes especiais, prestígio e distinção, sendo, para muitos, uma grande aspiração. Ser “doutor” é um fetiche, Amâncio deseja a nobreza que o título dará ao seu nome, e quer atender aos desejos de sua velha mãe. Isaías Caminha deseja se redimir de sua condição de nascimento – pobre e mulato –, para pertencer àquela “outra casta”. Talvez tenha sido este um sonho alimentado secretamente por André, que, ao se ver barrado no momento dos exames para o ingresso na faculdade, volta-se para o professorado. “Formar-me! Acho desnecessário! Minha vocação toda é o professorado, e para isso não preciso ter carta, basta-me saber conscienciosamente as matérias que ensinar” (Azevedo, 1973, p.87).

O conjunto das trajetórias individuais mostra que o tão cobiçado título é, muito mais, um instrumento de reafirmação do que de redefinição dos papéis, e servirá fundamentalmente para aqueles, que sendo os eleitos, manterem suas conquistas, fugirem da decadência e galgarem novos postos.

Para o branco e bem nascido, o título e o reconhecimento enquanto homem de saber consolidará esta condição. Teobaldo e doutor Armando farão uso da condição de homens reconhecidos pelo nascimento e pelos títulos para obterem as benesses que a sociedade lhes pode proporcionar – do bom casamento aos cargos na administração pública. “Não tinha fortuna alguma, mas julgava o seu banal título um foral de nobreza, equivalente àqueles com que os autênticos fidalgos da Europa brunem o nascimento das filhas dos salchicheiros *yankees*” (Barreto, s.d., p.68).

A tríade título, reconhecimento público e condição de nascimento produzirá uma aura sobre doutor Castro, o ilustre presidente do Ceará, fazendo dele um modelo a ser copiado. “Queria-o assim mesmo com todas as suas manias aristocráticas e afidalgadas, com os seus gestos elegantes, arrotando grandeza e bom gosto, tal qual o presidente da província de quem se dizia amigo” (Caminha, 1994, p.33). Mas para Raimundo, que tanto encanta em seu retorno a São Luís, o título e todas as qualidades adquiridas em seus anos de estudos na Europa, assim como sua fortuna, não lhe protegerão dos preconceitos que recaem sobre a sua origem. “Mas do que servia então ter-se instruído e educado com esmero? Do que servia a sua conduta reta e a inteireza do

seu caráter?... [...] Mas que culpa tinha ele em não ser branco e não ter nascido livre?...” (Azevedo, 1998a, p.288).

Mas há também aqueles que, nem sempre seduzidos pelo título, sonham em adentrar no mundo do conhecimento, ou conquistar um espaço para a expressão de sua arte. Estes, em sua maioria, não nasceram em berço de ouro, são homens do povo que buscam algo que dê sentido para as suas vidas. Encontraremos trajetórias como as de André, Leonardo Flores, Marramaque e mesmo Policarpo Quaresma, todos com seus sonhos e aspirações, que passam de alguma forma pelo mundo do saber. Alguns possuem grandes ideais, outros, querem apenas conhecer os segredos de uma ciência, dar vazão a uma vocação e, finalmente, há aqueles que desejam expressar a sua arte.

Na terra dos doutores os lugares estão demarcados: “ – ‘Cada qual com seu igual’, doutrinava o coronel” (Caminha, 1994, p.33). Poucos são capazes de superar todas as barreiras, mas na maioria das vezes, a superação de algumas não significa a aquisição do direito de triunfar entre aqueles que se julgam os legítimos representantes das castas a quem cabe o poder.

### **Bons costumes**

*... gostava de passar bem, de “fazer figura”, e, até certo ponto, revelava uma natureza delicada que não era indiferente ao aspecto exterior das coisas; sabia mesmo aquilatar objetos de arte, escolher bric-à-bracs.*

*Ninguém o excedia. Era o que se pode chamar “um homem de bons costumes”, um pouco orgulhoso e d’uma susceptibilidade a toda a prova em matéria de dignidade pessoal: irrepreensível e caprichoso na intimidade doméstica como na vida pública. (Caminha, 1994, p.34)*

*Não lhe parecia bem aquela intimidade com um sujeito sem título, sem posição brilhante e sem fortuna. (Barreto, s.d., p.72)*

Não são apenas os títulos que produzem distinções<sup>62</sup>. Para os que não conseguiram conquistá-los, e mesmo para os seus possuidores, se faz necessário cultivar

---

<sup>62</sup>A distinção pelo gosto: “Gostos em matéria de língua, literatura, música, pintura, arquitetura, jardinagem, mobiliário, vestimenta, cozinha etc. Nestes campos diferentes, a função das artes não era

outros símbolos que irão lhes proporcionar algum tipo de distinção. Estas “práticas distintivas”, que na maioria das vezes podem ser traduzidas em formas de sociabilidade e hábitos de consumo, darão visibilidade aos sujeitos e os identificará com os valores cultivados pelos extratos sociais a que pertencem, ou que almejam pertencer.

Exemplar é a história de João Romão que, passando da condição de imigrante miserável para a de um rico comerciante, busca adquirir novos hábitos que o façam reconhecido enquanto homem possuidor de riquezas e saber. Ao procurar penetrar naquele mundo que apenas vislumbrava em sonhos, João Romão operará uma grande mudança, dando um novo tratamento a sua aparência, adquirindo novos hábitos de consumo e de lazer, valorizando a sua privacidade e se inserindo em um outro contexto de relações sociais.

Uma transformação que também ocorre com Raimundo<sup>63</sup>, que sai do Brasil ainda menino, como filho de escrava e senhor, e volta como o refinado doutor. Tais transformações resultam de um processo de formação, sendo o de Raimundo de longa duração; ele passa pelos anos de colégio, pelas experiências da vida universitária e faz uma longa viagem pelo continente europeu, na qual busca conhecer e se instruir. Já o programa de João Romão é mais modesto, e se compõe de leituras, aulas de dança, da freqüência a lugares de convívio público, da imitação dos comportamentos, enfim, de

---

apenas – nem talvez principalmente – tornar mais confortável ou prazerosa a vida das elites, e sim permitir-lhes manifestar seu bom gosto, novo critério de distinção social.

Tais critérios continuaram numerosos, como os próprios aspectos da vida social: um poder superior no âmbito político, militar ou econômico não implicava necessariamente uma situação mais destacada do quadro de relações mundanas. E, neste último, o berço, a riqueza, o brilho etc. constituíam critérios de distinção independentes entre si. Contudo, cabe observar que foi no âmbito da vida mundana que os critérios de distinção se multiplicaram ao longo dos séculos. A Idade Média privilegiou a cortesia, que substituiu nos períodos subseqüentes com os nomes de ‘civildade’, ‘urbanidade’, ‘polidez’; o Renascimento insistiu na eloqüência, que nunca mais deixou de ser valorizada; e o século XVII inventou o bom gosto.

Essa noção, partícipe do ser e do ter, é a primeira de todas que acabamos de mencionar que se refere ao indivíduo como consumidor. Sem dúvida, isso tem alguma relação com o fato de que grandes senhores, que a partir do século XVII definitivamente perderam a maioria de seus antigos poderes políticos e militares, passam a ser sobretudo grandes consumidores; e também está ligado ao fato de que o campo do consumo e do luxo é aquele em que as diversas classes componentes das elites sociais do século XVII e XVIII podem comunicar-se com maior facilidade” (Flandim apud Chartier, 1991, p.308).

<sup>63</sup> Sobre a transformação que se opera em Raimundo, vejamos como ele se apresenta ao chegar em Portugal: “A princípio, logo que o deixavam sozinho, punha-se a chorar”. Tinha muito medo do escuro: “à noite, cosia-se contra a parede, abraçado aos travesseiros. Não gostava dos outros meninos, porque lhe chamavam ‘Macaquinho’. Era teimoso, cheio de caprichos, ressentia-se muito da má educação que os portugueses trouxeram para o Brasil”. (Azevedo, 1998a, p.75)

um conjunto de pequenos expedientes com os quais procurar ganhar visibilidade, pois só assim será “um homem civilizado”.<sup>64</sup>

Esta civilidade que se expressa através dos hábitos e dos objetos, produz-se a partir de uma hierarquia, a qual define os lugares a serem ocupados por cada um na sociedade. Título, posição e fortuna, terão sua expressão por intermédio daqueles dispositivos que os preceitos de civilidade elegeram, e será através deles que se farão as distinções.

### **Livros e leitores**

*... leram junto a Fisiologia do Matrimônio de Debay, [...] especialmente o capítulo – a calipedia ou arte de procriar filhos... (Caminha, 1994, p.103).*

*... os livros de fisiologia acabaram de a edificar; em Püss aprendera que a menstruação é uma muda epitelial do útero conjunta por simpatia com a ovulação... (Ribeiro, 1999, p.22)*

*O dicionário é o universo. Gaba-se de esclarecimento, mas atordoa [...]. Causava terror aquela sabedoria de coisas nunca sonhadas... (Pompéia, 1992, p.51)*

*... um tratado de fisiologia [...] a uma das gravuras, fechou o livro com ímpeto e olhou em torno [...]. Tinha visto de surpresa um espetáculo que os seus sentidos ainda mal formulavam por instinto – o ato da fecundação. Fizera-se cor de romã... (Azevedo, 1998a, p.141)*

Informar, formar, revelar, corar: entre as páginas dos livros muitas verdades se escondem, descortinam “um mundo vasto e nebuloso”. Podem ser apenas tratados que expõem “com a fria sem-cerimônia da ciência”, a fisiologia dos corpos e suas alterações, ou léxicos com suas insofismáveis verdades; mas os significados que produzem vão muito além dos caracteres ou das figuras que trazem impressas. São muitas as leituras que contemplam.

---

<sup>64</sup>O programa desenvolvido por João Romão contempla, em parte, as categorias que Philippe Ariès considera como características das mudanças no modo de viver que se operam da Idade Média até a modernidade, dentre as quais de destacam: uma nova atitude em relação ao corpo; o gosto pela solidão; o gosto, como autêntico valor e elemento de distinção, e uma nova arquitetura da casa, separando o público do privado. Cf. Ariès, 1991.

Personagens-leitores, muitos se formam e se informam pela leitura. Leituras que influenciam o seu modo de pensar, redefinem suas ações, e podem interferir de forma incisiva em seus destinos – “... o livro de Casimiro de Abreu caiu-lhe n’alma como uma revelação de novas terras e novos céus”. Instigados pelas revelações e pelos sonhos que suas leituras produzem, partem para explorar terras desconhecidas. “Marramaque resolveu agir, isto é, instruir-se, educar-se e... fazer versos também. Para isso, precisava sair dali, ir para a Corte” (Barreto, 1995, p.37). “E Amâncio sentia necessidade de dar começo àquela existência que encontrara nas páginas de mil romances” (Azevedo, 1998, p.18).

À posse dos livros também serão atribuídos sentidos diversos. Para Quaresma, um simples subsecretário, sem títulos acadêmicos, possuir uma biblioteca “pejada de cima abaixo” causava um certo incômodo, principalmente no afamado clínico da região. Quando é internado, atribuem à mania de leitura a razão de sua loucura: “Aqueles livros, aquela mania de leitura... Pra que ele lia tanto?” (Barreto, s.d., p.35). Já doutor Armando faz de tudo para que da rua apreciem sua biblioteca, cujas “paredes estavam forradas de estantes que gemiam ao peso dos grandes tratados”, e seus momentos de leitura: “à noite, ele abria as janelas das venezianas, acendia todos os bicos-de-gás e se punha à mesa, todo de branco com um livro aberto sob os olhos” (Barreto, s.d., p.91).

Nas situações descritas no parágrafo anterior, o que se tem, são os significados atribuídos ao objeto livro. As bibliotecas de Quaresma e doutor Armando não são públicas; de onde os passantes a observam, dificilmente poderão reconhecer os seus conteúdos, mas irão distinguir seus proprietários – são homens cercados de livros, devem ter algo de especial. Talvez seja esta a crença de João Romão, que, em seu programa de civilidade, incluirá os romances franceses traduzidos, “que o ambicioso lia de cabo a rabo, com uma paciência de santo, na doce convicção de que se instruía” (Azevedo, 1998b, p.195).

Em outras histórias os livros ou, em alguns casos, um determinado livro, irão acompanhar o personagem servindo-lhe como guia, oráculo, dando-lhe respostas e sentido a sua vida. Isaías Caminha recebe de sua professora, *O Poder da Vontade*, livro que o acompanhará pela vida. Nos momentos de aflição, encontra

conforto em suas páginas: “Recordei-me das minhas leituras, daquele *Poder da Vontade*, das suas biografias heróicas: Palissy, Watt, Franklin...; [...] havia de fazer como eles” (Barreto, 1978, p.67). Meneses monta uma pequena biblioteca em seus primeiros tempos no Rio, quando trabalha na construção de uma avenida. “*As Grandes Invenções*, de Luís Figuiier, *As Maravilhas da Ciência*, de Tirrandier; manuais de toda a sorte de ofícios e recortes de jornais que tratavam de coisas científicas ou parecidas, colados e encadernados”. Esta biblioteca representa os despojos de um sonho nunca concretizado: “Dessa biblioteca, nunca se separou; e, conquanto já bebesse, com o tempo, os desgostos e a miséria atraíram-no mais para o álcool, e o furor de beber o tomou inteiramente” (Barreto, 1995, p.80).

Os livros se farão presentes nos processos de formação, e será na vida dos jovens leitores que deixarão marcas mais profundas. Recordemos da angústia do jovem André diante da biblioteca que se encontrava fechada: “passava horas esquecidas sobre a cadeira, na pontinha dos pés, a olhar de longe os livros” (Azevedo, 1973, p.24); das leituras do menino Sérgio, que se refugia nas aventuras literárias: “Ao famoso contador do *Tour du monde* devo uma multidão numerosa dos amáveis fantasmas da primeira imaginação [...]” (Pompéia, 1992, p.92); de Maria do Carmo lendo à luz de velas, se encantando às escondidas com as aventuras amorosas d’ *O Primo Basílio*, que só lia “à noite, no seu misterioso quartinho” (Caminha, 1994, p.24); ou mesmo do jovem Amâncio, que sonha com a Paris impressa nos romances: “O Rio de Janeiro afigurava-se-lhe uma Paris de Alexandre Dumas ou de Paulo de Kock, uma Paris de estudantes e costureiras...” (Azevedo, 1989, p.18).

São muitas as representações e os sentidos atribuídos à leitura e, em todas elas, esta prática nunca é neutra, pois carrega consigo “uma multidão de amáveis fantasmas”, de sonhos. Nos romances, os personagens-leitores nunca passam imaculados pelas suas leituras, nunca são os mesmos depois de atravessarem este rio.

Assim como ao ato de ler, ao ato de escrever, e principalmente, ao de publicar um livro são atribuídos significados. Publicar é materializar um determinado valor, é eternizar e tornar visíveis determinadas qualidades. Por isso, o significado das publicações não se separa dos objetos que lhes dão materialidade, sendo que, muitas vezes é a conquista deste objeto – o livro publicado – que mobilizará os indivíduos.

[Genelício] já estava subdiretor e o seu trabalho era agora imaginar meios e modos de ser diretor. A coisa era difícil; mas trabalhava num livro: *Os tribunais de Contas nos Países Asiáticos* – o qual, demonstrando uma erudição superior, talvez lhe levasse ao alto lugar cobiçado. (Barreto, s.d., p.132)

## **Objetos do saber**

*Os realistas do século XIX (tanto românticos quanto naturalistas) levaram ao máximo esse povoamento do espaço literário pelo pormenor, - isto é, uma técnica de convencer pelo exterior, pela aproximação com o da realidade observada.* (Candido, 1987, p.79)

Além dos livros, outros objetos portadores de conhecimento se fazem presentes nos romances, sendo em sua maioria objetos de uso escolar. Em *A Carne*, Barbosa monta o seu laboratório com instrumentos de demonstração; suas preleções possuem um didatismo professoral, suas definições parecem frases saídas dos manuais de ensino. Já em *Policarpo Quaresma*, o museu de produtos naturais montado no Sossego, os seus estudos de ciências naturais, assim como os manuais e os instrumentos que adquire para auxiliar na lavoura, parecem seguir os princípios de um programa escolar. Ali estão presentes a teoria, fundada nas várias áreas do conhecimento – “o furor autodidata dera a Quaresma sólidas noções de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia” -, as classificações, o inventário, e as prescrições para a prática (manuais), a qual não pode prescindir dos dados colhidos por meio de modernos instrumentos de precisão: “Encomendou livros nacionais, franceses, portugueses; comprou termômetros, barômetros, pluviômetros, higrômetros, anemômetros” (Barreto, s.d., p.55).

Em *O Ateneu* e *A Normalista*, está presente muito daquilo que compõe o programa escolar, e todo um conjunto de “objetos próprios para facilitar o ensino”. Quando Sérgio chega para o seu primeiro dia no colégio, é levado para conhecer suas dependências. Neste seu primeiro contato, depara com os muitos artefatos de que ali se fazia uso, e vê em cada um, explícita ou implicitamente, uma mensagem:

Das paredes pendiam as cartas geográficas, que eu me comprazia de ver como um itinerário de grandes viagens planejadas. Havia estampas coloridas em molduras negras, assuntos de história santa e desenho grosseiro, ou

exemplares zoológicos e botânicos, que me revelavam direções de aplicação estudiosa em que eu contava triunfar. Outros quadros vidraçados exibiam sonoramente regras morais e conselhos muito meus conhecidos de amor à verdade, aos pais, e temor a Deus [...]. (Pompéia, 1992, p.28)

A série de objetos que fazem parte do colégio Atheneu será complementada em outros momentos, quando aparecem os maquinismos do ensino astronômico, as cartas iconográficas, as peças anatômicas, objetos que representam, antes de tudo, a modernidade que o colégio quer demonstrar.

Na descrição que Maria do Carmo faz da sala em que assiste à aula de geografia, reclama que ali não “se via um só mapa, uma só carta geográfica nas paredes”.

... onde punham sombras escuras pelas de animais selvagens colocadas por cima de vidraças que guardavam intactos aparelhos de química e física, redomas de vidro bojudas e reluzentes, velhas máquinas pneumáticas nunca servidas, pilhas elétricas de Bunsen, incompletas, sem amálgama de zinco, os condutores pendentes num abandono glacial; coleções de minerais, numerados, em caixinhas, no fundo da sala, em prateleiras volantes... Nenhum indício, porém, da esfera terrestre. (Caminha, 1994, p.49)

Maria do Carmo quer para a sua escola alguns daqueles objetos que Sérgio encontra em seu colégio. Do mesmo modo, alguns dos aparelhos que estão ali se deteriorando serão encontrados no laboratório montado por Barbosa na fazenda de seu pai, e fazem parte da relação dos instrumentos que compõem os laboratórios do “Gymnasio da Capital do Estado de São Paulo”<sup>65</sup>. Esta recorrência aos mesmos objetos e às mesmas práticas mostra que as representações sobre as formas de veiculação dos conhecimentos, expressas nos vários romances, não são divergentes, constituindo-se, predominantemente, com base no modelo escolar.

Mas ao fazer da experiência escolar tema de fabulação, um outro componente irá aparecer: a cultura dos escolares. Elementos desta cultura serão visíveis nos relatos de situações que transpõem o programa escolar, nos quais, além das práticas, aparecem os interesses que são próprios dos escolares. É assim que vemos aquela outra formação pela qual passa Maria do Carmo, após ingressar na Escola Normal: “Sua vida

---

<sup>65</sup> Como já foi observado anteriormente, parte significativa dos aparelhos citados em *A Carne* está arrolada no *Programma das diversas disciplinas que constituem o ensino no Gymnasio da Capital do Estado de São Paulo*, de 1913.

agora traduzia-se em ler romances que pedia emprestados a Lídia, toda preocupada com bailes, passeios, modas e *tutti quanti...*” (Caminha, 1994, p.17). Com Sérgio, as leituras que são próprias dos estudantes, muitas condenadas pelos códigos morais do colégio, e outras práticas, como a montagem dos armários na sala de estudos, as atividades do grêmio, as relações de amizade e as diversas formas de agrupamento dos alunos.

As citações, a referência a autores e objetos e algumas práticas de formação mostram que a ciência que se fez presente nas obras analisadas possui muita proximidade com a ciência escolar; ou melhor, pode-se dizer que o conjunto das imagens da ciência presentes na literatura brasileira do final do século XIX se respaldou em dispositivos e modelos escolares.

### **Os mundos imaginários e os mundos reais<sup>66</sup>**

*Os romances, mesmo os mais puros, fazem mal; ensinaram-nos o que há de mais secreto nos sentimentos. Não podemos experimentar mais nada sem lembrar que o lemos, e todos os véus do coração se rasgaram. Os antigos jamais teriam feito assim de sua alma um assunto de ficção.* (Madame de Stäel citada por Watt, 1996, p.179)

*A circunstância de achar-se em um paquete, sozinho, ouvindo o ronrom monótono da máquina e sentindo, como nos romances, as vozes misteriosas dos elementos sussurrarem à volta de seus ouvidos – encantava-o. Prestava muita atenção aos mais pequeninos episódios de bordo: olhava interessado para a grossa figura dos marinheiros que baldeavam pela manhã o tombadilho, a dançar com a vassoura aos pés; estudava o tipo dos outros passageiros, procurando descobrir em cada qual um personagem de seus livros favoritos [...].* (Azevedo, 1989, p.26)

*Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente.* (Candido, 1987, p.53)

---

<sup>66</sup> “Os mundos imaginários e os mundos reais” é também o título de uma obra do escritor francês Camilo Flammarion (1865), uma das inspirações confessadas de Emilio Zaluar, para escrever o *Dr. Benignus* (1875).

Os romancistas são criadores de mundos imaginários, mundos que possuem algo que talvez o mundo real não possua, ou que ainda não conhecemos; uma ordem que rege todos os acontecimentos, uma intencionalidade em todos os fatos, na qual todos existem em função do papel que lhes foi designado. Estas características dos mundos imaginários nos permitem fragmentá-los, reduzi-los às suas mínimas partes, e, ainda assim, estabelecer nexos e sentidos à existência de cada uma destas partes. Foi o que se fez com os romances que participam da composição desta obra.

Homens que viveram as angústias e os embates do seu tempo, os romancistas que compuseram esta série representam a expressão não de um grupo específico, quanto à origem econômica, geográfica, racial ou social, mas que se constitui na relação e na crença que depositaram nas letras. Talvez este seja o elemento mais consistente, senão o único, que permite agrupá-los. Muito embora nem sempre partilhem das mesmas convicções e valores, suas obras revelam, pelo conteúdo moral do qual se fazem portadoras, a intenção de fazer das letras um elemento mobilizador de paixões e interesses.

A compreensão desta “crença nas letras” não pode ser desvinculada dos processos e dispositivos pelos quais a produção literária circula naquele momento, e da existência e especificidades do público leitor<sup>67</sup>. Nas obras analisadas aparecem enquanto representação deste público leitor, os leitores de romances. A exposição de situações, nas quais se busca retratar as práticas e os significados da leitura, torna possível destacar os referentes<sup>68</sup> com os quais os autores projetam em suas obras o seu público leitor. Este público leitor pode não representar especificamente uma classe ou um extrato social e fugir das classificações a que estamos habituados, especialmente quando nos prendemos às tipologias fundadas no plano das relações econômicas, e deve ser visto como um grupo que se constitui com base em uma identidade cultural.

---

<sup>67</sup> Nelson Schapochnik (1994) levanta algumas questões sobre quem seriam os representantes deste grupo no período: “A afirmação de que a leitura foi uma prática circunscrita a uma parcela diminuta da sociedade do século dezenove faz parte do repertório de nosso ‘saber tácito’, isto é, do arsenal de certezas que se mostra tão seguro a ponto de parecer evidente por si mesmo. Na verdade, esta afirmação acaba por escamotear o fato de que, infelizmente, ainda carecemos de estudos que avaliem a diversidade dos artefatos textuais (jornais, revistas e livros) que circulam na corte imperial, o circuito de comunicação, as diferentes bases institucionais de leitura”. (p.147-8)

<sup>68</sup> Se o uso das descrições e do pormenor é um recurso para a produção do “efeito de verdade”, já que o leitor identifica na descrição a materialidade do seu mundo, pode-se supor, também, a existência de outras identificações, que se dão por meio das crenças e das visões de mundo, aproximando autor e leitor.

Esta categoria, “leitor de romances”, tem como único critério para definição dos seus membros a prática da leitura de romances; sendo assim, é uma classificação que transpõe as outras tipologias, já que nela não importa a condição de classe, de gênero, de religião, de raça ou outra qualquer. Mas isto não impede a existência de hierarquias e discriminações, já que o ato da leitura – o onde e o como – e o conteúdo – o que se lê – são usados como critérios para classificações e definições. Nos romances analisados, há uma diferenciação dos personagens na qual suas práticas de leitura, especificamente os títulos e autores que lêem, aparecem vinculados às características que os definem. “Precisava, porém, iludir-se, a si mesmo e à mulher. [...] Tratou de encomendar algumas novelas de Paulo de Koch em lombadas com títulos trocados [...]” (Barreto, s.d., p.91).

A hierarquização dos títulos de que os personagens fazem uso, associada ao fato de que, nos romances, a relação das obras que compõem as leituras dos personagens, são as mesmas que estão em circulação naquele momento<sup>69</sup>, pode ser vista como um elemento de produção de identificações. Sendo uma, aquela que diz respeito às preferências literárias, e a outra, que estabelece uma relação entre tipos humanos, representados pelos personagens, e uma classificação literária. Desta forma conceitos que distinguem textos literários como vulgar e clássico, chulo e requintado podem ser aplicados aos membros participantes da comunidade dos leitores de romances.

Esta questão nos remete a uma outra hierarquização que se produz na formação dos personagens, que não diz respeito apenas ao que eles lêem, mas ao tipo de conhecimento que têm ou tiveram acesso. Sendo os hábitos de leitura considerados decorrentes da formação e dos atributos intelectuais dos sujeitos, determinadas leituras só se tornam possíveis a quem domina seus códigos, assim como ingressarão em certos

---

<sup>69</sup> É interessante observarmos que as obras que compõem a leitura dos personagens são aquelas em circulação naquele momento. Antonio Candido (1975) traz uma pequena relação de obras traduzidas que estiveram em circulação no Brasil durante o século XIX, e faz uma indagação sobre as influências que esta literatura teve sobre o nosso romance. “Os livros traduzidos pertenciam, na maior parte, ao que hoje se considera literatura de carregação; mas eram novidades prezadas, muitas vezes, tanto quanto as obras de valor. Assim, ao lado de Georg Sand, Mérimée, Balzac, Goethe, Irving, Dumas, Vigny, se alinhavam Paul de Kock, Eugène Sue, Scribe, Soulié, Berthet, Souvestre, Féval, além de outros cujos nomes nada mais sugerem atualmente: Bard, Gonzalés, Rabou, Chevalier, David, etc. Na maioria, franceses, revelando nos títulos o gênero que se convencionou chamar de folhetinesco. Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance? Às vezes, mais do que os livros de peso em que se fixa de preferência a atenção”. (p.121-2)

campos do saber aqueles que possuem as qualidades que os habilitem a tal empreitada. Neste ponto, nada é mais característico do que a entrada no mundo da ciência.

A relação com a ciência, que aparece representada através de diversos personagens, traz, como elemento comum, uma formação livresca. São os livros, quando muito, alguns estudos desinteressados em centros de produção de conhecimentos, ou a formação escolar, que colocam os personagens em contato com este conhecimento. Sendo assim, as relações com o conhecimento científico que se fazem representar na literatura, são produzidas na esfera do privado, em práticas de individualização, e suas manifestações estarão coladas aos indivíduos, que darão vazão a este conhecimento, segundo suas características e seus interesses pessoais.

Schwarz (1993) aponta o papel que os modismos científicos têm no Brasil do final do século XIX e o uso que é feito dos manuais e da literatura de divulgação neste processo. Por outro lado, os romances analisados parecem ser uma ilustração deste processo, ainda mais se considerarmos que parte desta produção literária busca tornar-se em expressão da realidade – “o romancista redige a ata, ou o relatório”<sup>70</sup>. Nestes, os modelos dos quais lançam mão para representar a realidade configuram uma relação com a ciência, que pode ser caracterizada, conforme define Schwarz, como “uma cientificidade difusa e indiscriminada” (p.30).

Embora o estabelecimento destas homologias nos induza a ver nesta relação entre “interpretação histórica” e “produção literária” um determinismo no qual a arte é apenas uma reprodução da vida, alguns conceitos orientadores, como o conceito

---

<sup>70</sup> Como se propõem aqueles que aderem ao naturalismo de Zola. Neste ponto é interessante ver como os “modismos” geram atitudes também no campo literário; vejamos um trecho de uma crônica de Olavo Bilac escrita em 1908: “Já lá se vão vinte anos... Nesse tempo, Zola era o autor da moda. Todos nós, rapazolas que começávamos a escrever, poetas incipientes, que já nos julgávamos gênios, e prosadores bisonhos, que já nos considerávamos glórias nacionais – todos nós tínhamos a mania do ‘naturalismo’, do ‘documento humano’, da *tranche vie*. E, alta noite, enquanto os ‘burgueses ignóbeis’ dormiam – saíamos a correr estalagens, baiúcas, alforjas.

Às vezes, chegávamos ao extremo do disfarce espetaculoso: saíamos de casa, sem gravata, vestindo blusas de zuarte desbotado, e fumando cachimbos que nos davam náuseas.

Quase todas essas excursões, que eram verdadeiramente de pândega, mas que nós solenemente afirmávamos serem de severa documentação psicológica, iam acabar no Mercado, à hora em que os botes e as catraias chegavam, trazendo os peixes, as frutas, os legumes...

Apanhávamos ali, muita vez, furiosas indigestões de documentos humanos e de ostras cruas! Mas a ilusão era magnífica: estávamos realizando e estudando praticamente as cenas do *Ventre de Paris...*” (Bilac, 1996, p.138-9)

de representação<sup>71</sup>, e o significado do romance<sup>72</sup>, levam a outras reflexões. Primeiro, que este produto cultural se constitui em uma forma de “exibir uma maneira própria de estar no mundo”, pois é expressão de um determinado segmento, o qual compartilha de valores e visões de mundo que se aproximam. Isto talvez explique porque, embora na produção literária exista uma preocupação com o novo, principalmente com aquilo que os autores julgam representar a modernidade, esta expressa, em muitas situações, muito mais uma adequação do novo ao estabelecido, do que propriamente o contrário. Como diz Alba Zaluar, vivia-se em “um país que se modernizava e continuava como dantes”.<sup>73</sup>

Considerando aquele ambiente cultural, no qual as representações sobre a ciência e o fazer científico se estabelecem com base em referenciais comuns a um grupo – como a vinculação da formação científica aos atributos de civilidade –, pode-se fazer a seguinte indagação: até que ponto, neste ambiente, a expressão e as ações dos “homens de ciência” – e aqui falo daqueles que fizeram a ciência no Brasil, e não dos personagens literários, principalmente a forma como se apresentam e se representam socialmente – não foram pautadas, e até de certo ponto fomentadas, pelas imagens colhidas nas páginas dos romances?

De qualquer modo, uma compreensão das transformações pelas quais passam as concepções sobre a ciência e o fazer científico, e mesmo das políticas e das iniciativas em relação à ciência brasileira, ao longo dos séculos XIX e XX, requer uma inserção no universo de suas representações.

---

<sup>71</sup> Aqui o conceito de representação é aquele proposto por Chartier (1990).

<sup>72</sup> Sobre o romance enquanto gênero literário, observar as definições de Watt (1996) e Candido (1987).

<sup>73</sup> Esta frase Alba Zaluar usa para definir o contexto no qual Emilio Zaluar escreverá o Dr. Benignus Cf. Zaluar, 1994.

## **Bibliografia**



## Bibliografia

- ANJOS, A. dos. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997. (Biblioteca Folha; 24).
- ASSIS, J. M. M. de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.
- AZEVEDO, A. *O mulato*. Porto Alegre: L&PM, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 1998b.
- \_\_\_\_\_. *Casa de pensão*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O coruja*. 12. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1973.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- BARBOSA, J. A. *A biblioteca imaginária: ou o cânone na história da literatura brasileira*. São Paulo: Ateliê, 1996.
- BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- \_\_\_\_\_. *O homem que sabia javanês: e outros contos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BASSI, C. M. *Joaquim Manoel de Macedo: o leitor e a leitura no século XIX*. Campinas: 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1).
- BILAC, O. *Vossa insolência: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BROCA, B. *Naturalistas, parnasianos e decadentistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

- CAMINHA, A. *A normalista*. 10.ed. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Bom-crioulo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.
- \_\_\_\_\_. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000.
- CANDIDO, A. et. al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CARVALHO, José. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAVALLO, G. & CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998 - v.1, 1999 - v. 2.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, A. M & HÉRBRAD, J. *Discursos sobre a leitura: 1880-1980*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel: Bertrand, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas*. Brasília: Editora da UnB, 1994.
- \_\_\_\_\_. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. *História da vida privada 3: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, R. ; ROCHE, D. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, J. *História: novos objetos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- COELHO NETTO. H. M. *Páginas escolhidas*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda, 1945.
- COLLICHIO, T. A. F. *Miranda Azevedo e o darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- CUNHA, F. *Caminhos reais, viagens imaginárias: estudo sobre os meios de transporte na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: CEDOP do MT, 1974.

- CUNHA, M. T. S. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DARNTON, R. & ROCHE, D. (orgs.). *A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996.
- DE DECCA, E. S. *Quaresma: um relato de massacre republicano*. Campinas, 1996. (mimeo).
- ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v.1.
- ESTEVES, P. L. M. L. Paisagens em ruínas: exotismo e identidade nacional no Brasil oitocentista. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. v. 41(4), p. 831-62, 1998.
- FONTES, J. B. A corrupção da natureza. *Rev. Entretxtos Entresexos*. n. 2., p. 9-53, out. 1998.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FRAISSE, E. et al. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo: Ática, 1997.
- GAY, P. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A micro-história: e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- GONDRA, J. Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre O Atheneu. In: VIDAL, D. G. & SOUZA, M.C.C.C. (orgs.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- GOULEMOT, J. M. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: ARIËS, P. & CHARTIER, R. *História da vida privada 3: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.
- HANSEN, J. A. Discreto e vulgar: modelos culturais nas práticas da representação barroca. *Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas: IEL: Unicamp, 1991, n 17.

- HERSCHMANN, M. M. & PEREIRA, C. A. M. (org.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ISER, W. *O ato da leitura: Uma teoria de efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996. v.1.
- LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LE GOFF, J. *História: novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LEPENIES, W. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996.
- LINS, I. *História do positivismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- LUKÁCS, G. *La Novela Histórica*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1976.
- MACEDO, J. M. *A moreninha*. 32. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- MANGEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINS, W. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1977-78. v. 3. (1855-1877); v.4. (1877-1896); v.5. (1897-1914).
- MERQUIOR, J. G. *De Anchieta a Euclides, breve história da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.
- MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MICELI, S. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MORAIS, R. *Lima Barreto: o elogio da subversão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MURICY, K. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O legado da desrazão: A normalização médica e o romance de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, 1985. Tese (Doutorado em Filosofia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- OLSON, D. R. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Ática, 1997
- PESAVENTO, S. J. *Exposições Universais: palcos de exibição do mundo burguês – Em cena, Brasil e Estados Unidos*. UFRGS, s.d. (mimeo).

- PESAVENTO, S. J. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- POMPÉIA, R. *O Ateneu: crônica de saudade*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1992.
- PLUM, W. *Exposições mundiais: espetáculos da transformação sócio-cultural*. Bonn-Alemanha: Friedrich-Ebert-Stiftung, 1979.
- QUEIROZ, E. de. *Civilização e outros contos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A cidade e as serras*. 21. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- REVEL, J. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. *História da vida privada 3: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RIBEIRO, J. *A Carne*. São Paulo: Martin Claret, 1999.
- ROCHA, H. H. P. *Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20*. Campinas, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- SÃO PAULO, Estado de. *Programma das Diversas Disciplinas que Constituem o Ensino no Gymnasio da Capital do Estado de São Paulo*. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1913.
- SCHAPOCHNIK, N. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: Bresciani, S (Org.). *Imagens da Cidade: séculos XIX E XX*. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, 1994.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870–1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCLIAR, M. *Sonhos Tropicais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A paixão transformada: história da medicina na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. *Revista brasileira de história*. v.5 (8/9), p. 69-83, set. 1984/ abr. 1985.
- \_\_\_\_\_. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, F. A. (coord.) & SEVCENKO, N. (org.) *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3.
- \_\_\_\_\_. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. A. (coord.) & SEVCENKO, N. (org.) *História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3.
- SODRÉ, N. W. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- SOUSA, H. M. I. *O missionário*. São Paulo: Ática, 1987.
- STAROBINSKI, J. A literatura. In: LE GOFF, J. comp. *História: novas abordagens*. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 132-43.
- VENTURA, R. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977.
- VERNE, J. *Paris no século XX*. São Paulo: Ática, 1995.
- VEYNE, P. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 1995.
- VIERNE, S. Ligações tempestuosas: a ciência e a literatura. In: CORBOZ, A. et. al. *Ciência e imaginário*. Brasília: Editora UnB, 1994.
- WATT, I. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ZALUAR, A. E. *O doutor Benignus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- ZOLA, E. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Do Romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. São Paulo: Editora Imaginário: Edusp, 1995.